

Diálogos Políticos

COM VANDER LOUBET

Ido Michels
Eronildo Barbosa
Éder Yanaguita

Apresentação por João Leite Schmidt

esp. ž. cie. Z. **perico** con aliado f. A. **idena** m. **esniclanivas**



Vander Luiz dos Santos Loubet nasceu em Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul, em 1964. Desde muito jovem, se dedica à atividade política, tendo participado do movimento estudantil e do movimento sindical bancário. Foi um dos fundadores do PT em MS. Depois de exercer vários cargos de direção no partido e de ter sido secretário de Estado no governo de Zeca do PT, Vander, em 2002, foi eleito deputado federal. É conhecido pela sua capacidade de diálogo e de conciliação e pelo potencial para captação de investimentos federais para os municípios de Mato Grosso do Sul, qualidade reconhecida por prefeitos e vereadores de todos os partidos políticos. Cumpre seu terceiro mandato, sendo o atual coordenador da bancada federal de MS no Congresso Nacional.

Website: www.vanderfazmais.com.br

OS AUTORES



Ido Michels é Doutor pela Universidade de São Paulo (USP), professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e assessor parlamentar do deputado federal Vander Loubet. Atuou como comentarista econômico da TV Morena (afiliada Rede Globo). É autor de inúmeras pesquisas, algumas transformadas em livros, como “Crítica ao modelo catarinense de desenvolvimento” (Editora UFMS, 1998), “Cadeia produtiva da carne bovina de Mato Grosso do Sul” (Editora Oeste, 2001) e “Cadeias produtivas de Mato Grosso do Sul” (Editora UFMS, 2004). Website: www.idomichels.com.br. E-mail: idoichels@uol.com.br.



Eronildo Barbosa da Silva é Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e professor universitário. Pesquisa e escreve sobre relações de trabalho, história de Mato Grosso do Sul, política, sindicalismo, movimento popular e educação. É autor, entre outros, dos livros “Educação e sindicalismo em Mato Grosso do Sul” (1996), “Sindicalismo em Mato Grosso do Sul” (2005) e “55 anos do Sindicato dos Bancários de Campo Grande” (2014). E-mail: eronildobrasil@hotmail.com.



Éder Yanaguita é jornalista, bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e assessor parlamentar do deputado federal Vander Loubet. Desde 2002, atua no mercado de assessoria de comunicação, publicidade e tecnologia da informação. É autor do livro “Cadeia produtiva da minero-siderurgia de Mato Grosso do Sul” (Editora UFMS, 2004). E-mail: ederyanaguita@uol.com.br.

Todos os direitos reservados.

© 2014, Edição dos autores.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito dos autores, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Autores

IDO MICHELS

ERONILDO BARBOSA

ÉDER YANAGUITA

Transcrição das entrevistas

LÚCIA ALVES

Revisão

TAÍS KRUGMAN

ÉDER YANAGUITA

Foto do Vander e dos autores

WAGNER TAKAMORI (WWW.TAKAMORI.COM.BR)

Capa e diagramação

ADO BIAGI

Diálogos Políticos

COM VANDER LOUBET

Ido Michels
Eronildo Barbosa
Éder Yanaguita

Apresentação por João Leite Schmidt

APRESENTAÇÃO (POR JOÃO LEITE SCHIMDT) | 10 |

INTRODUÇÃO | 14 |

CAPÍTULO 1

PORTO MURTINHO E A POLÍTICA | 16 |

CAPÍTULO 2

CONSTRUINDO O PT NO MATO GROSSO DO SUL | 30 |

CAPÍTULO 3

PAUSA NA POLÍTICA PARA BREVE
EXPERIÊNCIA NA INICIATIVA PRIVADA | 48 |

CAPÍTULO 4

A BATALHA PELA PREFEITURA DE CAMPO GRANDE EM 1996 | 60 |

CAPÍTULO 5

O PT CONQUISTA O GOVERNO DE MATO GROSSO DO SUL | 68 |

CAPÍTULO 6

CONSTRUINDO O GOVERNO POPULAR | 80 |

CAPÍTULO 7

A CAMINHO DO CONGRESSO NACIONAL | 104 |

CAPÍTULO 8

AÇÃO POLÍTICA E BASTIDORES EM BRASÍLIA | 118 |

CAPÍTULO 9

PUCCINELLI VERSUS DELCÍDIO PARA O GOVERNO EM 2006 | 134 |

CAPÍTULO 10

A DERROCADA DO PMDB EM CAMPO GRANDE EM 2012 | 142 |

CAPÍTULO 11

ANÁLISES SOBRE A CONJUNTURA ATUAL | 152 |

guntar qual importância tinha para a sua vida. Resposta: Eu nasci em Murtinho, que é um município do Mato Grosso do Sul. Quando foi criado, em 1945, foi para a região da fronteira com o Paraguai, onde havia estrada rodagem e se propagava a política de difusão de ideias políticas. Quando eu nasci, em 1945, Murtinho era um município importante, pois era um centro de difusão de ideias políticas. Na década de 80, por exemplo, quando eu estava no ensino médio, a política de difusão de ideias políticas era muito ativa por ser um município importante. Quando eu nasci, em 1945, Murtinho era um município importante, pois era um centro de difusão de ideias políticas. Na década de 80, por exemplo, quando eu estava no ensino médio, a política de difusão de ideias políticas era muito ativa por ser um município importante.

Apresentação

Quando eu nasci, em 1945, Murtinho era um município importante, pois era um centro de difusão de ideias políticas. Na década de 80, por exemplo, quando eu estava no ensino médio, a política de difusão de ideias políticas era muito ativa por ser um município importante. Quando eu nasci, em 1945, Murtinho era um município importante, pois era um centro de difusão de ideias políticas. Na década de 80, por exemplo, quando eu estava no ensino médio, a política de difusão de ideias políticas era muito ativa por ser um município importante.

Os autores IDO MICHELS, ERONILDO BARBOSA, são doutores e professores em áreas diferentes. EDER YANAGUITA, também com formação acadêmica, é jornalista.

No fundo são pesquisadores e no caso de “diálogos políticos”, vão à fonte primária da pesquisa que é o entrevistado. Eles inauguram assim uma nova forma de escrever a história do pensamento político em Mato Grosso do Sul, por momentos.

Eu já tivera contato com “diálogos criativos”, com Domenico de Masi e Frei Beto, com mediação e comentários de José Ernesto Bologna, psicanalista e educador. O método é o diálogo, revelador das diferenças e dos encontros.

Só para situarmos o momento em que vivemos, difícil e complexo, talvez como nenhum outro, é bom citar os ensinamentos de Frei Beto, em sua primeira intervenção em “diálogos criativos” “penso que vivemos, hoje, não uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Da modernidade, estamos passando para aquilo que provisoriamente, é considerado pós modernidade.

A última vez que a humanidade passou por uma mudança de época foi ao deixar a idade média para ingressar na modernidade”.

Eu diria que estamos abandonando o mundo analógico e entrando no mundo digital. Tudo é muito rápido e tudo é provisório. É difícil ser contemporâneo desse tempo.

O entrevistado é o corajoso deputado federal Vander Loubet, meu conhecido e amigo. É homem de beira de rio e por isso está sempre de volta a Porto Murtinho e afirma que a cada momento que olha para o rio o rio é novo, daí o seu destemor de dar entrevistas.

O Vander é político por vocação. Entregou os melhores momentos de sua vida ao PT e aos seus companheiros. Sempre estive na dianteira de outros pensadores, quando os ribeirinhos do rio Paraguai navegavam o rio

na canoa com remo ou com zinga o Vander já navegava com lancha e motor de popa.

Pela entrevista se observa que é um homem de muitas dúvidas, capaz, por isso, de aceitar mudanças e costuma afirmar que os homens só de certezas, não mudam nunca. São conservadores e radicais. Acha-se um homem de esquerda, sonhador e utópico.

Em junho do ano passado vimos a caminhada de milhões de pessoas pelas principais cidades brasileiras, mobilizadas pelas redes sociais sem interferência de lideranças de partidos políticos e nem de centrais sindicais. É mudança de época.

Durante a primavera de 1968 em Paris as lideranças dos estudantes com Daniel Cohn-Bendit á frente revelaram seu propósito consciente de fazer, não oposição, mas desordem. Marcuse entendia que diante da irracionalidade da sociedade industrial contemporânea a única atitude certa é provocar a desordem nessa sociedade e contribuir, com isso, para que ela caia.

Hoje as alternativas políticas são buscadas fora do sistema vigente, tomara que seja somente um ponto fora da curva.

O Vander ajudou o PT a chegar ao governo do Mato Grosso do Sul, ajudou na construção do governo popular, na concepção de um vigoroso programa de segurança alimentar, na implantação do bolsa escola, fundamentos da ação social do governo Zeca.

Político habilidoso, paciente, aprendeu desde cedo que a ciência da vida não é viver, mas sim conviver. Sempre acreditou em alianças, acredita mesmo que até DEUS teve de fazê-las com ABRÃO, MOISES, JOSUÉ, DAVI E SALOMÃO. E indaga: - Porque não praticar alianças entre partidos que, ocasionalmente são oposição ou situação, e por isso, dentro do sistema, faces da mesma moeda?

Suas táticas e estratégias passam pelas alianças, e creio mesmo que seus ensinamentos chegaram a São Paulo e Lula, na última eleição, fez aliança com PP de Paulo Maluf, e elegeu Haddad. É claro, o Lula é o principal condutor do PT e com esse gesto nas últimas eleições ele sepultou os preconceitos.

Ele, Vander, para muitos age e pensa como profeta, no sentido de que o profeta é um mensageiro de um tempo novo que nós ainda não co-

nhecemos, mas o Vander nos da notícias desse tempo e o esmiúça como se lá estivesse.

Sei que ele não é melindroso, por isso posso dizer que embora tenha o pensamento sempre muito claro, privilegiadamente atento e lúcido, ouse afirmar que foi o Zeca do PT que lhe permitiu colocar o pé no estribo da história. Mas depois disso pegou as rédeas nas mãos e cavalgou com seus sonhos e utopias rumo ao horizonte, correndo riscos, mas sempre de cabeça erguida.

O Vander tem consciência que o único conhecimento válido é que se alimenta de incerteza e que o único pensamento que vive é o que se mantém em alta temperatura. Sabe que o único dever do revolucionário é fazer a revolução, e ele a faz todos os dias em benefício do povo de Mato Grosso do Sul. Boa sorte aos autores e ao entrevistado.

Agosto de 2014.
João Leite Schmidt

O cotidiano da política, em geral muito dinâmico, nem sempre permite que seus atores reservem um momento para se dedicar a reflexões mais profundas e analíticas sobre o dia-a-dia e as questões de fundo que norteiam as estratégias e táticas dos agentes políticos em suas decisões. Boa parte dos políticos o faz na forma de livro de memórias, depoimentos ou vídeos, quando já terminaram ou estão por terminar as respectivas carreiras.

Foi a partir dessa percepção que um dos autores desse livro, Ido Michels, em conversa com o deputado federal Vander Loubet, ponderou sobre a possibilidade e a oportunidade de o parlamentar expressar, de forma sistemática e analítica, a sua percepção e vivência política, tendo em vista que ele - Vander - é publicamente conhecido como um estrategista e ótimo leitor de cenários políticos, além de conciliador.

A primeira reação de Vander foi a de abraçar a ideia. Aliás, um de seus grandes atributos é sempre estar estimulando as iniciativas, de seus assessores e/ou apoiadores. Apenas expressou preocupação para que os seus depoimentos não se convertessem em uma espécie de biografia e em uma obra de memórias.

Entre dezembro de 2013 e maio de 2014, tivemos a oportunidade de conversar diversas vezes com Vander, em sua casa, sempre aos domingos. As entrevistas, em tom de bate-papo, duravam algumas horas. Ao final, foram praticamente mais de 40 horas de entrevista. Nunca houve pergunta ou assunto proibido.

Portanto, o que lhes apresentamos nessa obra reflete a forma de pensar e de agir de Vander na política, onde as experiências e os personagens não são o foco, mas sim o pano de fundo. O que o leitor tem em mãos não é um trabalho acadêmico nem um texto de memórias. Trata-se, objetivamente, de um diálogo sobre tática e estratégia política, um pouco daquilo que Vander sistematizou e aplicou nas campanhas do PT e aliados e na construção da sua rede de ação política.

Estruturado em 11 capítulos, o livro traz parte significativa da história política recente do estado, como o surgimento do PT em 1982; a histórica eleição de 1996 em Campo Grande; a vitória petista na disputa pelo governo estadual em 1998; as gestões de Zeca do PT como governador; a desistência da candidatura de André Puccinelli ao governo em 2002; as eleições de Vander para deputado federal; os bastidores de Brasília e a disputa de 2012 em Campo Grande. Esses momentos são contados de forma direta e informal, sem meias palavras, resgatando fatos e personagens que fizeram ou ainda fazem parte do cotidiano da política de Mato Grosso do Sul.

Os autores.

PORTO MURTINHO E A POLÍTICA

CAPÍTULO 1

Este primeiro capítulo aborda as origens de Vander Loubet e como a atividade política de ambos os lados da família - dos Miranda dos Santos e dos Loubet -, marcada por disputas internas, influenciou a forma como o deputado vê e pensa a política.

Qual a importância de Porto Murtinho para a sua vida política?

Eu nasci em Porto Murtinho¹, que é uma cidade banhada pelo Rio Paraguai². No passado, foi um centro importante de difusão de ideias políticas. Elas vinham pelos marinheiros e mascates, que chegavam ao nosso porto quando não havia estrada de rodagem e se propagavam pelos trabalhadores da erva-mate, do tanino, das charqueadas e no ambiente militar, que era muito ativo por ser um município de fronteira. Se você estudar a história de Murtinho, vai ver que o Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1945, na eleição para presidente da República, teve a maioria dos votos. O Iedo Fiúza, candidato dos comunistas, ganhou do Eurico Gaspar Dutra e do Eduardo Gomes.

Você está dizendo que Porto Murtinho é uma cidade progressista?

Sim. Uma cidade progressista, em todos os sentidos. Murtinho é um município plural, recebeu gente do mundo inteiro. Tanto que comunistas e trabalhistas de vários países da América do Sul viviam na cidade. Eles fugiram para Murtinho por conta das lutas políticas em seus países (principalmente os paraguaios). Isso tudo me influenciou. Eu ouvia essas histórias contadas por meus familiares. Na década de 80, por

1. Situada às margens do Rio Paraguai, a cidade de Porto Murtinho traz em suas raízes misturas de povos da fronteira e dos vários rincões do Brasil. É conhecida como a “última guardiã do Rio Paraguai”. A história de Porto Murtinho tem início no fim do século XIX, quando produtores de erva-mate criaram um porto fluvial para escoar sua produção. O Porto Fluvial Murtinho deu início ao desenvolvimento do município e teve esse nome em homenagem a Joaquim Murtinho, que foi governador da Província de Mato Grosso. Sua população era de 16.162 habitantes em 2013.

2. O Rio Paraguai tem um comprimento de 2.600 quilômetros, contando da sua nascente até a desembocadura no Rio Paraná. Banha as margens brasileiras numa extensão de 1.300 quilômetros. Também banha Bolívia e Paraguai. É por ele que o processo de ocupação do sul de Mato Grosso se efetivou. É um rio de integração econômica e social entre vários povos latino-americanos.

exemplo, circulava em Porto Murtinho o jornal A Voz da Unidade, que era um instrumento de divulgação política do PCB. Naquela época, era uma leitura importante para quem queria conhecer a política brasileira. Acredito que o meu gosto pela política está ligado a essa história de luta que o povo do meu município vivenciou.

A sua família tinha atividade política?

Sim. Muita atividade política. Eu venho de famílias, por parte de pai e de mãe, que gostam de política. O velho Orcírio³ - pai do Zeca do PT e meu avô - foi prefeito e delegado de Porto Murtinho. Ele e os irmãos fizeram história na fronteira porque lutavam por causas justas. Vou contar uma história que é muito conhecida no sul do então Mato Grosso e que mostra o senso de justiça deles, na época: na década de 30, havia um bandoleiro chamado Silvino Jacques⁴, que provocava muito medo na população da região da fronteira. Esse Silvino e seu bando mataram um pequeno comerciante, que era parente nosso e morava no município de Bela Vista. Os meus tios, inclusive o Seu Orcírio, só descansaram quando eliminaram esse bandoleiro, em 1939.

Quais eram as ligações políticas e ideológicas da sua família?

Conta o meu tio Osório Miranda dos Santos⁵, irmão da minha mãe, que a nossa família tem participação na atividade política desde quando os mais antigos moravam na Europa. Eram judeus e lutavam em defesa da sua cultura. Depois, quando vieram para o Rio Grande do Sul, para escapar das perseguições contra

3. Orcírio Miranda dos Santos foi gerente de fazenda, delegado de Polícia, vereador e prefeito em Porto Murtinho nas décadas de 60 e 70.

4. Silvino Jacques nasceu no Rio Grande do Sul. Veio para o sul de Mato Grosso depois de ter cometido vários crimes no seu estado. Tornou-se bandoleiro famoso e perigoso e atuava na fronteira do Brasil com o Paraguai. Morreu em 1939, vitimado por uma bala disparada por uma das armas da família Orcírio Miranda dos Santos, que o perseguia desde que o referido matou um parente deles em Bela Vista.

5. Osório Miranda dos Santos é sargento do Exército Brasileiro e foi vereador em Porto Murtinho por cinco mandatos consecutivos (1982-2004).

os judeus, continuaram fazendo política. Meu avô por parte de mãe, Orcírio Miranda dos Santos, ainda jovem, participou da chamada Revolução de 1932, contra Getúlio Vargas. Ele queria a emancipação do sul de Mato Grosso. Depois, se tornou delegado de Polícia de Porto Murtinho. Em 1946, se filiou ao PSD⁶ e foi um dos líderes desse partido na região da fronteira com o Paraguai. Em 1962, foi eleito vice-prefeito de Porto Murtinho pelo PSD. Em 1965, assumiu a administração da prefeitura da cidade. Depois, foi vereador por dois mandatos pela Arena⁷. Na década de 1980, se filiou ao PMDB⁸.

Você falou do papel político que seu avô Orcírio Miranda cumpriu na região de fronteira. Que lembranças você tem de sua avó, Dona Assunção?

O velho Orcírio era o comandante da família. E a Dona Assunção Miranda dos Santos, esposa do velho Orcírio, era a grande estrategista da família. Ela tinha uma visão muito moderna sobre o futuro dos filhos e dos agregados que viviam em torno da sua casa. A questão educacional dos filhos era acompanhada de perto por ela. Tanto que, naquela época, ela saiu da fazenda e foi morar em Porto Murtinho para garantir o estudo dos filhos. Foi com base no esforço dela, inicialmente, que a família Miranda dos Santos criou as condições econômicas e políticas para ocupar os espaços que tem nos dias de hoje. Ela foi uma guerreira. Criou as bases para que os filhos seguissem outro caminho que não o da roça.

6. Partido Social Democrático (PSD) foi um partido político brasileiro, fundado em 17 de julho de 1945 e extinto pela Ditadura Militar pelo Ato Institucional Número Dois (AI-2), em 27 de outubro de 1965. Foi formado sob os auspícios de Getúlio Vargas, de caráter liberal-conservador. Entre 1945 e 1964, formou o bloco pró-getulista da política brasileira, em oposição à União Democrática Nacional (UDN). Uma nova versão do partido foi criada em 1987 e durou até 2002. Em 2003, foi incorporado ao PTB. Em 2011, foi fundado outro PSD, criado a partir de políticos dissidentes do Democratas (DEM), Partido Progressista (PP), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Partido Popular Socialista (PPS), entre outros.

7. Aliança Renovadora Nacional (Arena) foi um partido político brasileiro criado em 1965, com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar instituído a partir do Golpe de Estado no Brasil, em 1964.

8. Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

A sua família por parte de pai tinha atividade política?

O nosso avô, José Próspero Paulo Loubet, contava que a família veio da França para a América Latina no século XIX. Primeiro, moraram na Argentina e depois vieram para o Brasil. Os Loubet tinham e têm atividades políticas na França. Emile Loubet⁹ foi o sétimo presidente da França. Exerceu mandato entre 1899 e 1906. Eles eram maçons, que na época era uma instituição revolucionária. Foi a principal força de luta contra o feudalismo em favor da República, na Europa. Tanto é que meu bisavô, Paulo Loubet, foi um importante líder da Maçonaria na região de Bela Vista e outras cidades da fronteira. Ele era casado com minha bisavó, Cedanira Loubet, que era uma parteira conhecida da região de fronteira.

E seus pais, como lhes educaram?

Eu sou filho de um militar e de uma mulher guerreira, como foi a mãe dela, Dona Assunção. Meu pai, Bernardo Loubet, é sargento aposentado do Exército Brasileiro e produtor rural. A minha mãe, Dona Aparecida dos Santos Loubet, sempre cuidou com toda dedicação e carinho dos filhos. Soube dar educação e sentido de vida para nós. Tenho dois irmãos: Darley José dos Santos Loubet, que trabalha na fazenda com meu pai, e Elizabeth dos Santos Loubet, que mora em Campo Grande e trabalha como psicóloga. Uma das grandes lições que meus pais me ensinaram é sobre compromissos. Eles sempre me disseram: “Ninguém é obrigado a tratar. É obrigado a cumprir”. Levo como lição de vida para a política, só assumo compromissos que posso honrar. Já fiz diversas campanhas políticas e sempre honrei os compromissos acertados. Com o

9. Emile Loubet foi um político francês. Exerceu vários cargos públicos na França, entre eles o de primeiro-ministro (de fevereiro a dezembro de 1892) e o de presidente da República (1899-1906).

passar do tempo na política, isso é uma questão muito valiosa, na medida em que é com base nesse quesito que seus interlocutores, aliados ou adversários se pautam para fazer acordos ou não com você. Entre outras, essa foi uma lição muito valiosa que recebi dos meus pais.

E quanto aos seus filhos? Que tipo de valores transmite a eles?

Tenho dois filhos maravilhosos: a Tamara, estudante de Engenharia de Produção na PUC, em Curitiba, e o Bernardo, que estuda Engenharia também na PUC do Paraná. Sei que fico muito tempo cuidando de política e que isso pode gerar alguma reclamação dos meus filhos, mas na verdade percebo que eles entendem a minha opção de vida. Também não tento compensar a minha eventual ausência com presentes ou algo semelhante. Trato a coisa com o máximo de clareza. Explico a minha atividade e o caminho difícil que o destino me reservou. Sou orgulhoso porque eles nunca me deram trabalho. Gostam de estudar e a Roseli é rigorosa nesse quesito. A minha filha, com 17 anos, foi estudar na Inglaterra, sozinha. Eu sempre entendi que liberdade e responsabilidades caminham juntas, são conquistas importantes. Fui educado assim e junto com a minha esposa Roseli tenho esses princípios junto aos meus filhos, amigos e pessoas do meu convívio geral. Eu e a Roseli sempre repetimos ao Bernardo e à Tamara que o mais importante que vamos lhes deixar é a educação. Para isso nos empenhamos em dar o melhor e os incentivamos para que façam o melhor uso disso.

Não foi difícil passar a infância numa pequena cidade da fronteira do Brasil com o Paraguai?

Eu vivi com muita liberdade. Daí que sou um homem profundamente defensor de todas as formas de liberdade. Dizem que você forma o seu caráter na infância e adolescência. Eu aprendi a enfrentar a vida nas ruas de Murtinho. Naquela época, adolescente ainda, além de estudar, de pescar e de atravessar o Rio Paraguai a nado para chegar à Ilha Margarita¹⁰, um lugar bonito onde gostava de colher frutas e jogar bola, também andava muito de bicicleta. A cidade de Murtinho é plana e tinha poucos carros na época. O povo andava de bicicleta e a cavalo. Também ia ao cinema, que é um dos mais antigos do estado. Aliás, no governo do Zeca, recuperamos o prédio desse tradicional cinema.

10. Ilha Margarita é uma porção de terra que fica na margem direita do Rio Paraguai, defronte à cidade de Porto Murtinho. Nesse local, há algumas casas, pomares e funciona também um discreto comércio de produtos eletrônicos e de bebidas.

11. Heitor Miranda é promotor de Justiça do Estado. Foi procurador do Incra (1985) e secretário de Estado de Trabalho (1986). Também foi prefeito de Porto Murtinho (1988-1992), sendo novamente eleito prefeito da cidade em 2012.

12. Plínio Barbosa Martins foi um dos líderes do MDB e do PMDB em MS. Também foi prefeito de Campo Grande (1969-1973) e deputado federal (1982-1990).

13. Valter Pereira foi um dos líderes do MDB e do PMDB em MS. Foi vereador em Campo Grande (1972-1974), deputado estadual (1974-1978), deputado federal (1986-1994) e senador (2007-2011).

14. Antônio Carlos de Oliveira é jornalista e advogado. Foi deputado federal pelo MDB (1974-1982) e candidato pelo PT ao governo de MS (1982). Depois, saiu da atividade política e se tornou advogado em Brasília.

Você começou cedo a participar dos diálogos que eram travados entre os considerados tradicionais e a nova geração dos Miranda dos Santos, que optaram pela militância em partidos de esquerda ou contrários à Ditadura Militar?

Havia muita discussão por causa de política. Eram fortes as discussões nas reuniões em família. As pessoas que não nos conheciam achavam que iria virar briga física. No almoço, depois que todo mundo tomava umas cachaças, as pessoas se alteravam. O ambiente ficou mais quente quando meu tio Heitor Miranda¹¹ foi para o MDB, que depois virou o PMDB. Em 1978, o Heitor, recém-formado e advogando em Porto Murtinho, trazia para pedir voto no município os militantes mais aguerridos do MDB: Plínio Barbosa¹², Valter Pereira¹³ e Antônio Carlos de Oliveira¹⁴. Isso contrariava um pouco os mais velhos e ainda havia aquela história que eram comunistas e tal.

O Heitor e o Osório eram ativos militantes do PMDB?

Sim. Em 1985, o Heitor foi procurador jurídico da Prefeitura de Campo Grande e secretário de Estado do Trabalho de Mato Grosso do Sul, no mandato do governador Ramez Tebet¹⁵, do PMDB. Depois, foi prefeito de Porto Murtinho pelo PMDB. O Osório também era do PMDB e uma pessoa de esquerda. Em 1982, por exemplo, quase foi punido porque o Zeca ficava na casa dele, na Vila Militar do Exército. O Osório é uma pessoa de pulso firme e inteligente. Depois de servir ao Exército, em várias cidades do Brasil, voltou para Porto Murtinho e se tornou uma liderança do PMDB. Foi vereador por cinco mandatos consecutivos.

Como você circulava no meio da família, já sendo um militante do PT e principal parceiro de Zeca?

Como a família era muito dividida politicamente e o Zeca era mais explosivo, eu acabava fazendo uma espécie de mediação, buscando as coisas que tínhamos em comum e administrando as divergências mais agudas, não deixando arrebentar as relações. Essa experiência foi muito importante porque no PT, mais tarde, eu procurava unir as pessoas em torno de projetos ou das decisões que nem sempre eram consensuais. Os conflitos familiares, como vocês me perguntaram, serviram de ensinamentos. Ali, eu exercitei um pouco dessa facilidade que tenho hoje de conviver com o contraditório. Gosto do desafio de coordenar pessoas e projetos, com visões contrárias, pois esse convívio com os embates e visões diferentes sobre os fatos ou projetos me motivam muito.

15. Ramez Tebet foi advogado, promotor de Justiça, prefeito de Três Lagoas (1974-1978), deputado estadual (1978-1982), vice-governador, eleito em 1982, e governador, em 1986. Também foi ministro da Integração Nacional (2001), senador (1994-2007) e presidente do Senado.

Como a sua família via as atividades da nova geração de políticos da família, que preferia o campo da oposição?

Havia preocupação. Como já falei, meu avô era um homem tradicional, que vinha do velho PSD e da Arena. Era difícil para ele ver os filhos na oposição ao Regime Militar. Até porque o Zeca, o mais atirado politicamente, tinha tentado, de forma biônica¹⁶, ser indicado prefeito de Porto Murtinho pela Arena. Isso aconteceu em 1974, quando ele era funcionário do Banco do Brasil. Graças ao prestígio do velho Orcírio, tentou-se construir aquela nomeação biônica para o Zeca. Depois com a decisão de Zeca de montar o PT e sair candidato a deputado estadual, em 1982, a família se dividiu politicamente. Era uma tensão enorme em época de eleição, só que depois todo mundo se juntava.

Qual foi a sua primeira atividade política?

Desde criança gosto de política. Nasci nesse meio, como já falei, mas a minha primeira experiência em política partidária foi em 1978. Eu tinha 14 anos. Naquela campanha, eu pedia voto para os candidatos do MDB. O Heitor era um dos líderes do partido em Porto Murtinho. Eu o seguia mesmo não sendo ainda eleitor. Admirava a coragem do pessoal do MDB, que mesmo podendo ser preso não cedia aos caprichos dos representantes da Ditadura.

16. Até 1985, os prefeitos das capitais e dos municípios considerados de segurança nacional eram indicados pelos líderes políticos da Ditadura Militar de forma biônica (escolha indireta). Não havia eleição popular para a escolha do prefeito. Porto Murtinho, por exemplo, era um desses municípios em que o prefeito era indicado.

Como foi a sua decisão de ir estudar em Cuiabá, em 1979?

Eu tinha um tio que era militar e morava em Cuiabá.

Era uma oportunidade para conquistar novos conhecimentos. Me matriculei em um colégio de padres. Ali, tive os primeiros contatos com a teoria política de esquerda. Tinha um padre, professor de História, já falecido, com boa formação no campo de esquerda e que falava de um sindicalista que se chamava Lula. O Lula, em 1979, liderava aquelas greves do ABC. Esse padre discutia conosco a importância da liderança política, da luta sindical, o significado da filosofia política, bem como o trabalho que o Lula vinha desenvolvendo para criar um partido para os trabalhadores. Os contatos com esse padre e as leituras que estava fazendo aguçaram o meu compromisso com as atividades políticas do campo de esquerda. Aquelas reflexões abriram a minha mente para a possibilidade de se construir um mundo mais justo, generoso e igualitário.

Você ficou quanto tempo em Cuiabá?

Pouco tempo. Em 1979, teve uma enchente em Porto Murtinho. O rio subiu e cobriu quase toda a cidade. Algumas famílias instalaram barracas na parte mais alta do município e ficaram esperando o rio baixar. O meu pai, que já estava aposentado, adquiriu uma casa em Campo Grande, no Bairro Sargento Amaral, e eu voltei de Cuiabá para estudar em Campo Grande, na Mace¹⁷, onde me iniciei no movimento estudantil secundarista, sob a influência do PT, que tinha sido criado recentemente no estado.

17. Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino (Mace) é um tradicional colégio particular de Campo Grande, da família de Pedro Chaves dos Santos Filho e Reni Domingos dos Santos. No passado, havia um núcleo ativo do movimento estudantil nesse colégio.

Quais lições você trouxe da militância estudantil secundarista para a política partidária e atuação parlamentar?

O movimento estudantil foi junto com os embates políticos familiares uma grande escola para mim. Foi onde fui adquirindo as práticas formais das reuniões, assembleias e debates de toda ordem. Onde aprendi a importância de ouvir os outros, refletir, responder, divergir, fazer acordos ou disputas eleitorais. Tudo isso, como prática, foi inicialmente adquirido no movimento estudantil, primeiro no secundarista e depois no universitário.



Rio Paraguai e vista da Isla Margarita

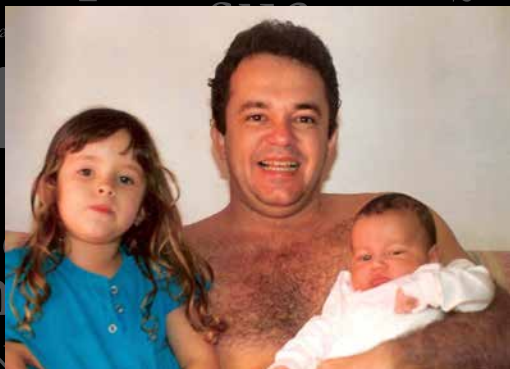
Foto: Toninho Ruiz



Vander com Roseli e os filhos Tamara e Bernardo em encontro do PT



Vander com Roseli e os filhos Tamara e Bernardo em festa de réveillon



Vander com a filha Tamara e o filho recém-nascido Bernardo



Vander com os pais Bernardo e Dona Aparecida



Cine teatro - Foto: Toninho Ruiz



Vander e a avó materna, Dona Assunção



Vander (terceiro da esq para dir)
no ensino fundamental



Vander, Dona Assunção e Zeca



Vander (no meio) com os
irmãos Elizabeth e Darley



Rio Paraguai com prefeitura ao fundo
Foto: Toninho Ruiz

Como o seu processo organizacional estado? voltei de Cuiabá e Zeca voltou de São Paulo, ele teve com o Detório do PT. Achei campo, ele me falou seu novo projeto político, construção PT. Também dispôs a militância política, anos Zeca, quando a construir o PT no estado de Mato Grosso do Sul. A época, acompanhava esse trabalho. A organização do partido na região onde eu estava com Zeca, dificuldades porque, pessoalmente, do PT. Acha que era mais plena, a tração vista como sendo normal, já que essa polaridade comunista realmente precisava dos debates da época. Pergunta: Quais foram os primeiros passos do PT aqui no estado? Resposta: Não lembro o nome de todos, mas lembro que, inicialmente, Ezequiel Jandir de Oliveira, Sérgio Onça, Aurélio Gance, Gomercindo Zeca do PT, Silvio Nucci, Haroldo Borralho, Arruda, Neginhoda Carne, João das Massas, Estelândia, Alcidearia, Antônio Carlos, e outros. Pergunta: Como foi o seu encontro com Zeca? Resposta: Eu voltei de Cuiabá e o Zeca estava em São Paulo. Em Assis, ele me contou com o Detório do PT. Achei campo, ele me falou seu novo projeto político, construção PT. Também dispôs a militância política, anos Zeca, quando a construir o PT no estado de Mato Grosso do Sul. A época, acompanhava esse trabalho. A organização do partido na região onde eu estava com Zeca, dificuldades porque, pessoalmente, do PT. Acha que era mais plena, a tração vista como sendo normal, já que essa polaridade comunista realmente precisava dos debates da época. Pergunta: Quais foram os primeiros passos do PT aqui no estado? Resposta: Não lembro o nome de todos, mas lembro que, inicialmente, Ezequiel Jandir de Oliveira, Sérgio Onça, Aurélio Gance, Gomercindo Zeca do PT, Silvio Nucci, Haroldo Borralho, Arruda, Neginhoda Carne, João das Massas, Estelândia, Alcidearia, Antônio Carlos, e outros. Pergunta: Como foi o seu encontro com Zeca? Resposta: Eu voltei de Cuiabá e o Zeca estava em São Paulo. Em Assis, ele me contou com o Detório do PT. Achei campo, ele me falou seu novo projeto político, construção PT. Também dispôs a militância política, anos Zeca, quando a construir o PT no estado de Mato Grosso do Sul. A época, acompanhava esse trabalho. A organização do partido na região onde eu estava com Zeca, dificuldades porque, pessoalmente, do PT. Acha que era mais plena, a tração vista como sendo normal, já que essa polaridade comunista realmente precisava dos debates da época. Pergunta: Quais foram os primeiros passos do PT aqui no estado? Resposta: Não lembro o nome de todos, mas lembro que, inicialmente, Ezequiel Jandir de Oliveira, Sérgio Onça, Aurélio Gance, Gomercindo Zeca do PT, Silvio Nucci, Haroldo Borralho, Arruda, Neginhoda Carne, João das Massas, Estelândia, Alcidearia, Antônio Carlos, e outros.

CAPÍTULO 2

CONSTRUINDO O PT NO MATO GROSSO DO SUL

Neste capítulo, abordaremos o reencontro de Vander com Zeca em Campo Grande, as primeiras conversas com Lula, as campanhas políticas de 1982, 1985, 1986 e 1988, bem como a sua participação no movimento estudantil secundarista e universitário e no movimento sindical.

Como foi o seu reencontro com Zeca e o processo de organização do PT no estado?

Eu voltei de Cuiabá e o Zeca voltou de Ourinhos, São Paulo, onde morava e era funcionário do Banco do Brasil, em Assis, também em São Paulo. Em Assis, ele teve contato com o Diretório Municipal do PT. Ao chegar em Campo Grande, ele me falou do seu novo projeto político, da construção do PT. Eu também estava disposto a militar nesse partido. Pouco tempo depois, estávamos eu e o Zeca ajudando a construir o PT no estado. Eu, ainda garoto à época, com 17 anos, acompanhava o Zeca nesse trabalho. A organização do partido na região Sudeste ficou comigo e com o Zeca. Era uma dificuldade imensa porque as pessoas tinham medo do PT. Achavam que era coisa de comunista, em plena Guerra Fria¹⁸, hoje vista como sendo normal, já que essa polaridade - capitalismo-comunismo - era, realmente, parte decisiva dos embates políticos da época.

Quais foram os primeiros militantes do PT aqui no estado?

Não lembro o nome de todos agora. Tenho que olhar a ata de criação do partido. Mas lembro que tinha Ezequiel Ferreira¹⁹, Jandir de Oliveira²⁰, Sérgio Onça²¹, Aurélio Cance²², Gomercindo²³, Zeca do PT, Silvio

18. Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, de 1945 a 1991.

19. Ezequiel Ferreira de Lima era presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Campo Grande quando o sindicato foi ocupado pelos militares e ele foi preso, em 1964. Foi militante do PCB e candidato a vice-prefeito de Campo Grande pelo PT em 1985.

20. Jandir de Oliveira era pedreiro e líder dos trabalhadores da construção civil de Campo Grande. Foi candidato a prefeito de Campo Grande pelo PT em 1985.

21. Sérgio Aparecido da Silva Onça é funcionário dos Correios. Foi líder estudantil universitário no início dos anos 1980.

22. Aurélio Cance é engenheiro civil. Foi vereador em Campo Grande (1978 a 2002) e secretário municipal da Prefeitura de Campinas, em São Paulo (2004-2010).

23. Gomercindo Clovis Garcia Rodrigues é engenheiro agrônomo, advogado e escritor. Durante muitos anos, foi assessor do ambientalista Chico Mendes, no Acre.

Nucci²⁴, Haroldo Borralho²⁵, Gilmar Arruda²⁶, Neginho da Carne²⁷, João das Massas, Estela Scandola²⁸, Alcides Faria²⁹, Antônio Carlos e outras centenas de companheiros que não me recordo o nome agora, mas que foram fundamentais para construir esse partido, que tem ajudado a mudar a cara do Brasil e do Mato Grosso do Sul.

Na ata de fundação do PT, além dos nomes que você citou, aparecem muitos outros. O que nos chamou a atenção são as diferentes origens dos fundadores do PT de Campo Grande.

24. Silvio Nucci é empresário. Foi secretário de Estado de Cultura de MS no governo de Zeca do PT.

25. Haroldo Borralho é advogado e um dos dirigentes do Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH) de MS.

26. Gilmar Arruda foi líder estudantil. Hoje é professor universitário no Paraná

27. Sebastião Gregório - conhecido como Neginho da Carne - foi um importante sindicalista. Na década de 80, criou e dirigiu por muitos anos o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de MS.

28. Estela Márcia Rondina Scandola é servidora pública estadual, professora universitária e militante dos direitos humanos. É formada em Serviço Social pela antiga Fucmar (atual UCDB) e doutoranda pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Atua no Comitê de Enfrentamento da Violência e de Defesa dos Direitos Sexuais de Crianças e Adolescentes de MS (Comcex-MS).

29. Alcides Faria é biólogo e dirigente da ONG Ecoa. Foi candidato a prefeito de Campo Grande pelo PT, em 1988.

Ah, sim. Somos um partido efetivamente com bases populares, pois essa ata mostra que havia eletricitistas, encanadores, trabalhadores rurais, estudantes, donas de casa. Daí uma reflexão que faço hoje: partidos políticos são uma construção social de suas épocas históricas e o PT não é diferente. Não existe um dono, alguém que sem ele o partido não se desenvolva. É claro que todos que compõem as estruturas e militância partidária contribuíram e contribuem de alguma forma para a construção partidária e para as mudanças sociais, mas cada um do seu jeito e dentro da sua possibilidade. Falo isso porque, às vezes, percebo que algumas pessoas se sentem mais importantes que outras dentro do PT. Não vejo assim. Entendo, e essa ata é uma materialização disso, que todos contribuíram e contribuem de alguma forma para a construção e ação do PT. Cada um colocando o seu tijolinho nesse processo. Alguns com mais destaque e a grande maioria de forma anônima e voluntária, somente com base em suas crenças e convicções.

Como foi a campanha do PT, em 1982, para o governo e para os cargos proporcionais?

Foi uma campanha muito difícil. Não tínhamos estrutura nem experiência. Era tudo muito improvisado. O Antônio Carlos de Oliveira, que tinha sido o deputado federal mais votado no estado, em 1978, pelo MDB, era o nosso candidato ao governo. Para o Senado, lançamos José Mirrha³⁰. Apresentamos também alguns candidatos a deputado federal e estadual, mas não tivemos êxito eleitoral³¹. O problema era que, além das nossas dificuldades internas (como falta de estrutura e de densidade eleitoral), porque estávamos começando, a maioria da população queria votar no Wilson Barbosa Martins³², que era muito conhecido e tinha sido cassado pela Ditadura Militar.

Por que o deputado federal Antônio Carlos, que era uma liderança do MDB, resolveu se filiar ao PT, em 1980?

Eu acho que ele já estava pensando na falta de espaço porque os Barbosas tinham o controle do MDB. Também tinha a questão da incorporação do PP³³ ao PMDB, que ele era contra. O PP era um partido com um viés muito conservador. Os quadros dele aqui no estado, com raras exceções, eram o pessoal que vinha da UDN³⁴ lá de trás e da Arena. Ele tentou se diferenciar. Achava que pela votação expressiva que teve em 1978 poderia seguir outro caminho fora do MDB e que levaria muitos prefeitos para o PT. Isso não aconteceu. A eleição de 1982, que ele disputou pelo PT, tinha aquela história do voto vinculado. Na verdade, ele não teve êxito eleitoral, mas levou o nome do PT ao estado inteiro. Eu me lembro com alegria de Antônio Carlos porque ele era um cara atirado, um líder feste-

30. José Mirrha era líder sindical.

31. A eleição para o governo de 1982 foi vencida por Wilson Barbosa Martins (PMDB). A chapa liderada por Antônio Carlos (PT) teve 4.541 votos. O candidato a senador José Mirrha (PT) teve 4.260 votos. A chapa de deputado federal teve como candidatos Ezequiel Ferreira de Lima, Stela Brandão, Gomercindo Rodrigues, Irineu Werner, João Santana e Osmar Lopes. Já a chapa de deputado estadual apresentou Alcides Farias, Zeca do PT, Raimundo Costa, Luís Carlos Alonso e Aparecido da Silva. A chapa de vereador do PT em Campo Grande teve como candidatos Airtton Dias, Carlos Barreto, Espiridião Rocha, Maurides Cavalcanti, Antônio Lúgis, Antenor Barreto, Álvaro Almeida, Edilberto de Sousa.

32. Wilson Barbosa Martins é advogado. Foi prefeito de Campo Grande (1958-1962), deputado federal cassado em 1969, governador de MS por duas legislaturas (1983-1987 e 1995-1998) e senador (1987-1995).

33. Partido Popular (PP) foi um partido político brasileiro, criado em 12 de fevereiro de 1980, após a reforma partidária realizada no governo do presidente João Figueiredo. Teve em Tancredo Neves sua maior liderança. Foi extinto após sua convenção nacional ter determinado a incorporação ao PMDB, em 1981, sendo uma das quatro agremiações políticas brasileiras a usar "PP" como sigla.

34. União Democrática Nacional (UDN) foi um partido político brasileiro fundado em sete de abril de 1945, frontalmente opo-
sitor às políticas e à figura de Getúlio Vargas, e de orientação conservadora.

jado como boa pinta e belo orador. Nessa eleição, ele conheceu a atriz Bete Mendes³⁵, que depois se tornou a sua companheira e deputada federal por São Paulo. Tem uma passagem muito curiosa do Antônio Carlos. Em 1980, trouxemos o Lula a Campo Grande e fizemos uma reunião na Câmara Municipal. Lula chegou com o Antônio Carlos e a atriz Bete Mendes, que era namorada do Antônio Carlos. Me lembro do discurso que o Antônio Carlos proferiu naquela noite. Ele apresentou o Lula assim: uma pessoa, um dirigente sindical, um líder que nasce um a cada século. Antônio Carlos falou isso em 1980 e está aí a história do Lula para provar o que ele disse.

O que teve de especial ou de diferente na eleição de 1982?

Tudo. As eleições de 1982 foram singulares. As últimas sob a Ditadura Militar. Houve votação para governador, senador, deputado, prefeito e vereador. Nas capitais e áreas de Segurança Nacional só foram realizadas eleições para vereador, já que os prefeitos eram indicados pelos governadores. Somente em 1985 houve eleições diretas para todos os prefeitos de capitais e municípios considerados de Segurança Nacional.

Quais foram as suas atividades na eleição de 1982?

Eu fazia de tudo. Visitava as feiras, as escolas, os sindicatos, entregava panfleto, fazia agitação no centro da cidade, visitava as igrejas católicas (como vocês devem saber, o PT era ligado ao grupo que defendia a Teologia da Libertação). Nessa eleição, lançamos oito candidatos a vereador em Campo Grande. Pelo interior também houve candidatos a vereador do partido. Não

35. Bete Mendes é uma atriz brasileira. Foi deputada federal pelo PT (1983-1987) e pelo PMDB (1987-1991), tendo participado da Constituinte de 1987.

elegemos ninguém. Eu cuidava mais da campanha do Zeca, que saiu para deputado estadual. Era uma tensão danada na nossa família porque o Osório e o Heitor apoiavam o Moka³⁶ do PMDB, que é nosso primo.

Depois da campanha de 1982, você foi estudar Direito em São Paulo?

Sim. Em 1983, fui para São Paulo estudar Direito na Universidade de Mogi das Cruzes. Continuei militando no PT, inclusive, em 1983, estive naquele primeiro comício pró-Diretas Já³⁷ realizado em São Paulo. Resumindo: fiquei um ano e pouco em São Paulo. Só que toda semana o Zeca me ligava pedindo para que eu voltasse a Campo Grande para ajudá-lo na organização do PT e do movimento sindical dos bancários.

Você participou do comício pelas Diretas Já que aconteceu em Campo Grande?

Sim. No dia 24 de março de 1984, aconteceu um comício na Avenida Afonso Pena com a Rua 14 de Julho, como reforço para a Campanha Nacional das Diretas Já, que lutava pela redemocratização do Brasil. Esse evento é considerado um dos mais importantes da história do estado. Artistas e políticos com atuação nacional compareceram a esse ato. Eu estava lá, embora preocupado porque naquele dia tinha sido demitido do banco que eu trabalhava, pelo fato de estar organizando uma chapa de oposição ao Sindicato dos Bancários de Campo Grande.

36. Waldemir Moka Miranda de Britto é médico, filiado ao PMDB. Foi vereador em Campo Grande (1982-1986), deputado estadual por três mandatos (1987-1998) e deputado federal por três mandatos (1999-2011). Foi eleito senador, em 2010.

37. No centro da Capital de São Paulo, em pleno aniversário da cidade, no dia 25 de janeiro, mais de 1,5 milhão de pessoas se reuniram para declarar apoio ao movimento das Diretas Já. O ato foi liderado por Tancredo Neves, Franco Montoro, Orestes Quécia, Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas, Luiz Inácio Lula da Silva e Pedro Simon, além de outros políticos, artistas e intelectuais engajados na causa.

38. Eurídio Ben-Hur Ferreira é advogado com militância junto aos movimentos sociais. Como filiado ao PT, foi vereador em Campo Grande (1993-1994), deputado estadual (1995-1999) e deputado federal (1999-2002), além de secretário de Estado de Governo de MS no governo de Zeca do PT (2000-2002). Em 2005, se filiou ao PSDB.

39. Paulo Thadeu Gomes da Silva é procurador regional da República do Ministério Público Federal (MPF) e professor universitário, autor de livros sobre Direito.

40. Alcides Jesus Peralta Bernal é advogado e radialista. Foi vereador em Campo Grande (1997-2000, 2001-2004, 2005-2008 e 2009-2010), deputado estadual (2011-2012) e prefeito de Campo Grande (2013-2014), sendo casado pela Câmara Municipal em março de 2014.

41. Agamenon do Prado é advogado trabalhista, dirigente estadual do PT e assessor do deputado federal Vander Loubet. Foi secretário de Estado de Trabalho de MS no governo de Zeca do PT (1999-2001).

42. Ananias Costa é historiador. Atuou no movimento sindical bancário de Campo Grande. Foi coordenador da campanha de Zeca do PT ao governo do Estado em 2010.

43. Carlos Henrique dos Santos Pereira é tabelião e diretor-presidente do Detran de MS desde o início do governo de André Puccinelli. Foi vereador em Campo Grande nas décadas de 1990 e 2000.

44. Elizabete Anache é juíza de Direito no Tribunal de Justiça de MS em Campo Grande. Atualmente cumpre a função de juíza auxiliar da Presidência do TJ-MS.

É nesse cenário de luta política pela redemocratização do Brasil que você volta a Campo Grande, no início de 1984?

Sim. A segunda metade da década de 80 foi de muita luta. Em Campo Grande, eu dei continuidade ao curso de Direito, que fazia em Mogi das Cruzes. Fiz matrícula na Fucmat (atual UCDB). Logo me incorporei ao movimento estudantil com outros alunos, como Zeca, Ben-Hur Ferreira³⁸, Paulo Thadeu³⁹, Alcides Bernal⁴⁰, Agamenon do Prado⁴¹, Ananias Costa⁴², Santos Pereira⁴³, Elizabete Anache⁴⁴, entre outros.

E como universitário você ainda participava das ações políticas dos secundaristas do PT?

Eu ajudava o pessoal secundarista na articulação política e na estratégia para os embates eleitorais. Naquele momento, em pleno processo de reabertura política, muitas coisas passavam pelo movimento estudantil. Os partidos de esquerda estimulavam as ações dos secundaristas. As nossas principais disputas eram com o pessoal do PCB porque eles tinham a hegemonia da UCE (União Campo-Grandense de Estudantes). Lembro-me que fizemos uma bela disputa pelo controle do Grêmio da Escola Mace. Eu, Pedro Fenelon⁴⁵, J. Silva⁴⁶ e Mara “do André”⁴⁷ contra Waldir Neves⁴⁸, Neno⁴⁹ e Marcio Bittar⁵⁰, que é deputado federal pelo Acre.

E no movimento sindical, como você entrou?

Em 1984, eu consegui um emprego no antigo Banco Nacional do Norte (Banorte). Quem arrumou um teste para mim nesse banco foram o Onofre da Cos-

ta Lima⁵¹ e o Carmelino Rezende⁵², ambos do velho partidão. Fiz o teste e passei. O meu lado esportivo ajudou. A direção do banco gostava de funcionário que jogasse futebol de salão. Eu, sem falsa modéstia, era um bom jogador de futebol de salão.

Do banco ao sindicato, como foi o processo até se tornar diretor sindical?

No banco, com cuidado, comecei a organizar, com a liderança do Zeca, uma chapa de oposição ao Sindicato dos Bancários de Campo Grande. Poucos dias antes de registramos a chapa, o banco soube que eu estava na atividade sindical e que poderia vir a compor uma chapa de oposição. Aí tentaram me demitir. Foi uma peleja imensa. Eu fiz de tudo para não ser demitido porque queria ser sindicalista.

O banco não queria que seus empregados participassem do Sindicato?

Tem essa história. Patrão não gosta de sindicalista na sua empresa. Só que, nesse caso, foi o pessoal do Sindicato que pediu a minha cabeça e de outros colegas que nos apoiavam. Eu soube que iria ser demitido no dia do Comércio das Diretas Já, que aconteceu em Campo Grande. O gerente me avisou que antes de sair eu deveria passar na sala dele. Como estava avisado que iria ser demitido, não passei. Peguei a minha moto e saí de fininho. Aí ele fez a minha demissão sem justa causa. Só que no outro dia, eu apresentei um atestado médico porque uma semana depois sairia o edital de convocação para a eleição do Sindicato. O atestado poderia me dar o tempo que eu precisava para registrar o meu nome na chapa.

45. Pedro Fenelon é empresário do ramo de comunicação visual em Campo Grande.

46. João Silva Gonçalves é advogado, jornalista e assessor do deputado estadual Cabo Almi.

47. Mara Regina Bertagnolli Gonçalves é chefe de gabinete do governador André Puccinelli. Trabalhou com André na Assembleia Legislativa, Câmara dos Deputados e Prefeitura de Campo Grande.

48. Waldir Neves foi militante da Juventude do PMDB e líder estudantil em MS. Em 1988, se elegeu vereador em Miranda. Entre 1991 e 2007, foi deputado estadual. Em 2007, foi eleito deputado federal, renunciando ao mandato em 2009 para ser conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE).

49. Carlos Roberto de Marchi (Neno) é advogado, foi filiado ao PCB e líder estudantil em MS. Foi secretário de Estado de Governo na gestão de André Puccinelli. Atualmente é consultor legislativo no governo do Estado.

50. Marcio Bittar foi líder estudantil em MS. Dirigiu a União Campo-Grandense de Estudantes (UCE) entre 1983 e 1984. Depois se tornou deputado estadual no Acre (1995-2003). Atualmente está no segundo mandato como deputado federal, pelo PSDB do Acre (2003-2007 e 2010-2014).

51. Onofre da Costa Lima é advogado. Foi militante do PCB desde os tempos de estudante no Rio de Janeiro, onde cursou Direito, e importante dirigente do processo de organização do PCB em Mato Grosso, da década de 1970 até o final da década de 1990.

52. Carmelino Rezende é advogado e liderança do antigo PCB e do PPS em MS. Foi presidente da OAB-MS e candidato a senador com expressiva votação na chapa liderada por Zeca do PT, em 1988.

Então esse atestado salvou o seu emprego e a sua participação na chapa do Sindicato dos Bancários?

Verdade. Meu advogado, Celso Pereira⁵³, notificou o banco que eu tinha estabilidade sindical. Assim, não poderia ser demitido. O Celso entrou com uma ação e eu fiquei dois anos demandando contra o banco. Consegui a minha reintegração, pois como não fui demitido por justa causa, o aviso prévio que recebi contou como tempo de serviço. Eu estava no prazo para me inscrever na chapa. Só que poucas horas antes das inscrições das chapas, os grupos do Zeca e do Alci Araújo⁵⁴ chegaram a um acordo. O Anízio Tiago⁵⁵, do grupo do Alci, encabeçaria uma chapa única.

O Anízio Tiago, do Banco Bamerindus, foi o escolhido como o candidato de consenso das duas chapas?

Sim. Foi ele mesmo. Construímos uma chapa única. A diretoria foi dividida meio a meio. Saiu o Anízio candidato a presidente. A diretoria era composta por 20 membros, sendo sete nomes na Executiva. Nós cedemos a Presidência e ficamos com quatro nomes na Executiva. Aquele acordo não pegou bem. O pessoal do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, que nos apoiava, começou a nos criticar. O Zeca queria recuar. Nós passamos por uma dificuldade política enorme, mas, no final, o Zeca ficou de vice, eu de segundo tesoureiro e o Ananias de secretário de Esportes. Em 1986, nós assumimos o mandato, porém, logo se iniciou um processo de competição e a diretoria se dividiu em dois grupos. Aí fomos para a oposição ao Anízio.

53. Celso Pereira é advogado e por muitos anos atuou no Sindicato dos Bancários de Campo Grande e Região.

54. Alci Araújo, mais conhecido como Batatinha, foi um dos precursores do movimento sindical dos bancários em MS.

55. Anízio Pereira Tiago é bancário e foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Bancários de Campo Grande e Região (1987-1992) e diretor-presidente da Saneul, da Agesul e da Agepan nos governos de Zeca do PT. Atualmente é superintendente Regional do Trabalho e Emprego de MS.

Consta que, nesse processo de disputa sindical, você e o Zeca se aproximaram muito do PCB?

Eu não, embora fosse amigo do pessoal do PCB. Li uns documentos que o Fausto Matto Grosso⁵⁶ me passou sobre a ideologia do partidão. Só que aquilo não me agradava. Achava teórico demais. Eu gosto de coisa mais concreta. O Zeca se aproximou bastante. Ele estava um pouco desiludido com a política do PT na época. Aí ele saiu do partido. Ficou um tempo fora do PT. Eu e o Chico Brambatti⁵⁷ fomos atrás dele e o filiamos de novo. A nova filiação do Zeca aconteceu no antigo Bar Nagibão⁵⁸.

Mas qual era a estratégia que justificava criar uma força de oposição dentro do Sindicato?

A nossa ideia era montar uma chapa de oposição para a eleição do Sindicato, que aconteceria em 1989. A eleição do Sindicato era de três em três anos. Nessa perspectiva, passamos a trabalhar para criar a CUT no estado. Em 1988, ela foi criada. Era uma base para ganharmos o Sindicato, até porque tínhamos o apoio dos bancários de São Paulo. João Vaccari⁵⁹ e o Luiz Gushiken⁶⁰ eram líderes importantes dos bancários de São Paulo que nos ajudavam. A CUT também.

Como o PT participou das eleições para prefeito de Campo Grande, em 1985?

A eleição de 1985 foi aquela que permitiu às capitais e aos municípios, considerados de Segurança Nacional eleger seus prefeitos. Naquele pleito teve uma coisa diferente. Só houve eleição para prefeito. Criaram um mandato tampão de dois anos a mais para os vereado-

56. Francisco Fausto Matto Grosso Pereira é engenheiro civil e professor aposentado da UFMS. Foi dirigente do PCB e depois do PPS de MS. Também foi vereador em Campo Grande (1982-1988) e secretário de Estado de Planejamento no primeiro governo de Zeca do PT (1999-2002).

57. Chico Brambatti é professor e escritor. Foi militante dos movimentos sociais nos anos de 1980 e um dos fundadores do Centro de Documentação e Apoio aos Movimentos Populares (Cedampo).

58. Na década de 80, havia um bar em Campo Grande, na esquina das ruas Maracaju e Pedro Celestino, muito frequentado pelo pessoal dos partidos políticos de esquerda, cujo nome era Nagibão - uma referência a Nagib, seu proprietário.

59. João Vaccari Neto é bancário e dirigente do Diretório Nacional do PT. Foi líder sindical dos bancários em São Paulo e suplente do senador Aloizio Mercadante.

60. Luiz Gushiken era bancário. Foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, presidente nacional do PT, deputado federal por três legislaturas (de 1987 a 1999, inclusive na Assembleia Constituinte de 1987), coordenador das campanhas presidenciais de Lula (1989 e 1998) e ministro da Secretaria de Comunicação da Presidência da República. Faleceu em 2013.

res. Os vereadores que tinham sido eleitos em 1982 ficaram no mandato até 1988. O PT, nessa eleição, lançou chapa pura para prefeito e vice, em Campo Grande, encabeçada por dois trabalhadores da construção civil: Jandir de Oliveira e Ezequiel Ferreira Lima.

Que importância teve a eleição, em 1985, para o fortalecimento do PT em MS?

Eu vejo que ali foi um divisor de águas. Foi uma eleição em que o PT foi até hostilizado pelo perfil dos nossos dois candidatos, que eram trabalhadores da construção civil. Nós não tínhamos absolutamente nada de estrutura para gravar, fazer um programa mais sofisticado. Os candidatos iam para a televisão e rádio e faziam o programa ao vivo. Teve um programa em que o Jandir disse a seguinte frase: “Hoje nós vamos protestar”. E aí ele ficou parado, enquanto passava o minuto ao qual o partido tinha direito. Ali o PT se diferenciou, mesmo não sendo bem votado⁶¹. Isso mostra a coerência. O PT, em todas as eleições em Campo Grande, teve candidato a prefeito e também a governador do Estado.

As eleições de 1986 foram mais complicadas. A primeira sob a égide da Nova República e com o Plano Cruzado em andamento, o que deu ao PMDB índices de popularidade elevados, não foi?

É verdade. Naquela eleição o PMDB foi hegemônico. Não só fez a expressiva maioria dos governadores dos estados como reforçou a sua bancada na Câmara e no Senado. O Plano Cruzado, que depois deu errado, foi o carro-chefe dos votos do PMDB. Nessa eleição

61. A eleição de 1995 para prefeito de Campo Grande foi vencida por Juvêncio da Fonseca. A chapa do PT, formada por Jandir de Oliveira e Ezequiel Ferreira de Lima, conquistou 1.067 votos.

em Mato Grosso do Sul, o PT apresentou o nome do professor Luis Landes⁶² para o governo do Estado. A sua vice foi Dona Eva⁶³, uma líder comunitária de Corumbá. Para o Senado, lançamos dois candidatos: Geraldo Biancatelli⁶⁴ e Elvio Garabini⁶⁵.

Para o processo de construção partidária, qual o peso das eleições de 1986, em MS?

Olha, não tivemos os votos que sonhávamos⁶⁶, claro. Houve acúmulo político. O nome do PT aparecia na televisão e no rádio. Os movimentos populares passaram a conhecer as lideranças do partido. Sob essa ótica, tivemos uma vitória importante. Se olharmos direitinho, foram as derrotas do passado que ajudaram o PT a chegar ao patamar que está hoje. A gente aprende nas derrotas também. Lula perdeu três campanhas e agora é a mais importante liderança política do Brasil.

Dois anos depois, em 1988, ocorreu outra eleição municipal. Foi ali que o nome de Zeca do PT se projetou e se associou ao PT de MS?

Nessa eleição, surgiu o nome do Zeca do PT. Essa foi uma eleição interessante. Todas as forças de esquerda lançaram candidatos a prefeito. O PCB apresentou o nome do Alan Pithan⁶⁷, o PCdoB apresentou a Maria Teresa⁶⁸ e o PT lançou o Alcides Faria. Colocamos o Zeca para disputar uma vaga de vereador. O Zeca entrou para ganhar os votos dos bancários. Era um trabalho que tinha ligação com a disputa do Sindicato. Só que logo no início tivemos um problema: tinham outros candidatos com o nome de Zeca. Aí resolvemos registrar a candidatura popular no Zeca do PT.

62. Luis Landes da Silva Pereira é economista e professor aposentado da UFMS. Foi diretor-geral do extinto Dersul no governo de Wilson Barbosa Martins (1994-1998) e diretor-presidente da Companhia de Gás do Estado (MSGás) no governo de Zeca do PT.

63. Eva Maria Granha era esposa de João Granha. Ambos foram militantes históricos do PCB e ingressaram no PT desde o início, atuando nas campanhas eleitorais e na mobilização e organização dos movimentos sociais.

64. Geraldo Biancatelli foi líder sindical, e militante dos movimentos sociais.

65. Elvio Garabini é arquiteto e urbanista e professor universitário. Elaborou projetos importantes de Campo Grande, como o Horto Florestal, o Hemusul, o Museu do Índio e o paisagismo da Avenida Afonso Pena.

66. A eleição para o governo de Mato Grosso do Sul, em 1986, foi vencida por Marcelo Miranda (PMDB). O candidato ao governo pelo PT, Luis Landes, conquistou 16.664 votos. Os candidatos ao Senado do PT tiveram a seguinte votação: Geraldo Biancatelli 13.295 votos e Elvio Garabini 16.547 votos. Nessa eleição havia duas vagas para o Senado. Para a Câmara Federal, o PT apresentou, entre outros, os nomes de Sérgio Cruz, Manoel Bronze, Mariano Cabreira, Hélio Rocha, Lindomar Machado e Gilson Martins. Para deputado estadual, a chapa teve os nomes de Gilberto Correia, Eni Nantes, Cristian Castilho, Pedro Kemp, Irineu Werner, Bartolomeu Anastácio, Luís Brambatti, Alcides Faria, Jandir Oliveira, Luís Gomes e Neginho da Carne.

67. Alan Pithan é médico e foi um dos dirigentes do PCB em MS, nas décadas de 1980 e 1990. Figura muito respeitada nas lutas sociais no estado.

68. Maria Teresa Palermo é arquiteta, funcionária pública e foi dirigente por muitos anos do PCB em MS. É esposa do advogado Lairson Palermo (PCdoB), coordenador estadual da Comissão da Verdade. Atuou na execução de políticas de habitação popular no primeiro governo de Zeca do PT.

Qual foi a desempenho do PT nessa eleição?

O partido não foi bem votado⁶⁹. O Zeca, individualmente, foi. Teve 1.174 votos. Só não foi eleito porque o PT não atingiu o coeficiente eleitoral da época. O nosso candidato a prefeito, Alcides Farias, teve 7.064 votos. Tem um fato importante nessa campanha: pela primeira vez montamos um planejamento político. Isso foi um avanço grande. O pessoal do PT de São Paulo nos ajudou a fazer esse trabalho.

Como foi esse planejamento e qual foi o efeito dele nas outras eleições?

Aquela eleição nos mostrou que era preciso profissionalizar nossas ações. Eleição não é apenas vontade. Elas mudaram muito. Nessa perspectiva, veio fazer o nosso planejamento o Luiz Gushiken, que era deputado. Foi interessante. Nós achávamos que o Zeca teria 70% dos votos dos bancários. Aí Gushiken olhou pra gente e disse o seguinte: “O cara, quando é excepcional, tem 20% da categoria dele; se for excelente, tem 15%; e se ele for bom, tem 10%”. A categoria dos bancários, na época, tinha em torno de 5.000 filiados. O Zeca teve 1.174 votos. Claro que os votos não foram todos dos bancários, mas mostrou que tínhamos força na categoria. Esse debate sobre planejamento de campanha foi muito bom. Quando converso sobre a quantidade de votos que posso ter em um determinado município, me lembro da fala do Gushiken.

69. A eleição para prefeito de Campo Grande em 1988 foi vencida pelo pecuarista Lúdio Coelho. O candidato Alcides Faria, do PT, teve 7.0064 votos. O candidato a vereador mais votado do PT foi Zeca do PT, com 1.174 votos. Nessa eleição, o PT conquistou a sua primeira prefeitura em MS - a de Amambai - com Anilson Prego, que teve 3.418 votos. O PT também conquistou quatro mandatos de vereador no estado.

O PT disputou outras prefeituras nessas eleições?

Correto. Lançamos chapas em vários municípios. Ganhamos a primeira prefeitura, que foi a de Amambai,

com o Anilson Prego⁷⁰, que depois foi eleito deputado estadual pelo PT. Elegemos também quatro vereadores, entre eles o Valmir Correia⁷¹, da UFMS, eleito em Corumbá.

E a eleição dos bancários, em 1989, continuou pautando as disputas entre os partidos de esquerda em Campo Grande?

O Anízio Tiago, que já era presidente do Sindicato dos Bancários, fechou uma aliança com o PPS e com uma parte da esquerda, e nós fomos de chapa pura com o Zeca. Essa eleição foi uma guerra. Só que cometemos alguns erros, entre eles o de ter perdido o controle da indicação dos nomes que iriam dirigir a eleição, a chamada Comissão Eleitoral. Tivemos dificuldade de coordenar essa parte porque na véspera de montar a Comissão Eleitoral, o pai do Zeca - o Seu Orcírio Miranda - faleceu. Aí tivemos que viajar para o velório. Não tinha jeito. Se despedir do Seu Orcírio era o mais importante naquele instante.

O fato da chapa hegemonizada pelo PT não ter algum controle nos rumos da eleição foi prejudicial?

Muito prejudicial. Eles usaram a máquina como quiseram. Até o governo do Estado, por meio dos seus instrumentos de ação política, ajudou a chapa do Anízio. Nós só tivemos apoio da militância. O PT e o Sindicato dos Bancários de São Paulo mandaram gente para nos ajudar. Só que não foi suficiente. Perdemos a eleição por 114 votos. O pior de tudo é que uma semana depois 40 bancários foram demitidos dos bancos privados porque nos apoiaram.

70. Anilson de Souza Prego é vereador em Amambai pelo PSB. Foi o primeiro prefeito do PT em MS (1989-1992). Também foi deputado estadual pelo PT (1994-1998).

71. Valmir Correia é professor aposentado da UFMS e historiador.

Em 1989, tinha a campanha do Lula. O que vocês faziam para participar das duas campanhas, a do Sindicato e a do Lula para presidente da República?

Era uma loucura. Fazíamos tudo ao mesmo tempo. Sabíamos que o Lula, com aquela história do “Lula lá” poderia ir para o segundo turno contra o Fernando Collor⁷². Nem deu tempo de pensar na derrota do Sindicato. A nossa eleição terminou em 27 de outubro e a eleição para presidente estava marcada, o primeiro turno, para 15 de novembro. O Lula foi para o segundo turno. Aqui no estado, o Lula perdeu para o Collor, mas foi muito bem votado. Nós perdemos a eleição do Lula no segundo turno e perdemos também o Sindicato. Essas duas derrotas foram duras. Aí eu e o Zeca resolvemos cuidar das nossas vidas pessoais. Criar alguma base econômica que nos desse a condição de viver melhor e fazer política em uma situação mais favorável.

Um dos grandes militantes do PT em MS foi o finado Geraldo Garcia, certo? Qual o legado deixando por ele no processo de construção partidária?

O Geraldo foi uma figura muito humana, um lutador. Acredito que a principal contribuição dele foi a de aproximar o PT dos movimentos pela terra em nosso estado. Ele era um batalhador incansável dessa causa, como tantos outros, e colocou em definitivo na agenda do PT nacional e estadual a pauta da luta pela terra, pela reforma agrária, pela importância da agricultura familiar.

72. Fernando Affonso Collor de Mello é jornalista, economista e empresário. Foi prefeito de Maceió (1979-1982), governador de Alagoas (1987-1989) e presidente da República (1990-1992). Teve o mandato cassado pelo Congresso Nacional (Impeachment) e renunciou à Presidência em 29 de dezembro de 1992. Em 2006, foi eleito senador por Alagoas. Foi filiado à Arena, PDS, PMDB, PRN e PRTB. Atualmente está no PTB.

Como o Geraldo vinha de uma corrente mais à esquerda do PT, as ações dele não restringiam a amplitude que o PT tinha em termos de atuação?

Não. Apesar de o Geraldo vir dos movimentos de luta pela terra, ele foi presidente regional do PT por três vezes e soube atuar no sentido de agregar pessoas ao nosso partido. Ele corria o estado todinho trabalhando no processo de construção partidária. Aliás, foi numa dessas viagens que um acidente de carro o vitimou e o tirou do nosso convívio. Uma enorme perda para o PT e para a sociedade sul-mato-grossense.



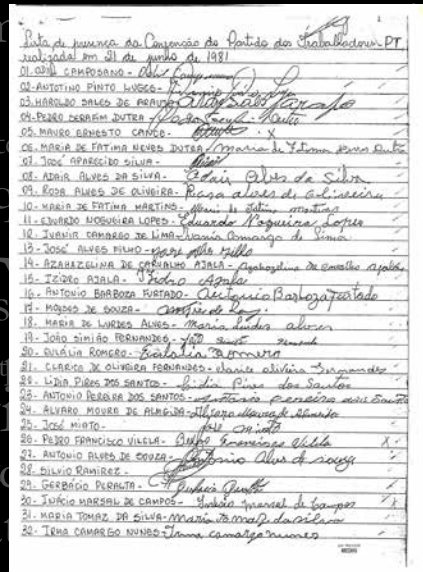
Vander jogando bola com a turma do Sindicato



Carteira de trabalho de Vander, datada de 1982



Vander na época do movimento estudantil



Lista de presença da convenção do Partido dos Trabalhadores em 1981 (lista completa no fim do livro)



Vander em atividade do Sindicato



Anízio, Vander e Carlito, na época do Sindicato dos Bancários



Vander com Zeca no Sindicato

PT e os compromissos com Campo Grande.

- Fazer uma administração popular, sem papéis prontos e acabados.
- Adotar uma política de transparência no uso dos recursos públicos.
- Não mascarar, mas respeitar a população, adotando a prática de consultas populares.
- Municipalizar o transporte coletivo. Ônibus não pode ser fonte de lucro. É um serviço Público.
- Garantir escola para todos as crianças, além de oferecer gratuitamente alimentação, material escolar, vestuário, transporte, assistência médica e odontológica.
- Democratizar a escola e também pagar um salário digno ao professor.
- Procurar uma reforma urbana com a desapropriação de terras ociosas para o assentamento das pessoas da periferia.
- Criação de conselhos populares.
- Combater o atravessador estabelecendo canais diretos de canalização dos diversos interesses da população.
- Investir na melhoria da qualidade de vida da população de baixa renda criando rede de esgoto, saneamento, iluminação pública e urbanização.
- Visar estabelecer uma política industrial que reduza o pagamento de taxas sobre as pequenas empresas e faça crescer a participação da grande empresa e da grande propriedade.
- O PT formulará uma política cultural sem paternalismo e construirá um teatro municipal.
- Vamos cuidar do meio ambiente, bem de uso comum de toda a população. O governo municipal deve defender e a população preservar.

Material de campanha da eleição de 1988 (acervo de Rogério Zanetti)

vote

ALCIDES prefeito

PT

Ricardo Brandão vice



Registro do Banorte na carteira de trabalho de Vander

Vereador

ZECA

Um Voto de Classe

Vamos mudar a cara da política deste País.

Informativo aos Trabalhadores Campo Grande

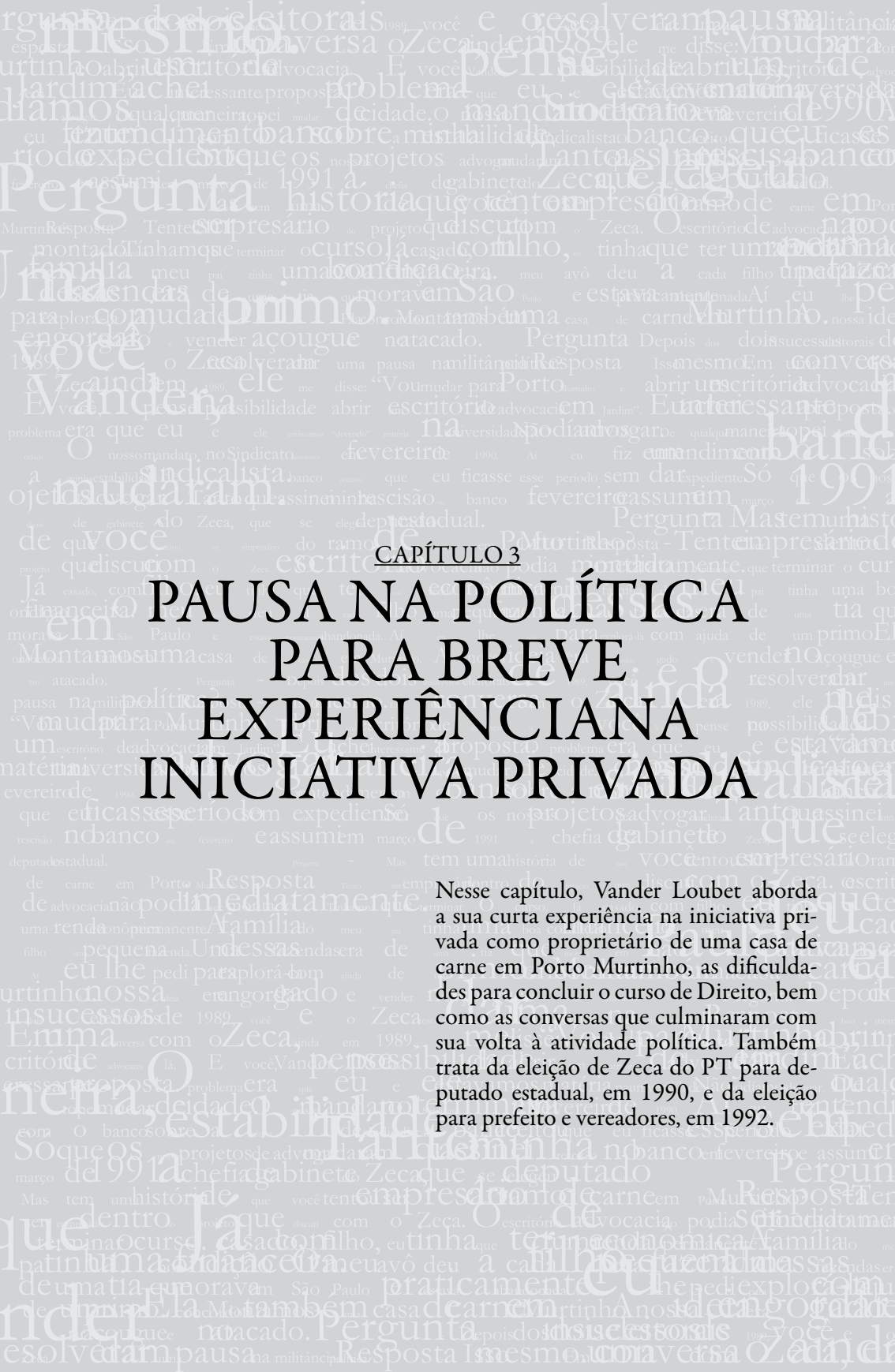
Se você quer mudar a cara da política deste País, vote no Zeca. O Zeca é o candidato do PT ao cargo de Vereador. Ele é um jovem, cheio de energia, com uma visão clara do futuro de Campo Grande. Ele é um jovem, cheio de energia, com uma visão clara do futuro de Campo Grande. Ele é um jovem, cheio de energia, com uma visão clara do futuro de Campo Grande.

vote

ALCIDES prefeito

PT

Ricardo Brandão vice



CAPÍTULO 3

PAUSA NA POLÍTICA PARA BREVE EXPERIÊNCIA INICIATIVA PRIVADA

Nesse capítulo, Vander Loubet aborda a sua curta experiência na iniciativa privada como proprietário de uma casa de carne em Porto Murinho, as dificuldades para concluir o curso de Direito, bem como as conversas que culminaram com sua volta à atividade política. Também trata da eleição de Zeca do PT para deputado estadual, em 1990, e da eleição para prefeito e vereadores, em 1992.

Depois dos dois insucessos eleitorais de 1989, você e o Zeca resolveram dar uma pausa na militância política?

Isso mesmo. Em uma conversa com o Zeca, ainda em 1989, ele me disse: “Vou mudar para Porto Murtinho e abrir um escritório de advocacia lá. E você, Vander, pense na possibilidade de abrir um escritório de advocacia em Jardim”. Eu achei interessante a proposta. O problema era que eu e ele estávamos “devendo” matéria na universidade. Não podíamos advogar. De qualquer maneira, topei mudar de cidade. O nosso mandato no Sindicato terminava em fevereiro de 1990. Aí eu fiz um entendimento com o banco sobre a minha estabilidade de sindicalista. O banco aceitou que eu ficasse esse período sem dar expediente. Só que os nossos projetos de advogar mudaram. Tanto que assinei minha rescisão no banco em fevereiro e assumi em março de 1991 a chefia de gabinete do Zeca, que se elegeu deputado estadual.

Mas tem uma história de que você tentou ser empresário do ramo de carne em Porto Murtinho?

Tentei ser empresário dentro do projeto que discuti com o Zeca. O escritório de advocacia não podia ser montado imediatamente. Tínhamos que terminar o curso. Já casado, com filho, eu tinha que ter uma renda

econômica permanente. A família do meu pai tinha uma boa condição financeira. O meu avô deu a cada filho uma pequena fazenda. Uma dessas fazendas era de uma tia que morava em São Paulo e estava praticamente abandonada. Aí eu lhe pedi para explorá-la com ajuda de um primo. Ela concordou. Montamos também uma casa de carne em Murtinho. A nossa ideia era engordar gado e vender no açougue e no atacado.

Como você fazia para “pagar” as matérias que estava “devendo” nas Faculdades Unidas Católica de Mato Grosso do Sul (Fucmat)?

Era um sacrifício. Acertei com os meus professores que viria assistir aula no sábado em Campo Grande. Eles toparam. Durante a semana, trabalhava com gado e, no sábado, vinha cumprir com minha obrigação de aluno. Só que em uma dessas viagens, os meus planos mudaram. Em abril de 1990, quatro meses depois de iniciar minha vida empresarial, vem à política e muda tudo. O Alex⁷³ e o Agamenon, companheiros do PT, me trouxeram uma tarefa difícil. Me pediram que conversasse com o Zeca para que ele disputasse o governo do Estado. Eu ponderei sobre as dificuldades. Expliquei a história dos escritórios de advocacia que iríamos montar. Falei das duas derrotas de 1989. Mesmo assim eles insistiram. Aí falei pra eles: por que não uma vaga de deputado estadual? Eles ficaram de pensar.

Como foi a conversa com o Zeca?

Antes é preciso explicar uma coisa. O PT, na época, era muito radical e dogmático. Havia um policiamen-

73. Marcos Alex Azevedo de Melo (Alex do PT) é historiador. Foi secretário de Estado no governo de Zeca do PT e vereador em Campo Grande.

to ideológico muito forte. A decisão da cúpula era para o Zeca disputar o governo e não um cargo proporcional. Foi tão séria a coisa que quase o Agamenon e o Alex foram punidos. Depois eu fui falar com o Zeca. Conteí tudo. Disse, inclusive, que se ele topasse, eu viria de Porto Murtinho para Campo Grande para coordenar a campanha. Ele ficou um pouco animado. Falou da possibilidade de rearticular o movimento junto aos bancários e ficou convencido a ser candidato a deputado estadual em 1990.

Como vocês organizaram a campanha de 1990?

Em 1990, já estávamos com mais experiência. Tanto que lançamos como candidato ao governo o Manoel Bronze⁷⁴ e como vice o Ricardo Brandão⁷⁵. Ambos tinham a reputação de serem defensores dos direitos humanos e das causas populares. Para o Senado, indicamos o Pedro Teruel⁷⁶. A chapa de deputado ficou forte. Lançamos 17 nomes para deputado estadual. Tinha Zeca, Biffi⁷⁷, Fausto Matto Grosso, Alcides Farias e outros. Era uma briga de “cachorro grande”. Tínhamos a possibilidade de fazer um deputado estadual⁷⁸. O Agamenon, o Alex e eu ficamos na organização da campanha do Zeca. A Roseli, minha esposa, funcionária do Banco do Brasil, também deu uma grande força nessa campanha.

O que concorreu para o Zeca ganhar essa eleição?

Tínhamos acúmulo político. O partido estava crescendo. A campanha de vereador, de 1988, deu muita visibilidade ao Zeca. O Sindicato também. O Fausto Matto Grosso ficou como primeiro suplente. O Fausto, na reta final da campanha, arrumou um caminhão,

74. Manoel Bronze é advogado. Foi promotor de Justiça em MS.

75. Ricardo Brandão foi preso pela Ditadura Militar, em 1964. Foi militante do PCB e do PT. Fundou o Centro de Defesa da Cidadania e dos Direitos Humanos Marçal de Souza (CCDH) e coordenou a Comissão Nacional de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

76. Pedro Teruel é engenheiro, advogado e empresário. Foi vereador em Campo Grande, secretário de Estado no governo de Zeca do PT, deputado estadual (2003-2007) e superintendente da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) em MS.

77. Antônio Carlos Biffi é professor. Foi militante do PMDB, presidente da Federação dos Trabalhadores em Educação de MS (Fetems) e da CUT, secretário de Estado de Administração (1999-2000) e de Educação (2001-2002) no governo de Zeca do PT. É deputado federal desde 2003.

78. A eleição para governador de MS em 1990 foi vencida por Pedro Pedrossian. Manoel Bronze teve 68 mil votos. O candidato ao Senado do PT, Pedro Teruel, obteve 49.679 votos. Zeca foi eleito deputado estadual com 4.217 votos. Fausto Matto Grosso (PPS), integrante da coligação, teve 3.356 votos.

que nós chamávamos de “o Caminhão do Faustão”. Aquilo dava um medo danado na gente. O Fausto ameaçava a vaga de deputado do Zeca.

Como foi o mandato do primeiro deputado do PT de Mato Grosso do Sul?

Fizemos um mandato muito ativo e polêmico. Fazíamos debate nas ruas, nos sindicatos, junto com o pessoal da reforma agrária, além dos discursos do Zeca no Plenário da Assembleia Legislativa. O mandato de deputado do Zeca era a preparação para ele disputar a Prefeitura de Campo Grande, em 1992.

Você foi o chefe de gabinete de Zeca nesse mandato?

Sim. Só que não teve nada de família nessa história. A verdade é que eu tinha influência nas decisões políticas do Zeca. Eu ajudava a definir os rumos. O Zeca não tem muita paciência para compor, montar a chapa, articular com os aliados. Acho que isso era uma debilidade dele. O trabalho no varejo ele tinha dificuldade de fazer. Já eu sempre gostei desse trabalho. Sei a importância dele. Gosto de trabalhar em rede e isso me deu credibilidade. Tanto que fizemos uma plenária e eu fui escolhido por unanimidade para ser o chefe de gabinete do Zeca. Uma coisa interessante é que nesse mandato todas as forças do PT foram contempladas. Dava conflito, claro, mas era uma forma de aplicarmos com todas as correntes a linha política do PT.

Você acredita que essa sua capacidade de ouvir e dialogar com posições distintas das suas seja uma de suas principais marcas na ação política?

Sim. Gosto de conviver com colegas de bancada, dirigentes partidários e atores da sociedade que tenham posições divergentes. A minha própria assessoria reflete isso. Se você pegar o Sandro⁷⁹ e o Eduardo⁸⁰ - que fazem a interlocução com prefeitos e vereadores no interior -, o Ademar⁸¹ - que cuida do jurídico -, o Landmark⁸² - que foi meu assessor por muitos anos e ainda me ajuda a fazer política na Grande Dourados -, cada um pensa de uma forma e trabalha de um jeito. E eu procuro aproveitar o melhor de cada um. Ação política, pelo menos na democracia, não quer dizer necessariamente convencer as pessoas de que a sua posição é a melhor ou a mais correta. Ação política, em muitos casos, é criar pontes entre os atores para que um projeto ou um grupo permaneça atuando em busca da causa maior. Como faço isso com prazer, com meus interlocutores muitas vezes até divergindo de mim, respeitam e confiam em minhas posições e compromissos. Isso me faz lembrar uma frase do saudoso senador Lúdio⁸³ Coelho: “O difícil não é governar, é administrar os conflitos internos e de posições da sua equipe”.

O Zeca era o candidato natural do PT para disputar a Prefeitura de Campo Grande, em 1992?

Não. No PT não tem essa história de candidato natural. Tudo é muito discutido. Dá muito trabalho para chegar ao nome do candidato majoritário. Só que quando é definido, todo mundo se une. De qualquer forma, o Zeca estava fazendo um mandato muito bom, o que facilitou a sua indicação.

79. Sandro Omar de Oliveira Santos é advogado e engenheiro. É assessor parlamentar do deputado federal Vander Loubet.

80. Eduardo Ovelar Pereira é servidor público estadual. Está cedido para o gabinete do deputado federal Vander Loubet, onde cumpre a função de assessor.

81. Ademar Chagas da Cruz é advogado. Assessora Vander Loubet na área jurídica.

82. Landmark Ferreira Rios é formado em História. Foi superintendente de Administração no governo do Estado (2005-2006) e assessor parlamentar do deputado federal Vander Loubet. Desde 2013 é secretário municipal de Agricultura Familiar e Economia Solidária da Prefeitura de Dourados.

83. Lúdio Martins Coelho era pecuarista. Foi prefeito de Campo Grande (1983-1985 e 1989-1992) e senador (1995-2002).

Como foi o processo de organização dessa campanha?

84. Alberto Rondon é médico. Foi deputado estadual em Mato Grosso do Sul nas décadas de 80 e 90 e candidato a prefeito de Campo Grande pelo Partido Social Cristão (PSC), em 1992.

85. Loester Nunes de Oliveira é médico. Foi vereador em Campo Grande nas décadas de 90 e 2000, tendo sido eleito novamente em 2012.

86. Marilú Guimarães é jornalista. Foi deputada estadual (1987-1989), vice-prefeita de Campo Grande (1989-1993) e deputada federal (1995-2003).

87. Juvêncio César da Fonseca foi presidente da Santa Casa, secretário de Estado de Educação de MS, vereador de Campo Grande (1982-1995), prefeito de Campo Grande por dois mandatos (1995-1998 e 1993-1997) e senador (1998-2007). Já foi filiado ao PMDB, ao PDT e ao PFL (atual Democratas). Hoje integra o PSDB e é assessor especial do governador André Puccinelli (PMDB).

88. Carlos Antônio Leite é engenheiro agrônomo, funcionário público, ambientalista e ex-presidente do Partido Verde de MS.

89. Sebastião Guimarães (Tião) é um dos fotógrafos mais respeitados do estado. Acompanhou os principais momentos da vida política e social de MT e MS. Atua na Assembleia Legislativa e no mandato do senador Delcídio do Amaral.

90. Jucimara Bacha é pecuarista, psicóloga e destacada militante do PCB. Hoje é filiada ao PPS.

Montamos uma chapa sem estrutura nenhuma. Eu me recordo que saíram seis candidatos a prefeito. Saiu o médico Rondon⁸⁴, que era do agronegócio; o PDT lançou o Loester⁸⁵; teve o Zeca, pelo PT; a Marilú Guimarães⁸⁶, pelo PTB; o Juvêncio⁸⁷, pelo PMDB; e o PV lançou o Carlos Leite⁸⁸. Era uma campanha muito difícil. Tivemos que improvisar muita coisa. O nosso programa de televisão, por exemplo, era quase artesanal. Montamos uma pequena estrutura na casa do Tião⁸⁹. Não tinha acústica nenhuma. Éramos pressionados a gravar muito cedo porque a casa ficava atrás do aeroporto e tinha que ser antes dos voos, senão era muito barulho. E ainda tínhamos que jogar milho para os galos dos vizinhos para eles ficarem calmos e não aparecer o canto nas gravações. Por volta das cinco ou seis da manhã, já estávamos na casa do Tião. Não fomos para o segundo turno por causa de dois pontos percentuais. Chegamos perto.

Quais os partidos que coligaram com o PT nessa eleição?

O PT, em 1992, já era o maior partido de esquerda do estado. Era justo encabeçar a chapa de prefeito até porque o Zeca estava bem avaliado. Assim, juntamos o PPS, PSB e PCdoB. A coligação fez uma campanha bonita. Fizemos dois vereadores, o Ben-Hur e o Teruel. O Zeca teve 42.042 votos. A Jucimara Bacha⁹⁰, do PPS, foi a vice do Zeca.

O Lula e o Dirceu participaram da campanha?

Ali começou a nossa amizade com Lula. Já o conhecíamos, claro, mas não tínhamos intimidade política. Aqui conversamos muito sobre política. Quem vinha mais no estado era o José Dirceu⁹¹, o secretário geral do partido. O Lula andou pela cidade com o Zeca, participou de algumas atividades e até o levamos de carro para fazer uma visita ao Prego, em Amambaí, que era o nosso único prefeito no estado.

Juvêncio da Fonseca e Marilú Guimarães foram para o segundo turno na eleição para prefeito de 1992. O PT apoiou qual dos dois no segundo turno?

O apoio do Zeca a um dos dois candidatos, no segundo turno, foi motivo de muito debate. O PT é assim. Tudo tem que ser bem discutido. Essa decisão exigiu vários debates. Ao final, resolvemos liberar a militância. Havia uma vontade na companheirada de anular o voto. Acho que a maioria dos eleitores que votaram no Zeca apoiou a Marilú.

Como você avalia o desempenho do partido na eleição estadual de 1994?

Foi positiva. O partido tinha recebido alguns militantes do PCB, gente que entende de política, como a Sandra Recalde⁹², o Amarílio Ferreira⁹³, o Ricardo Brandão e outros. O partido estava mais bem estruturado, tinha deputados estaduais. Também já tínhamos a hegemonia do movimento sindical, inclusive o urbano, por meio da CUT⁹⁴. O Teruel foi o nosso candidato ao governo e o vice foi o Willian Gusman,

91. José Dirceu foi líder estudantil, preso político do Regime Militar e um dos fundadores do PT, em 1979. Também foi deputado estadual (1997-1991) e deputado federal por várias legislaturas (sendo a primeira em 1992), além de presidente nacional do PT e ministro-chefe da Casa Civil no primeiro mandato do Governo Lula.

92. Sandra Recalde é empresária na área de comunicação. Foi militante do PCB, coordenadora do marketing político de Ricardo Bacha nas eleições de 1998 e secretária de Comunicação do Governo Zeca (1999-2002).

93. Amarílio Ferreira Junior possui graduação em História pela Universidade Católica Dom Bosco. Foi sindicalista e militante do PCB e do PT. É professor da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), em São Paulo.

94. Central Única dos Trabalhadores (CUT) é uma organização sindical brasileira, fundada em 28 de agosto de 1983, na cidade de São Bernardo do Campo, em São Paulo, durante o Primeiro Congresso Nacional da Classe Trabalhadora.

do PMN, funcionário da UFMS, que hoje mora no Rio de Janeiro. Se não me engano, a coligação foi PT/PMN/PPS. O Teruel teve 73 mil votos, o que permitiu elegermos três deputados estaduais: Zeca, Ben-Hur e Anilson Prego. O candidato do PT ao Senado, Ricardo Brandão, conquistou 91.844 votos.

A vinda do Ricardão Brandão para o PT e sua candidatura ao Senado, nessa eleição, foi um marco na história do partido em MS?

O Ricardo foi um grande humanista. Um homem que colocou a sua inteligência e a sua coragem a serviço da construção de uma sociedade melhor. Foi preso pela Ditadura Militar em várias oportunidades porque não se dobrou à tirania. Foi um grande parceiro do PCB e depois do PT. O Ricardo Brandão trouxe muita garra para o PT. Ele tinha uma enorme carga de autoridade, de respeitabilidade e de credibilidade, como advogado e como homem que lutava pelos direitos humanos. Está entre os grandes que a sociedade brasileira produziu. Não tenho dúvida de que, se vivo fosse, seria um parlamentar importante do PT.



Estúdio na garagem no Tão
(acervo de Rogério Zanetti)



Vander e José Dirceu



A jornalista e militante do PT Margarida
Marques (esq.) e Sandra Recalde (dir.)



Vander no barracão do PT na 26 de agosto em 1994 (acervo de Aparecido Cano)



Vander e Lula



Vander, Lula e Zeca



Zeca, Gilda e Vander



Ricardo Brandão e Alan Pitthan
(acervo de Giselda Diniz)

CAPÍTULO 4

A BATALHA PELA PREFEITURA DE CAMPO GRANDE EM 1996

Nesse capítulo, conversamos com Vander Loubet sobre a histórica campanha para prefeito de Campo Grande de 1996, da qual o Zeca participou e quase foi eleito. Concretamente, discutiremos a estrutura dessa campanha, o papel de Vander no pleito, os candidatos que o PT apresentou e a organização da campanha.

Como foi a campanha a prefeito de Campo Grande de 1996?

Na campanha de 1996 para prefeito e vereador, nós estávamos bem melhor estruturados. Tanto, que elegemos a Dorcelina Folador⁹⁵, em Mundo Novo, a Myriam dos Santos, em Porto Murtinho, e o Zeca foi para o segundo turno, em Campo Grande. Elegemos também muitos vereadores. O Zeca era deputado estadual junto com o Ben-Hur. O Ben-Hur queria ser o candidato a prefeito. Alegava que tinha tido mais votos do que Zeca na eleição para deputado estadual, em 1994. Realmente ele teve uma pequena diferença sobre Zeca. Aí eu ajudei a costurar uma aliança. Convencemos o Ben-Hur a abrir a vaga para o Zeca. Depois asseguramos que ele fosse o vice do Zeca. O Ben-Hur transitava bem junto à Igreja Católica e era um bom orador. Os dois formaram uma chapa muito aguerrida.

Qual foi o seu papel nessa campanha?

Em função da facilidade que eu tenho para trabalhar com gente, sempre sou escolhido para coordenar campanhas políticas. Isso já faz tempo. Nessa, eu fui o coordenador geral. Claro que havia outros coordenadores também. Em 1996, eu era o presidente do PT de Campo Grande. Traçamos uma campanha que em-

95. Dorcelina Folador era professora, militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e foi prefeita do município de Mundo Novo. Em 30 de outubro de 1999, foi assassinada na varanda de sua casa, com seis tiros nas costas. O crime teve motivação política.

96. Levy Dias é advogado. Foi deputado estadual (1970-1973), prefeito de Campo Grande (1973-1977 e 1980-1982), deputado federal (1983-1987) e senador (1990-1998).

97. Nelson Trad era advogado e professor universitário. Foi secretário de Estado de Segurança Pública de MS, deputado estadual nos anos 80 e deputado federal (1991-2011). Teve militância partidária no PTB, PDS e PMDB.

98. Franklin Rodrigues Masrhuia é advogado. Foi prefeito de Coxim e deputado estadual. Teve destacada atuação política nas décadas de 90 e 2000.

99. Pedro Pedrossian foi governador de Mato Grosso, no período de 1966 a 1971, antes que MS fosse criado. Eleito senador em 1978, renunciou ao mandato em 1980 para assumir o cargo de governador do Estado de Mato Grosso do Sul, nomeado pelo governo militar. Em 15 de março de 1991, assumiu novamente o cargo de governador de MS, dessa vez eleito em pleito direto, ocorrido em 1990. Teve passagens pelo PSD, Arena, PDS, PTB, PDT, PST e PMDB. Atualmente está no PMN.

100. Nélcia Rita de Franco é apresentadora e produtora de TV. Trabalhou nos programas de televisão do PT de MS.

101. Carlos Porto é historiador, militante do movimento negro e empresário na área cultural. Foi secretário nacional de Combate ao Racismo do PT, presidente da Fundação de Cultura de MS (2000-2003) e presidente da Fundação de Turismo de MS (2003-2005).

polgou. A proposta de mudança se encaixou no perfil do Zeca, que tem uma capacidade imensa de ir para as ruas pedir voto e tem falas eloquentes nas reuniões e comícios. E o Ben-Hur entrava com facilidade na classe média e nos formadores de opinião por sua capacidade de comunicação e seu carisma.

Quem eram os candidatos a prefeito nessa eleição?

Era o Zeca, pelo PT; André Puccinelli, pelo PMDB; Levi Dias⁹⁶, pelo PST; Carlos Leite, pelo PV; e Nelson Trad⁹⁷, pelo PTB. Começamos aquela campanha com 3%. O André Puccinelli também estava muito atrás. O líder, no início, era o Levy Dias, seguido do Nelson Trad. Tem uma coisa importante que eu quero dizer: o Zeca e o André, que foram para o segundo turno, tinham uma boa relação na Assembleia Legislativa. Os dois, mais o Franklin Masrhuia⁹⁸, faziam oposição ao Pedro Pedrossian⁹⁹. Tanto o Zeca quanto o André eram novidades. Daí que foram muito bem votados. A população queria mudança nessa eleição.

Como vocês montaram as estratégias e a organização dessa eleição?

Olha, não tínhamos uma empresa para tocar o nosso marketing. Aí alguém lembrou que podíamos trazer a Sandra Recalde, que estava trabalhando em São Paulo, no Instituto Cajamar. Ela passou a ser a nossa coordenadora de marketing. Foi ela quem descobriu a Nélcia Rita¹⁰⁰, que foi todo aquele sucesso na eleição. Por meio do Carlos Porto¹⁰¹, que tinha trabalhado com o André, conseguimos um estúdio para gravar nossos programas. O André queria tirar voto do Levy Dias, que estava bem na frente. O vice do Levy Dias

era o Picarelli¹⁰², por isso o André nos apoiou em algum momento. Só que ao longo da campanha, o Zeca cresceu e ganhou no primeiro turno. Colocamos 20 mil votos na frente do André.

Em sua opinião, por que o André ganhou o segundo turno dessa eleição?

As pessoas estavam querendo novas lideranças. A nossa campanha simbolizava mudança; a do André também. Mas cometemos erros. Levamos muito tempo discutindo as alianças. O André foi mais rápido nessa questão. Depois de algum tempo, recebemos o apoio de Levy Dias, que nem sei se ajudou. Alguns militantes do partido torceram a cara quando viram o Levy no nosso palanque. Foi uma coisa muito desorganizada. A máquina eleitoral do PMDB, em Campo Grande, agiu com muita força e na reta final contrataram muitos cabos eleitorais que mudaram a tendência de vitória apontada com o resultado do primeiro turno. Todo mundo sabe das contratações que o André fez no segundo turno. Temos informações de que mais de 60 mil pessoas foram contratadas. As instituições do Estado ficaram à disposição da campanha do André. Isso foi determinante para ele ganhar¹⁰³.

Essa campanha praticamente dividiu a cidade entre dois grupos?

Foi mesmo. Tanto que o André ganhou com uma pequena diferença. Um ano depois do governo do André, o povo estava na frente do Fórum Eleitoral, com vela acesa, pedindo que se julgassem os processos que o André respondia por compra de voto. O Lula veio aqui para participar de uma grande caminhada, mais

102. Maurício Picarelli é apresentador de TV e pastor evangélico. É deputado estadual desde 1987.

103. No primeiro turno da eleição para prefeito de Campo Grande em 1996, Zeca do PT teve 101.657 votos e André Puccinelli teve 81.217 votos. Já no segundo turno, Zeca teve 130.713 e André 131.713 votos. O PT elegeu os seguintes vereadores: Luís Ojeda, Valci Silva, Cabo Almi e Pedro Kemp.

de 12 mil pessoas caminharam pelas ruas da cidade pedindo justiça. No começo do governo do André, quando ele aparecia nos bairros, saía briga com os militantes do PT. Ele era hostilizado. O André tentava legitimar o seu governo. Os formadores de opinião ficaram conosco. As injustiças de 1996 permitiram que o Zeca ganhasse a eleição de 1998.

Uma das marcas dessa campanha foi a música composta pelo Samuka, que dizia: “No céu há uma estrela, mostrando um novo tempo que vai começar. Nasce uma nova esperança e uma confiança de um futuro bem melhor. Zeca do PT veio para ficar, veio com coragem, coragem pra mudar. Depende de você pra tudo melhorar e essa estrela brilhar”. Essa canção retratava bem o quadro político da época?

Sim, com certeza. Esse jingle representa bem o que foram aqueles anos do final da década de 90, especificamente 1996 e 1998, onde o desejo de mudanças estava no imaginário do eleitor. Captamos bem isso e fizemos uma bela campanha, que mobilizou os corações e as mentes da população de Campo Grande. Os 411 votos que nos tiraram a Prefeitura em 1996 de certa forma foram decisivos para conduzir o PT ao governo do Estado em 1998. Hoje as campanhas são mais profissionais e racionais, mas nas campanhas de 1996 e 1998 nós praticamente repetimos aqui a mobilização e a emoção da campanha do Lula em 1989, que tinha aquele jingle que falava “Sem medo de ser feliz, sem medo de ser feliz, Lula lá, brilha uma estrela”...

Quais assuntos e temas o PT trouxe para o debate nessas eleições?

Trouxemos para o debate as experiências bem sucedidas que o PT tinha de governar importantes cidades do país, caso de São Paulo com a Luíza Erundina e de Porto Alegre com o Olívio Dutra. Usávamos o chamado “Modo Petista de Governar”. Fizemos parte daquela campanha temas como o orçamento participativo, melhorias nos transportes coletivos e a transparência na gestão pública. Também foi nessa campanha que trouxemos, em definitivo para o debate eleitoral, a questão da inclusão social, pois mostrávamos que Campo Grande tinha sim bolsões de exclusão e de pobreza. Também teve a questão dos vazios urbanos na cidade. A aliança que nos apoiou se chamava “Muda Campo Grande”, nome que por si só já trazia o mote daquela campanha.

A diferença entre o Zeca e o André no segundo turno foi de somente 411 votos, num universo de 300 mil eleitores. Para o PT foi traumática essa derrota, por margem tão pequena?

Foi sim. Ainda mais nas circunstâncias de intenso uso das máquinas administrativas da Prefeitura de Campo Grande e do governo do Estado, dominadas pelo PMDB. Foram 411 votos que mudaram a história política de Mato Grosso do Sul e de uma geração, porque os debates em torno de uma possível reversão jurídica da vitória do André por causa da nossa alegação de compra de votos duraram praticamente até 1998. Mobilizamos a sociedade e a opinião pública por um julgamento justo. De certa forma, fizemos do limão uma limonada, pois fomos acumulando energias para a eleição de 1998. Os 411 votos que nos foram tirados

em 1996 se multiplicaram muitas vezes e nos ajudaram na vitória para o governo estadual de 1998, quando lideramos o movimento chamado “Muda MS”.

Então a derrota de 1996 serviu de exemplo para o PT ganhar a eleição para o governo em 1998?

Não foi só a eleição de 1996. Foi o conjunto. O PT de Mato Grosso do Sul estava disputando eleição desde 1982. Aprendeu com as derrotas e com algumas vitórias. O povo do estado via o nosso trabalho e passamos a trazer uma nova agenda nos debates eleitorais: busca por aumentos salariais e por melhorias nas condições de trabalho, Reforma Agrária, transparência na Administração Pública, etc. Sabiam que fomos “garfados” em 1996. Aí o povo resolveu nos dar uma chance, em 1998. Em 1996, em que pese a derrota em Campo Grande, ganhamos algumas prefeituras e fizemos vereadores.

O PT CONQUISTA O GOVERNO DE MATO GROSSO DO S

Como foi formada a chapa para disputar o governo de MS em 1998?

Em abril de 1997, eu tive uma conversa com o Zeca. Disse que ele iria ser pressionado para ser candidato a governador. Estávamos eu e a Sandra Recalde na casa dele. Daí que era preciso ele assumir essa condição, pensar nas alianças e trazer PDT, PSB e PPS, que eram nossos tradicionais aliados. Alertei que se ele não quisesse ser candidato, tinha que deixar claro os motivos. Eu sabia que a pressão seria grande. O Zeca tem uma capacidade de pegar as coisas no ar. Duas semanas depois, ele foi para dentro do PT e fez uma reunião em que tratou do tema. Depois, em abril, viajamos o estado todo debatendo município por município, preparando o partido para a possibilidade de ele ser candidato ao governo.

Quem vocês procuraram para tratar da campanha do Zeca ao governo?

Primeiro, o diretório do PT. A militância é fundamental. Precisava estar com a casa arrumada. Nessa direção, tivemos uma conversa com o Lula, em São Paulo, por ocasião do Congresso Nacional do PT. Depois, aqui em Campo Grande, procuramos o João Leite Schmidt¹⁰⁴, do PDT. Na sequência, as lideranças do PPS, do PCdoB e do PSB. Em todas essas con-

104. João Leite Schmidt é advogado e desde a década de 60 participa ativamente da política de Mato Grosso do Sul. Foi deputado estadual (1974-1978 e 1982-1986), deputado federal (1978-1982), secretário de Estado de Governo e secretário de Fazenda no Governo Marcelo Miranda (1987-1991), conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE, 1988-2003) e tem atuação política ativa até hoje como dirigente do PDT.

versas, vimos que havia espaço para uma candidatura de esquerda. Por coincidência, em abril de 1998, o Lula veio conhecer o Pantanal. Foi a Porto Murtinho. Na barranca do rio, pescando, o Lula me chamou e disse: “Vander, convence o Zeca a não sair candidato ao governo. Eu vou precisar dele como deputado federal”. Lula lembrou que “só tínhamos duas prefeituras e que as coisas eram difíceis”. Ouvi as ponderações do Lula, mas a minha vontade era que o Zeca fosse candidato, principalmente porque sabíamos que nas pesquisas ele estava crescendo. Tenho muito respeito pelo Lula, mas naquele caso a opinião dele não era a melhor. Queríamos o Zeca candidato ao governo.

Como foi formada a aliança política para disputar o governo, em 1998?

Fomos buscar o Carmelino Rezende para ser o nosso candidato ao Senado. Ele tem uma trajetória política muito respeitada. Tinha sido presidente da OAB e era militante histórico do partidão, que depois virou PPS. O Schmidt, do PDT, apresentou o nome do Moacir Kohl¹⁰⁵, um empresário de Coxim, que já tinha sido prefeito, para ser o vice do Zeca. Só que, nesse processo de costura política, a Sandra Recalde saiu do nosso projeto e foi trabalhar com o Ricardo Bacha¹⁰⁶.

Por que a Sandra Recalde saiu da campanha do PT?

Na verdade, não foi um rompimento com o PT. No passado, ela foi do PCB, militou com Ricardo Bacha lá. O Ricardo era secretário de Fazenda e um dos nomes do PMDB e do PSDB para disputar o governo. Era o homem do Wilson Martins. Ele ofereceu uma

105. João Leite Schmidt é advogado e desde a década de 60 participa ativamente da política de Mato Grosso do Sul. Foi deputado estadual (1974-1978 e 1982-1986), deputado federal (1978-1982), secretário de Estado de Governo e secretário de Fazenda no Governo Marcelo Miranda (1987-1991), conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE, 1988-2003) e tem atuação política ativa até hoje como dirigente do PDT.

106. Ricardo Bacha é pecuarista. Foi deputado estadual nas décadas de 80 e 90, secretário de Estado de Fazenda no Governo Wilson Martins (1995-1999) e candidato derrotado pelo PSDB ao Governo de MS, em 1998.

proposta financeira que o PT não tinha condições de cobrir. Mas sabe que foi bom ela ter ido pra lá? Depois, na campanha com o Ricardo Bacha, ela se converteu numa “ponte” importante entre nós e o Ricardo.

Como ficou a comunicação da campanha?

Fizemos o possível. Usamos o pessoal de casa. Eu e o Schmidt assumimos a coordenação geral da campanha. O marketing ficou sob a nossa supervisão. Trouxemos o Mineiro¹⁰⁷ e a Nanci Silva¹⁰⁸ e entregamos a comunicação para eles. O nosso slogan era “Muda MS”. O clima era bom. Mesmo sem uma equipe de marketing com experiência, quando saiu a primeira pesquisa, o Zeca apareceu com 20%, Pedro Pedrossian com 63% e o Ricardo Bacha com 4%. O Ricardo, por intermédio da Sandra Recalde, sinalizou que podia nos dar algum apoio material para investirmos em nossa comunicação. Em algum momento, esse apoio veio porque ele queria que nós tirássemos votos do Pedrossian.

A estratégia do PMDB e do PSDB parece que deu certo porque o Ricardo Bacha começou a subir e o Pedrossian a cair, certo?

Campanha política é assim: cheia de altos e baixos. E, em cada uma, sempre vão surgir situações e tendências inesperadas. Tem muito mistério na política. Realmente o Ricardo começou a crescer. Tinha a estrutura do Estado por trás. A militância do PMDB tem experiência de campanha. Isso tudo oxigenou a campanha dele. No nosso campo, as coisas foram ficando difíceis à medida que o dia do pleito se aproximava. O Zeca parou de crescer. O viés era de baixa nas pesquisas. Os

107. Valteci Ribeiro de Castro (Mineiro) é engenheiro agrônomo, militante do PT e do movimento da reforma agrária e da agricultura familiar. Foi secretário de Estado de Desenvolvimento Agrário (2002-2006) durante o Governo Zeca do PT (1999-2006). Atualmente, assessora o deputado federal Vander Loubet.

108. Nanci Silva é jornalista e publicitária. Militante do PT, coordenou e coordena equipes de comunicação de muitas candidaturas do PT de MS. É proprietária da agência de publicidade Íris Comunicação e Arte.

recursos financeiros ficaram escassos. Estávamos chegando ao fundo do poço, embora contássemos com a experiência do Schmidt e com a militância do PT e dos partidos coligados. O Schmidt sempre tinha uma alternativa para os problemas que surgiam.

Qual a importância do famoso comício em Corumbá para a campanha do Zeca ao governo?

A campanha estava parando. O Zeca fazia o que era possível. Aí recebi um telefonema da Dona Gilda¹⁰⁹. Ela me pediu para convencer o Zeca a fazer outra visita a Corumbá. Como eu sabia que a estrada estava muito esburacada, propus ao Zeca que fôssemos de avião. Peguei o cartão de crédito da minha esposa e comprei dois bilhetes na TAM. Eu fui mais para dialogar com o Zeca, dizer para ele que a situação era difícil, mas que havia saída. No mínimo, faríamos alguns deputados estaduais e outros federais. A minha conversa era no sentido de manter o Zeca entusiasmado, de não deixar que os problemas repousassem sobre ele e comprometessem o seu desempenho.

Como foram as atividades políticas em Corumbá?

109. Gilda Maria dos Santos é professora e militante do PT. Entre 1999 e 2006, foi primeira-dama de MS. Durante o Governo Zeca do PT (1999-2003), coordenou o Conselho de Gestão Estadual de Políticas Sociais (Cogeps).

110. Manoel do Carmo Vitório foi líder sindical dos ferroviários da antiga Noroeste do Brasil (NOB). Foi deputado federal, assumindo a vaga de Ben-Hur, que se afastou para chefiar a Casa Civil no segundo governo de Zeca do PT. Rompeu com o partido no início de 2005.

Quando chegamos a Corumbá, não havia ninguém para nos recepcionar no aeroporto. Pouco tempo depois, chegou um militante do partido, em um Fiat 147, para nos pegar. Nem o Manoel Vitório¹¹⁰, que era nosso candidato a deputado federal, estava no aeroporto. Eu disse: “Zeca, vamos almoçar lá na beira do Rio, em Ladário”. Quando paramos o carro no restaurante, o Zeca viu uma casinha com uma foto dele na porta. Imediatamente se dirigiu à casa para conversar com os moradores. Aquilo foi importante. Deu uma

animada. Logo depois vieram alguns companheiros. Como não tínhamos recursos para fazer um comício, fomos para o centro da cidade para falar com o povo e entregar nosso material de campanha. Na rua, vimos uma coisa interessante: os cabos eleitorais ligados aos candidatos que apoiavam o Ricardo Bacha faziam questão de dizer para o Zeca que iriam votar nele. Aquilo era uma sinalização importante.

Essa visita a Corumbá permitiu ver um cenário que você não conhecia totalmente?

Isso mesmo. Eu cuidava da coordenação. Não via muito o varejo da campanha. Ficava muito de olho nas pesquisas. Essa ida a Corumbá mostrou um novo quadro que estava sendo construído muito rapidamente. Eu fiquei tão empolgado com o clima político em Corumbá que comprei um pacote de bala e fui entregar junto com o material de campanha, naquele terminal de transbordo que fica no centro da cidade. Crianças e adultos nos procuravam para nos animar. Ali eu vi que podíamos ganhar. À noite, na janta, comentei com Zeca o que vi e senti. Ele me falou: “Vander, aonde eu vou é assim a recepção”.

Quando as pesquisas começaram a mostrar o crescimento do Zeca? Qual foi a atitude dos outros candidatos, Ricardo Bacha e Pedro Pedrossian?

Ficaram preocupados. Cortaram, inicialmente, as “pontes” que tinham com a gente. O Schmidt, raposa velha, vendo que a coisa estava difícil porque faltavam 30 dias para as eleições e alguns candidatos ameaçavam abandonar a nossa campanha, divulgou na “rádio peão” que iria ao Rio de Janeiro buscar apoio para a

nossa campanha junto ao Garotinho¹¹¹. Eu, por outro lado, falei para a Sandra Recalde que cumprisse o acordo que fez conosco. O Pedrossian, de olho no segundo turno, nos procurou e disse que podia nos oferecer algum tipo de ajuda se o apoiássemos no segundo turno. O Zeca falou que não fazia esse acordo, embora tenha dito que não apoiaria o Ricardo Bacha. O fato é que os dois nos ajudaram achando que não íamos para o segundo turno. Erraram completamente.

O que diziam as pesquisas?

Havia uma confusão grande. Pesquisa tem que ser lida com cuidado. Há sempre a possibilidade de uma pesquisa ser inflada. É um recurso muito usado pelo marketing político. As nossas pesquisas não eram alvissareiras se comparadas com as do Pedrossian e as do Bacha. Em algum momento, as pesquisas diziam que o Ricardo poderia ganhar no primeiro turno. O nosso marketing encontrava meios de manter o nosso pessoal entusiasmado. Mostrávamos para a militância que o Ibope estava errado (como, de fato, estava). Eu aprendi que numa campanha ou em qualquer outra atividade é fundamental manter os parceiros entusiasmados. A emoção faz uma diferença imensa.

O debate entre os candidatos, na TV Morena, ajudou na eleição de Zeca?

111. Anthony William Matheus de Oliveira (Anthony Garotinho) foi prefeito de Campos de Goytacazes (1989-1992 e 1997-1999), governador do Rio de Janeiro (1999-2002) e candidato a presidente da República pelo PDT (2002). Atualmente é deputado federal pelo PP do Rio de Janeiro.

O debate foi fundamental. O Zeca se saiu muito bem. Só que sabíamos que estávamos muito atrás do Pedrossian e do Ricardo Bacha e por isso decidimos jogar todo mundo na rua. As nossas pesquisas começaram a mostrar que o Zeca estava crescendo rapidamente

na reta final. O debate impulsionou esse crescimento. As pesquisas dos nossos adversários mostravam que nós estávamos 6% atrás do Pedro. O Ricardo Bacha estava com 38%, o Pedro, com 28% e nós, com 20%. No sábado à noite, dois dias depois do debate, as nossas pesquisas diziam que já tínhamos passado o Pedro em 3%. Fomos para o segundo turno com o Ricardo Bacha.

Que tema predominou no debate do primeiro turno, na TV Morena?

A questão central foi o endividamento do governo do Estado. Não podemos deixar de lembrar que, em 1998, vivíamos no Estado uma situação nunca imaginada, na qual a folha de pagamentos dos servidores públicos estava quatro meses atrasada. Logo, era inevitável que as finanças públicas do Estado fossem o centro do debate, no qual o Zeca questionava o Bacha e o Pedrossian, apontando-os como os responsáveis pela situação, por terem endividado o Estado de forma excessiva, e mesmo assim terem muitas obras inacabadas e o pagamento dos salários dos servidores estaduais em atraso.

Em 1996, vocês perderam muito tempo debatendo alianças para o segundo turno. Em 1998, como vocês costuraram as alianças para o segundo turno?

“Gato escaldado tem medo de água fria”. Logo que o TRE proclamou o resultado, nós saímos a campo. Não perdemos tempo. Conversamos imediatamente com Pedrossian. O Ricardo, a meu ver, cometeu um grande erro ao falar que não queria o apoio do Pedrossian. Foi uma coisa muito bonita o segundo turno. Em

112. Ary Rigo é engenheiro agrônomo e pecuarista. Exerceu o mandato de deputado estadual por seis legislaturas (1986-2010). Também foi vice-governador de Pedro Pedrossian (1990-1994).

113. Antônio Carlos Arroyo é engenheiro e pecuarista. Entre outros cargos, foi diretor geral do Departamento de Obras Públicas de MS (1980-1983) e secretário especial do ex-governador Pedro Pedrossian (1991-1994). Desde 1999, exerce o mandato de deputado estadual.

114. Paulo Corrêa é engenheiro civil e foi secretário de Estado de Habitação e Desenvolvimento Urbano de MS (1991). É detentor de quatro mandatos de deputado estadual em Mato Grosso do Sul. Sua primeira Eleição para deputado estadual foi em 2008.

115. Cícero Antonio de Souza é conselheiro presidente do Tribunal de Contas do Estado (TCE) desde 2001. Foi deputado estadual por quatro legislaturas (1986-1990, 1991-1994, 1995-1998 e 1999-2001).

116. José Genoíno foi líder estudantil e diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE). Por sua atividade política, ficou cinco anos preso pelo Regime Militar. Em 1979, ajudou a criar o PT. Em 1982, foi eleito deputado federal pela vez primeira. Depois, em outras eleições, se reelegeu para o mesmo cargo.

117. Marta Teresa Smith de Vasconcellos Suplicy é psicóloga, sexóloga e apresentadora de televisão. Foi deputada federal (1995-1998) e prefeita da cidade de São Paulo (2000-2004). Foi ministra do Turismo durante o Governo Lula. Eleger-se senadora pelo Estado de São Paulo em 2010. Em setembro de 2012, foi nomeada ministra da Cultura no Governo Dilma.

118. Zeca do PT teve, no primeiro turno da eleição de 1998, 263.120 votos. Ricardo Bacha teve 309.330. No segundo turno, Zeca teve 548.040 votos e Ricardo Bacha 346.460. O PT elegeu Ben-Hur e João Grandão para a Câmara Federal e Laerte Têtila para a Assembleia Legislativa. Pedro Kemp foi primeiro suplente.

menos de 48 horas, a cidade ficou vermelha. Gente de todos os partidos veio nos apoiar. O Valter Pereira, do PMDB e o Ary Rigo¹¹², entre outros, marcharam com a gente no segundo turno. Disputamos também os deputados Arroyo¹¹³, Paulo Corrêa¹¹⁴ e Cícero de Souza¹¹⁵. Mas dos deputados da coligação do Pedrossian, somente o Rigo veio com a gente. Uma coisa importante foi o apoio do PT nacional. Veio Lula, Mercadante, José Genoíno¹¹⁶ e Marta Suplicy¹¹⁷. Fizemos um segundo turno perfeito¹¹⁸.

No segundo debate da TV Morena, quais questões centrais estiveram presentes?

Como o enfrentamento era com o Ricardo Bacha, candidato da situação, os temas envolviam o Wilson Barbosa Martins, que terminava um governo pífio, política e administrativamente, totalmente desgastado pelo atraso dos salários dos servidores públicos do Estado. Acrescente-se a isso o embate decisivo em torno da privatização da Enersul, conduzida pelo governo estadual, mas que por falta de transparência não conseguia explicar onde teriam ido parar os 600 milhões de reais pagos pela Escelsa, líder do consórcio que venceu o leilão de privatização. O Ricardo Bacha, ex-secretário de Fazenda, não conseguia explicar, com clareza, o porquê da situação financeira estadual descontrolada, apesar da privatização da Enersul por mais de meio bilhão de reais.

O que mais chamou sua atenção na campanha de 1998?

Muita coisa. O entusiasmo de gente anônima nas ruas foi algo muito especial. A euforia da militância

foi uma coisa fantástica, mas nada se compara ao entusiasmo do Schimidt. Ele não deixava a peteca cair. Estava o tempo todo nos motivando e resolvendo os gargalos que iam surgindo. O Schimidt foi muito importante nesse pleito. Ele tem autoridade e conhece a política de Mato Grosso do Sul como ninguém. Até hoje eu acho que ele entrou na nossa campanha para impedir que o Pedrossian ganhasse no primeiro turno. Ele podia até ganhar no segundo turno, mas a história mostrou que o Schimidt não só ajudou a tirar o Pedrossian do segundo turno como tirou também o Ricardo Bacha.

Em sua opinião, qual o fator determinante da vitória de Zeca nessa eleição?

Uma campanha é feita de pequenos e grandes detalhes. São vários os elementos que contribuem para uma vitória, mas tentando responder concretamente a essa pergunta, eu acho que o fator surpresa foi fundamental. O Zeca foi uma surpresa. De última hora, ele conseguiu reverter a situação. O debate foi muito relevante. Todos os candidatos nos olhavam na expectativa de ter nosso apoio no segundo turno. Eu acho que o Zeca, pela intuição e até pela coragem de sair candidato, cumpriu um papel decisivo. Vejo também que o povo de Campo Grande sentia que tinha uma dívida com o PT. Fomos “garfados” em 1996 e o povo sabia disso.

Ofício Circular n. 001/98

Campo Grande, 20 de novembro de 1998

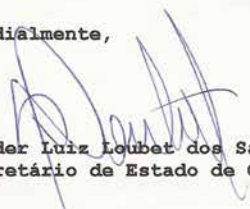
Senhor Secretário:

Por ordem do Sr. Governador eleito, convocamos todos os secretários indicados para a composição do Governo Muda MS, para a primeira reunião de trabalho que será realizada no dia 24 de novembro, às 08:30, na rua Tapajós, 83, tendo como pauta :

01. Fala do Governador;
02. Estabelecer critérios para definição do 2º Escalão;
03. Definir Estrutura de Cada Secretaria e órgão;
04. Discussão dos Salários (Governador e Secretários);
05. Assuntos Gerais.

Contando com a costumeira atenção,

Cordialmente,


Vander Luiz Loubet dos Santos
Secretário de Estado de Governo

Aos
Secretários de Estado indicados para a composição do "Governo Muda MS".
Nesta

Primeiro ofício do governo recém-eleito em 1998, assinado por Vander



O movimento Muda MS marcou história em 1998



Schmidt e Vander

CONSTRUINDO O GOVERNO POPULAR

CAPÍTULO 6

Neste sexto capítulo, Vander Loubet discorre sobre como foi escolhido para a Chefia da Casa Civil do governo de MS. Conta-nos como se deu o processo de escolha dos gestores que participaram do governo e também destaca como aconteceu a vinda de Paulo Bernardo¹¹⁹ para ser secretário de Fazenda. Vander também trata da relação com os deputados e da reforma administrativa que gerou muitos protestos.

Como surgiu o seu nome para assumir a Casa Civil do governo de Mato Grosso do Sul?

Olha, muita coisa acontece na minha vida sem eu esperar. Eu faço um grande esforço para me articular com gente de espírito vitorioso. Não tenho medo de descentralizar as atividades. Sempre trabalhei em rede. Tenho facilidade para identificar o papel que os parceiros podem desempenhar em determinado momento. É uma coisa intuitiva. Eu sou produto da escola política do PT. Fazemos política com estrutura ou sem estrutura ou, como diz o ex-deputado e ex-ministro José Dirceu, lutamos na planície e no planalto. O importante é juntar gente do nosso lado e distribuir as tarefas. Provavelmente, meu nome foi lembrado por isso. Soma-se a essa questão o fato de que eu era o homem que estava junto do Zeca, que conhecia as tratativas com os aliados. Estava legitimado pelo meu trabalho. Tanto que o Schmidt chegou e disse: “Você deve se preparar para assumir a Casa Civil”.

Você foi um dos chefes da Casa Civil mais jovem do Brasil, cargo que, em geral, requer grande experiência política. Não foi difícil se relacionar com Londres Machado¹²⁰, Ary Rigo, Schmidt, entre outros? Que estratégia você adotou para isso?

Sempre busquei ouvi-los no que diz respeito aos pro-

119. Paulo Bernardo entrou na política pelo sindicalismo como membro da Diretoria do Sindicato dos Bancários do Paraná. Foi deputado federal em três legislaturas (1991-1995, 1995-1999 e 2003-2005). Também exerceu os cargos de secretário de Estado de Fazenda de Mato Grosso do Sul (janeiro de 1999 a dezembro de 2000) e de secretário municipal de Fazenda da Prefeitura de Londrina (janeiro de 2001 a março de 2002). Em 22 de março de 2005, licenciou-se de seu mandato de deputado federal para assumir o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão no Governo Lula. Integra também o Governo Dilma Rousseff, desde seu início, como ministro das Comunicações.

120. Londres Machado é deputado estadual. Foi, por duas vezes, governador interino de Mato Grosso do Sul. É o atual recordista brasileiro de legislaturas consecutivas. Tem 11 legislaturas como deputado estadual (1970-1974, 1975-1978, 1979-1982, 1983-1986, 1987-1990, 1991-1994, 1995-1998, 1999-2002, 2003-2006, 2007-2010 e 2011-2014). Foi presidente da Assembleia Legislativa em 1991-1992, 1996-1998, 1998-2000 e 2004-2006. Entre 1987 e 1988, ocupou a Chefia da Casa Civil do governador Marcelo Miranda.

cessos políticos pelos quais eles passaram, bem como em muitas histórias e acontecimentos que me permitiram entender muito da história e da política da nossa região. Da minha parte, sempre busquei aprender os processos históricos, respeitando as posições deles, mas também jamais deixando de colocar clara e objetivamente que a gente havia vencido as eleições e iríamos promover as mudanças que as nossas diretrizes programáticas previam. Busquei construir isso com diálogo, clareza e muita sinceridade com esses e outros interlocutores. Tínhamos, em algumas situações, diferenças quase intransponíveis, mas nunca deixamos de dialogar e buscar construir as pontes para os consensos. Quando em certas situações isso não foi possível, caminhávamos por caminhos diferentes, mas entendo que mesmo nas diferenças as rupturas nunca devam extrapolar para o campo pessoal e/ou serem tão fortes a ponto de não de se perder a capacidade de diálogo.

Esse conceito de rede, que você mencionou, é relativamente recente. Você tem clareza de que a sua ação política está embasada na chamada Teoria de Rede?

Não sei se uso o conceito de forma científica. Isso é coisa de vocês lá da “academia”. O que sei é que gosto de ter parceiros múltiplos, que permitam trabalhar projetos sem as amarras ideológicas, sem preconceitos, de qualquer que seja a forma. Como disse, a minha atuação política tem muito de intuição e de conversas com os mais diversos atores. Com base nisso, vou montando os cenários e tentando prever as ações dos que participam do jogo. Para mim, a matéria-prima da política é a conversa. Tenho certa facilidade de trabalhar em rede porque procuro aproveitar a contribuição de cada um para o projeto ou situação do

momento. Relaciono o discurso dos atores com as suas ações. Isso permite perceber como os atores estão se movimentando e o que devo fazer para aproveitar toda a energia gerada pelos parceiros. A rede, para mim, é um monte de atores trabalhando afinados de forma descentralizada. Eu gosto desse modelo.

O que vocês fizeram para agasalhar os aliados no governo do Zeca? Parece que essa é uma tarefa que exige muita atenção e conhecimento das habilidades dos aliados?

Essa é uma tarefa difícil. Tem pressão de todo lado. De dentro do PT e de fora. Só que eu venho de uma escola política acostumada ao conflito. Nós não temos medo de desafios ou de pressão. Exerci vários cargos na Direção do PT. Coordenei várias campanhas. Converso com os mais experientes e as novas lideranças políticas do estado e do Brasil. Acho que é isso que nos ajuda a definir essa situação. Só que não existe uma elaboração teórica para isso. É experiência e percepção. Posso dizer que acertamos na indicação dos nossos secretários. O Zeca foi generoso com os aliados. O PDT e PPS ocuparam um espaço muito bom no governo. Basta comparar com o que André ofereceu posteriormente aos seus aliados.

Você advoga que para conseguir a governabilidade é obrigado a abrir espaço para os aliados?

A coisa não é tão simples assim como a pergunta de vocês pode sugerir. Eu defendo coalizão. A democracia é isso. Não sou daqueles que ganha com o grupo e quer governar sozinho. A minha política está baseada no coletivo. O PT é assim. Veja o Lula e a Dilma¹²¹. Os aliados estão

121. Dilma Rousseff é economista. Foi presa política do Regime Militar no final dos anos 70. Foi ministra das Minas e Energia e ministra-chefe da Casa Civil do Governo Lula. Atualmente é presidenta da República, sendo a primeira mulher a ser eleita para o posto de chefe de Estado e de governo em toda a história do Brasil.

no governo. O que não pode é dividir o governo como se fosse feudo. Trouxemos o Londres Machado, o Ary Rigo, o Arroyo, o Paulo Corrêa e outros para dar sustentabilidade ao governo. Isso foi importante. Aliás, um dia desses conversei com o Alcides Bernal - que ainda estava na condição de prefeito na ocasião - sobre esse assunto. Mostrei a ele que se não compor com outras forças políticas não se consegue governar. Olhe a situação dele agora. Foi cassado. Tudo porque não soube ou não deu a devida importância à coalizão. Foi avisado que estava errado e seguiu sem dar atenção aos atores políticos.

Como você ajudou a montar o primeiro governo do Zeca do PT?

Eu nasci em uma família de políticos. Na minha parentada, tinha um conflito político, como já disse a vocês. Eu agia nessa ocasião como uma espécie de mediador. Contribuía para que as coisas não saíssem da esfera política. No PT também tem muito conflito. Tudo é disputado no voto e não adianta cara feia. Essas experiências me ajudaram muito na montagem do governo do Zeca.

Comenta-se que as negociações com os aliados foram tensas, especialmente com o PPS, do Carmelino Rezende, é verdade?

É importante falar que começamos a montar o mandato com uma grande crise. O Carmelino, que por uma diferença de 2 pontos não ganhou a eleição para o Senado contra o Juvêncio, e o Kohl, eleito vice de Zeca, homem que agregou muito à nossa campanha, queriam administrar a Secretaria de Fazenda. Não víamos problemas em entregar a Secretaria da Fazenda

a qualquer um dos dois. Só que a disputa começou a atrapalhar a nossa estratégia de governo. Outras áreas estavam sendo contaminadas por essa disputa. Aí resolvemos agir. Foi nesse quadro que fomos buscar o Paulo Bernardo, no Paraná.

Então o Paulo Bernardo veio para a Secretaria de Fazenda para resolver o impasse entre Carmelino e Kohl?

Sim. Foi um parto essa escolha. Nós fomos criticados porque trouxemos um técnico e político de fora. O Zeca escolheu o Paulo Bernardo em função da relação que tínhamos com ele na nossa atividade sindical dos bancários. Em 1990, por meio do movimento dos bancários, o Paulo Bernardo foi eleito deputado federal pelo Paraná. Ele ganhou em 1990 e 1994. Em 1998, ele perdeu a eleição. Estava “solto” e era uma pessoa que se destacava na Comissão de Orçamento. Ele e a sua mulher, a Gleisi Hoffmann¹²², que era assessora parlamentar da Comissão de Orçamento. Nós sabíamos que o grande embate da campanha de 1998 tinha sido a arrecadação de impostos. O descontrole que havia na Secretaria de Fazenda era grande. Assim, resolvemos convidar o Paulo. O Lula soube da decisão quando o Paulo já tinha sido escolhido.

O processo de acomodação no governo dos aliados e dos quadros do PT foi difícil?

Só eu sei o trabalho que deu. Não foi fácil mostrar para o PT que o governo era de coalizão. Colocamos alguns quadros do PT no governo. Gente experimentada, que desde os anos 80 labutava conosco. E alocamos também os aliados. O nosso critério era técnico e

122. Gleisi Hoffmann é militante do PT desde 1989. Foi secretária de Estado de Reestruturação Administrativa (1999) de Mato Grosso do Sul durante o Governo Zeca do PT, no qual promoveu corte de gastos e cargos comissionados. Em seguida, foi secretária municipal de Gestão Pública da Prefeitura de Londrina. Compôs, em 2002, a equipe de transição de governo de Luiz Inácio Lula da Silva, quando foi nomeada diretora financeira da Itaipu Binacional. Em 2010, foi eleita senadora pelo PT do Paraná. Com o pedido de demissão de Antonio Palocci, em 7 de junho de 2011, Gleisi foi nomeada ministra-chefe da Casa Civil, permanecendo no cargo até fevereiro de 2014.

político. Se o candidato atendesse aos critérios e fosse indicação de algum partido aliado, não tinha problema. Até porque se tivesse dificuldade seria substituído. Assim, nessa perspectiva, o PPS ficou com três secretarias: Justiça, Planejamento e Cultura. O PDT ficou com o Detran e com a Secretaria de Produção. Outros partidos também foram contemplados.

Como foi o relacionamento do governo com a Assembleia Legislativa?

Não foi muito difícil. Sabíamos que não ficava bem um querer interferir no outro. Essa foi a nossa posição. Os deputados elegeram a Mesa Diretora, sem nenhum tipo de interferência do governo, até porque o Londres Machado tinha a maioria dos deputados e a sua eleição era esperada. Trabalhamos junto com Londres. Pactuamos a governabilidade. O Estado estava com várias folhas de pagamento atrasadas. Havia uma baixa autoestima dos servidores, os empresários não queriam investir aqui. Nem mesmo os caminhoneiros que faziam frete pelo estado queriam continuar trafegando por nossas estradas, em função da precariedade da malha rodoviária. Tínhamos muita coisa para fazer e não interessava nenhum tipo de problema com a Assembleia Legislativa. Ao contrário, queríamos andar junto com os deputados.

Como chefe da Casa Civil, você era o responsável pelos entendimentos com a Assembleia Legislativa?

Sim. Eu recebia todos os deputados. Procurava levar os pleitos que eles apresentavam para o Zeca. O fato de não termos interferido na eleição da Mesa da Assem-

bleia nos ajudou muito. O que fazíamos era mostrar que o Estado estava no fundo do poço. Vou dar um exemplo: quando montamos a proposta do Fundersul [Fundo de Desenvolvimento do Sistema Rodoviário de Mato Grosso do Sul], tivemos o apoio dos deputados. O Zé Teixeira, por exemplo, produtor rural, foi um importante interlocutor nosso. Teve desgaste com sua base, mas apoiou o Fundersul. Nós fomos construindo o mandato com o apoio da Assembleia. No primeiro ano, tínhamos três deputados: um do PT e dois da base aliada, que eram o Geraldo Resende¹²³ e o Franklin Masrhua. Logo após, contávamos com o apoio de 17 e, tempos depois, conseguimos o apoio de 21 parlamentares.

Costuma se falar que uma parte dos deputados só apoia o governo se seus interesses eleitorais forem contemplados. Havia isso no governo do PT?

Olha, a política tem isso, não posso negar. Mas procurávamos evitar esse tipo de diálogo. O nosso esforço era político. Prestigiávamos os deputados. Essa coisa de você estar lá todos os dias recebendo o parlamentar e dialogando ajuda muito. As conversas foram importantes na construção da base do governo. Os atendimentos eram baseados nos programas. Tínhamos uma margem para garantir que o deputado e suas bases fossem atendidos. O Zeca sempre prestigiou os deputados, só que tudo no plano republicano. Não tinha essa coisa de toma-lá-da-cá.

O governo não teve problema com os deputados?

Não posso dizer que não tivemos problemas com os deputados. Claro que tivemos. A política é feita de

123. Geraldo Resende é médico e teve passagem pelo movimento estudantil nos anos 70. Foi secretário de Estado de Saúde no primeiro governo de Zeca do PT. Foi vereador em Dourados, deputado estadual e atualmente é deputado federal. Foi filiado ao PPS e PSDB e atualmente está no PMDB.

conflitos. O que posso dizer é que soubemos conduzir as dificuldades. Envolvíamos os parlamentares com as atividades do governo. Eles conheciam o plano de aplicação em obras. Quando era possível, contemplávamos a base eleitoral deles. Esse era um critério que adotávamos. O plano de aplicação de recursos em obras era discutido com o secretário de Governo (que era eu), com o secretário de Obras e com os técnicos da Agesul¹²⁴. Quando possível, atendíamos as bases eleitorais de cada deputado. Tanto que eles diziam que nunca foram tão prestigiados como no governo do Zeca.

E a relação com os partidos?

Já falei que todos os partidos que estiveram conosco na eleição de 1998 foram contemplados. Basta procurar alguém dirigente e perguntar. Só que a relação não se restringia a cargos. É preciso cultivar o diálogo, apagar os incêndios. Outra coisa que evitamos foi essa história de cooptar lideranças dos outros partidos e trazer para o PT. Nós formamos as nossas lideranças dentro do PT. Por isso tivemos uma base segura na Assembleia, mesmo o PT não tendo mais do que cinco deputados, em algum momento. Para ter uma ideia da nossa relação com os aliados, basta ver a quantidade de prefeitos que fizemos na eleição de 2000. O PT fez 18 prefeituras, o PDT fez 14 e o PR fez 11. Lembro que fizemos metade das prefeituras com os partidos da base do governo.

Quanto você estava na Casa Civil do Governo Zeca, houve um movimento com os vereadores da Capital, denominado de G5, articulado por você. No que consistiu esse grupo?

124. Agência Estadual de Gestão de Empreendimentos de Mato Grosso do Sul.

Sim. Foi um processo importante, pois atraímos para uma relação mais próxima com o governo estadual um grupo de vereadores que tinham mais proximidade com o PMDB do André Puccinelli, mas que estavam um pouco insatisfeitos com o tratamento que vinham recebendo do prefeito à época. Esse grupo tinha o Pécio Andrade¹²⁵, Edil Albuquerque¹²⁶, Youssif Domingos¹²⁷, Jorge Martins¹²⁸, Jamal Salem¹²⁹, além do Raufi Marques¹³⁰, que tinha sido vereador em Dourados e na época era presidente da União Estadual de Vereadores. Promovíamos ações do governo nos bairros de Campo Grande e eles participavam ativamente. Esse grupo foi importante porque nos ajudou a ter uma ação mais efetiva do governo do Estado na Capital.

No caso do Fundersul, o governo foi muito criticado pelas entidades ligadas ao Agronegócio?

É fato. Fomos muito criticados, mas conseguimos convencer os produtores rurais que o projeto era bom. O José Antônio Felício¹³¹ criou um bom projeto. Os produtores acompanhavam a execução das obras. Os deputados debatiam conosco onde deveriam ser investidos os recursos. A Famasul¹³², por exemplo, mandava seus técnicos ver a terraplanagem das estradas vicinais que haviam sido recuperadas e as pontes que foram restauradas ou construídas com esses recursos. Havia uma fiscalização acirrada da Famasul, da Acrisul¹³³ e dos sindicatos rurais. O dinheiro do Fundersul era exclusivo para esse objetivo.

Quais foram as marcas do Governo Zeca?

O Fundersul foi uma delas. As estradas rurais são outras, depois desse Programa. Mas eu posso citar

125. Pécio Andrade Filho foi vereador de Campo Grande da legislatura 2001-2004.

126. Edil Afonso Albuquerque é vereador licenciado e secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, de Ciência e Tecnologia e do Agronegócio da Prefeitura de Campo Grande.

127. Youssif Assis Domingos é formado em Direito. Foi secretário municipal de Habitação e Assuntos Fundiários da Prefeitura de Campo Grande (1993-1996). Exerceu mandato de vereador na Capital por três legislaturas. Também foi eleito deputado estadual em 2006. Atualmente é diretor presidente da Agência de Regulação de Serviços Públicos de MS.

128. Jorge Martins é administrador de empresas. Foi vereador em Campo Grande por dois mandatos, secretário municipal de Administração na gestão de Nelson Trad Filho e diretor da junta interventora da Santa Casa (2010-2011).

129. Jamal Mohamed Salem é médico urologista, vereador licenciado da legislatura 2013-2016 e secretário municipal de Saúde Pública da Prefeitura de Campo Grande. Também foi vereador nas legislaturas 1997-2000, 2001-2004 e 2009-2012.

130. Raufi Antonio Jaccoud Marques é empresário. Foi secretário de Governo da Prefeitura de Dourados (1993-1994), vereador em Dourados (1997-2000), presidente da Câmara Municipal (1997-1998) e fundador e presidente da União da Câmara de Vereadores de MS (1997-2001). No Governo Zeca do PT, foi secretário de Representação de MS em Brasília (2003-2004), secretário de Estado de Governo (2004-2006) e secretário de Estado de Justiça e Segurança Pública (2006).

131. José Antonio Felício é advogado, economista, contador e produtor rural. Foi secretário de Estado de Fazenda entre 1991 e 1992 e secretário de Estado de Produção e do Turismo no primeiro governo de Zeca do PT (1999-2002).

132. Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul.

133. Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul.

outras marcas. A mais importante delas foi resgatar a autoestima do povo sul-mato-grossense. Tinha gente indo embora do estado por falta de perspectiva de presente e de futuro. Também teve o plano de carreira dos funcionários e a democratização da política de impostos. Acabamos com a farra na Receita estadual. O dinheiro arrecadado ia para os cofres do Estado. Os empresários, pequenos ou grandes, passaram a pagar o imposto justo. O Fisco deixou de achacar os empresários. Tanto que subimos a arrecadação de 45 para 200 milhões de reais. Logo depois, foi para 360 milhões. Isso nos ajudou a trabalhar a questão das cadeias produtivas, objetivando mudar a base econômica do estado.

Pela Casa Civil passavam essas questões econômicas, estruturais e sociais?

Sim, claro, pois era por meio da mediação da política e com muito diálogo que conseguíamos remover eventuais obstáculos para que os processos avançassem ou mesmo apontar sugestões de encaminhamentos, propostas e possibilidades para as pastas. Assim foi com o Fundersul ou mesmo com o profundo estudo que fizemos da cadeia produtiva da carne bovina, depois ampliado para mais cadeias produtivas.

No caso específico da cadeia produtiva da carne bovina, como isso ocorreu?

Quando assumimos o governo com os salários atrasados e a arrecadação em baixa, havia um pleito, por parte dos produtores e da indústria frigorífica, para que o imposto sobre os animais em pé (enviados para fora de MS, especialmente para São Paulo) e sobre a carne

fossem zerados. Eles pagavam 2% de ICMS sobre esses produtos. Na época, fui procurado por um grupo de professores e alunos da UFMS que estavam estudando a cadeia da carne, nos apontando que as coisas não seriam necessariamente como os produtores e a indústria estava pleiteando. Achei a possibilidade interessante. Levei esse grupo até o Paulo Bernardo, o Paulo Duarte¹³⁴ e o hoje deputado Amarildo Cruz¹³⁵, para ver a possibilidade de contratação de um estudo que nos apontasse algumas respostas sobre a questão econômica e tributária da cadeia da carne.

E esses estudos deram as respostas que vocês necessitavam?

Sim, com certeza. Estou citando esse caso para exemplificar como a política, como forma de interlocução, é uma ótima ferramenta para fazer com que as coisas caminhem e se encontrem soluções. No caso concreto, o estudo da cadeia produtiva da carne mostrou que a tendência era de falta da matéria-prima boi, em termos de mercados mundiais, sendo assim a redução dos impostos faria com que fizéssemos a transferência de renda da população de MS para os centros consumidores de carne do Brasil e do exterior. Isso nos fez tomar a decisão de aumentar os impostos sobre a carne de 3% com osso e 4% sem osso. Essa diferença de 1% era para incentivar, para que progressivamente a desossa fosse feita aqui em Mato Grosso do Sul e não em São Paulo. A arrecadação de ICMS com a carne cresceu nos anos seguintes de 20 a 30 milhões de reais por ano para 200 milhões. Esse é um exemplo de como a política que praticamos na Casa Civil fazia mediação com todo o governo na busca de soluções para as questões.

134. Paulo Duarte é servidor público estadual e prefeito de Corumbá. No governo de MS, foi secretário de Estado de Fazenda (2000-2002), de Governo (2003-2004) e de Infraestrutura, Obras e Habitação (2004-2006). Em 2006 foi eleito deputado estadual. Em 2012 venceu as eleições pela Prefeitura de Corumbá e em 2013 assumiu a Presidência do Diretório Regional do PT-MS.

135. Amarildo Cruz é agente tributário do Estado de Mato Grosso do Sul, bacharel em Direito e Ciências Contábeis. Ajudou a fundar o Sindicato dos Agentes Tributários de MS, em 1989, do qual foi presidente e secretário geral. Também foi presidente do Diretório Regional do PT de MS. No Governo Zeca, entre 2003 e 2006, foi presidente da Agência Estadual de Habitação. Foi eleito deputado estadual em 2006 e suplente em 2010, tendo assumido, em 2013, a vaga deixada por Alcides Bernal.

O governo criou o Plano MS 2020. Qual a importância desse plano para o Estado?

O MS 2020 foi muito importante. O Fausto Mato Grosso, do PPS, que era secretário de Planejamento e que depois trabalhou no primeiro Governo Lula, no Ministério do Desenvolvimento Regional, foi quem liderou esse plano. Ele serviu para mostrar onde o governo deveria investir e estimular a implantação de indústrias. Esse conhecimento do estado permitiu que algumas áreas fossem contempladas com indústrias. A Região do Bolsão, por exemplo, recebeu um tratamento especial por parte do governo. Não foram só as usinas de álcool que foram instaladas, mas principalmente indústrias de ponta. Veja o caso de Três Lagoas. O Zeca levou a prefeita Simone Tebet¹³⁶, hoje vice-governadora, aos EUA para garantir que importantes indústrias na área de papel e celulose fossem instaladas lá. Posso citar também o gasoduto que trouxemos para Três Lagoas. O desenvolvimento do Bolsão deve muito ao nosso governo. Na Região da Grande Dourados, ajudamos a instalar várias indústrias de álcool, sem falar dos milhares de quilômetros de asfalto que construímos no estado.

Quais foram as principais iniciativas do governo no plano social?

Essa foi uma das áreas em que mais atuamos. Foi aí que criamos os fundos de investimento social, de incentivo ao esporte e de incentivo à cultura. Com esses fundos, conseguimos dar vazão a uma demanda enorme que havia no estado. Nós construímos o maior programa de inclusão social da história do Estado servindo, inclusive, como laboratório para o Programa

136. Simone Nassar Tebet é advogada e professora universitária. Foi deputada estadual (2003-2005) e prefeita de Três Lagoas (2005-2010). É vice-governadora de Mato Grosso do Sul desde 2010.

Fome Zero do Lula. Na época, nós investimos nesse plano 15 milhões de reais por mês. Foi boa essa pergunta por que eu me lembro que algumas pessoas do PT reclamavam que não atuávamos no campo social. Aí, com esse programa, eles viram que tínhamos compromisso social de verdade. Eu, como secretário de Governo, acompanhei a implantação desse plano de perto, na medida em que todos, de uma forma ou de outra, necessitavam da mediação política interna ao governo ou externa, com atores políticos ou da sociedade. Isso é a boa política que faz com que as coisas caminhem.

A luta pela posse da terra em Mato Grosso do Sul se converteu em guerra. Muitos tombaram nessa peleja. O que o Governo Zeca fez em prol da Reforma Agrária no Estado?

Nós não temos medo de debater esse tema. Ele é muito caro para o PT. Perdi muitos amigos na luta pela terra. Vi muito sofrimento nos acampamentos de índios e de sem-terra. Lembro que o Zeca, quando deputado, elegeu o tema Reforma Agrária como bandeira do seu mandato. Só que aqueles que achavam que iríamos implantar o caos no campo de MS erraram redondamente. Eu acho que nesses oito anos que governamos o Estado conseguimos mudar a base econômica dele. Não houve nada de anormal, como os setores mais conservadores apontavam que poderia ocorrer com um governo do PT. Recebemos o Estado com quase 60 fazendas ocupadas e o entregamos, depois de oito anos, com duas fazendas ocupadas. Nós fizemos uma parte da reforma. É só ir na antiga Fazenda Itamaraty para ver.

A mediação entre ruralistas e sem-terra era feita por você?

Acabavam caindo na minha mesa. Aí eu usava a política para resolver. Tanto que criamos um grupo para debater esses conflitos. Foi algo negociado sem a ação da polícia. Eu acredito que adotamos um perfil inovador. Lembro que quando assumi a Casa Civil estava com 34 anos e o Estado tinha um perfil conservador. Muitos prefeitos iam lá e não acreditavam que eu era o chefe da Casa Civil, pela minha idade.

Como foi o diálogo com os funcionários do Estado?

O nosso grande trunfo foi o diálogo. O PT foi construído com conflito e diálogo. A teoria política nos ensina que foi a luta de classe que trouxe a humanidade até nossos dias. A sociedade avança na contradição. Os conflitos e os diálogos com os funcionários oxigenaram o governo. O Zeca implantou o diálogo com todos os setores.

Mas houve protestos dos funcionários e do próprio PT quando o governo do Zeca implantou a reforma administrativa?

Houve muita crítica. Mas a reforma era necessária. Era fundamental para melhorar a máquina administrativa. Só que foi difícil. Nós sofremos muita crítica do próprio PT. A coisa se radicalizou de tal forma que foi queimado um boneco do Zeca em praça pública. Só que mesmo diante das críticas não deixamos de tomar as medidas amargas necessárias. Fizemos muitos enfrentamentos. Esse assunto foi debatido pelo PT

nacional. A Gleisi Hoffmann era quem administrava essa reforma. Foi um tempo duro.

É verdade que havia um conflito entre você e Paulo Bernardo?

Em qualquer governo tem conflito. Isso é salutar. Não me assusto com conflito. No nosso governo tinha. No governo do Lula, por exemplo, se falava da queda de braço entre o Zé Dirceu e o Antonio Palocci¹³⁷. O Paulo era político, embora não fizesse política aqui no estado, mas pela experiência, pelos embates, pela formação dele dentro do PT, sabia procurar seus espaços. Nessa busca, naturalmente, podia tirar espaço de outros. Eu sempre tive uma relação muito cordial com o Paulo Bernardo. Eu tinha força política. O Zeca me apoiava e por isso mesmo não tinha necessidade de me articular na Secretaria de Fazenda. Eu lutei e criei o meu espaço.

Por que o Paulo Bernardo e a Gleisi voltaram para o Paraná?

Eles voltaram porque tinham interesses políticos lá, são de Londrina. O Paulo também foi convidado para ser secretário de Fazenda da Prefeitura de Londrina e aceitou. Fez a coisa certa porque logo foi eleito deputado federal. Hoje, ele e a Gleisi são ministros importantes do Governo Dilma. Eu tenho uma boa relação com os dois, são amigos do Mato Grosso do Sul.

Como era as relações do Governo Zeca com o presidente Fernando Henrique Cardoso?

Era institucional. Tínhamos uma boa relação com o Governo FHC. Não havia as obras que têm hoje. Era

137. Antonio Palocci Filho é médico. Começou a carreira política como vereador de Ribeirão Preto (1988). Foi prefeito de Ribeirão Preto, deputado estadual em São Paulo e ministro da Fazenda do Governo Lula (2003-2006). Também exerceu o cargo de ministro-chefe da Casa Civil do Governo Dilma (2011).

outro momento histórico, mas fomos tratados com respeito. Ele esteve aqui no estado algumas vezes.

O Flávio Derzi¹³⁸ foi um dos interlocutores do governo de MS em Brasília?

Sim, era um grande político. Ele nos ajudou muito. Foi um deputado fundamental. Naquela época, não tinha esse entendimento que se tem hoje de que todos os parlamentares precisam se unir em defesa do estado. Havia muito boicote ao Zeca. Muito ranço. A nossa vitória levou um tempo danado para ser absorvida pelo PMDB. Daí que o Flávio Derzi foi fundamental. Ele conhecia Brasília, tinha os contatos que começaram com o seu pai, o senador Saldanha Derzi¹³⁹. Mas também tínhamos o João Grandão¹⁴⁰ e o Ben-Hur.

Como era a sua relação com André Puccinelli?

Minha relação com o André é institucional. Na política, as pessoas têm que conversar. Eu vejo que ele e o Zeca cultivam uma disputa antiga, uma queda de braço. Só que eu prefiro agir como conciliador. O André, quando era prefeito, me procurava para tratar de coisas do município. Eu encaminhava seus pleitos junto ao Zeca. Temos as nossas diferenças, claro, mas somos gestores públicos e a sociedade não pode ser vítima das nossas diferenças políticas. A sociedade quer e deve ser atendida. Não concordo com o jeito autoritário do André, com a excessiva centralização administrativa, a arrogância com que ele trata os seus adversários. Só que ele foi eleito com o voto popular. Foi legitimado pela maior parte da população.

138. Flávio Saldanha Derzi foi administrador de empresas e pecuarista. De 1990 até 2001 (quando faleceu), ocupou o mandato de deputado federal por Mato Grosso do Sul.

139. Rachid Saldanha Derzi era médico. Foi prefeito de Ponta Porã na década de 40 e militante da UDN e da Arena. Também foi deputado federal e senador por MS. Era pai de Flávio Derzi.

140. João Batista dos Santos (João Grandão) é formado em história e atou muitos anos como líder sindical dos bancários de Dourados. Foi vereador em Dourados (1997-1999), deputado federal (1999-2002 e 2003-2006) e delegado do Desenvolvimento Agrário em MS.

Como foi a relação do governo do PT com os prefeitos e com a Associação dos Municípios de Mato Grosso do Sul (Assomasul)?

Foi uma relação cordial. Todas as nossas conversas foram transparentes. A questão do ICMS dos municípios, por exemplo, foi tratada com a maior lisura. Construímos uma planilha com clareza e transparência total. Com isso, ganhamos a credibilidade dos prefeitos. Não olhávamos a cor partidária. Aquilo que o município tinha direito, recebia. Claro que havia reclamações. O prefeito sempre acha que deveria receber uma fatia maior. Eu acho que a transparência foi um grande diferencial do Governo Zeca. Ele obteve o respeito dos partidos e dos gestores dos municípios. Eu acho que essa capacidade de não deixar as coisas irem para o campo meramente ideológico e partidário, de ver a gestão como algo profissional, facilitou muito a nossa relação com os prefeitos.

Como foi a relação com a imprensa?

Sempre tive uma relação amistosa com a imprensa. Respeito muito os limites e a independência da imprensa. Teve um período em que o jornal Correio do Estado batia muito no governo, mas conseguimos democratizar essa relação. Não tivemos muitos problemas, mas acho que no segundo governo do Zeca houve até exagero na relação com a imprensa. Ela ficou próxima demais. De qualquer forma, foi positiva a nossa relação com a imprensa, exceto no final do governo quando o Antônio João¹⁴¹ andou fazendo umas críticas violentas ao Zeca. Essa matéria, inclusive, rendeu uma ação contra o Correio do Estado, em que Zeca ganhou um bom dinheiro do Antônio João.

141. Antônio João Hugo Rodrigues é jornalista e proprietário do jornal Correio do Estado. Foi suplente do senador Delcídio do Amaral (2002-2010). É presidente do PSD de MS.

O governo do Zeca do PT viveu alguns escândalos? O Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) foi um deles?

É verdade. O gestor público não está livre de escândalos criados artificialmente ou reais. A máquina pública é uma coisa grande. O que ele tem que fazer é apurar e punir os responsáveis. O caso FAT eu conheço. Foi um fundo criado pelo governo federal no início dos anos 90, sem o menor controle. O governo federal queria formar mão-de-obra qualificada e não sabia como. Aí mandava recursos do FAT para os estados, sem a mínima programação. Havia muita pressão dos sindicatos para participarem do programa no nosso governo. Era de difícil controle, no início. Tudo isso contribuiu para que tivéssemos algumas dificuldades administrativas. E logo que soubemos dos problemas, fizemos uma apuração rigorosa. Só que é preciso dizer que, nas denúncias do FAT, tinha o dedo do André Puccinelli e do seu time. Muita coisa era política. Foi em 1999 e o André iria disputar a reeleição. É bom destacar também que as denúncias contra o FAT começaram no governo do PMDB do Wilson Barbosa Martins.

Há uma crítica de que o PT, quando estava no governo, trouxe muita gente dos movimentos sociais para o governo, principalmente sindicalistas. Você concorda com ela?

Eu acho que esse é um problema secundário. Cheira um pouco a discriminação contra o PT e os movimentos sociais. Quem lutou conosco pela eleição do Zeca e tinha condições técnicas e moral de participar do governo foi aproveitado. Todos os partidos aliados foram contemplados. Agora, por outro lado, não posso

deixar de concordar que algumas áreas do movimento popular ficaram desfalcadas. Não é fácil você repor uma liderança, ela leva tempo para ser formada. Só que o governo também precisava de gente capacitada para gerir a máquina.

Que papel Dona Gilda cumpriu no governo?

Dona Gilda é uma militante histórica do PT. Não foi uma primeira-dama apenas. Ela atuava no governo e na máquina do PT. Ficava mais ligada às políticas sociais. Quando necessário, dava sua contribuição sobre os caminhos que o governo deveria tomar. O Zeca ouviu muito a Dona Gilda.

Como era a sua relação política com Dona Gilda?

Uma relação respeitável. Não lembro de termos enfrentado dificuldades. Eu tinha muita liberdade com o Zeca. A decisão que eu tomava tinha peso. Ele podia até discordar, mas não me desautorizava. Com Dona Gilda, eu sempre agi como muito respeito, só que não fazia média. Não tinha necessidade e nem é do meu feitio. Ela sabia que eu tinha condição de convencer o Zeca sob determinada situação e quando precisava me procurava para encaminhar a conversa. Eu ajudava na área social, mas havia alguns bajuladores que tentavam contaminar a nossa relação. Diziam coisas assim: “O Vander manda muito nesse governo, Dona Gilda, quer ser primeiro-ministro”. Coisas pequenas para tentar criar alguma rusga entre nós. Acho que no segundo governo do Zeca, a Dona Gilda esteve mais presente nas decisões. Como no segundo governo eu assumi uma cadeira na Câmara Federal, não acompanhei o cotidiano do governo.

E no seu caso, qual é o papel da sua esposa, Roseli, em sua atividade política e no seu mandato?

A Roseli é uma pessoa especial para mim. É uma base segura nesse processo todo da minha atividade política. Eu a conheci em 1988, em Porto Murtinho. Ela era funcionária do Banco do Brasil. Desde o início, percebi que estava acompanhado de uma grande mulher. Não tem tempo ruim para ela. Eu também era bancário e, muitas vezes, colocava parte do meu salário nas atividades políticas. Quando as coisas estavam difíceis, ela segurava a barra financeira da nossa casa. Nunca reclamou. Sabe da vida de quem escolheu a política como missão. Ela nasceu em Fátima do Sul, em uma família de políticos. Participa ativamente das campanhas do PT. Também foi dirigente sindical dos bancários em Campo Grande. Tem uma característica que eu acho muito interessante na Roseli: ela participa das minhas campanhas, faz o que tem que fazer, mas depois da eleição não interfere no meu mandato. Não fica naquela coisa de ir ao escritório político para saber o que está acontecendo. Ela anota as coisas e conversa comigo em casa. Quando é necessário, me acompanha em reuniões políticas, mas mantém uma posição discreta em relação à minha rotina política.



Dona Gilda e Vander na campanha de 2002



Gilda, Zeca, Vander e Roseli



Mineiro, Vander, Agamenon e Zeca

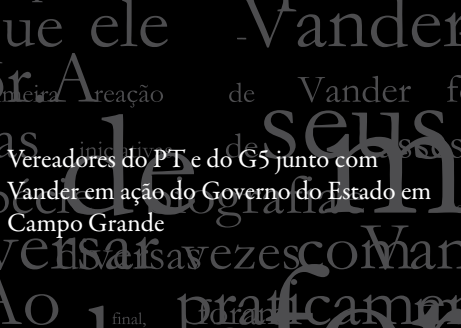


Vander e Kohl com as esposas e Zeca

Em 2014 tivemos o primeiro bate-papo com Vander. Servidores malham bonecos de Pedro Kemp, Zeca do PT e Ben-Hur em protesto contra reforma administrativa (acervo de Giselda Diniz)



Servidores malham bonecos de Pedro Kemp, Zeca do PT, Paulo Bernardo e Ben-Hur em protesto contra reforma administrativa (acervo de Giselda Diniz)



Vereadores do PT e do G5 junto com Vander em ação de Governo do Estado em Campo Grande



Deputado, por que você deixou a Casa Civil do governo, em 2001?

Eu gosto de conversar com os políticos mais experientes. Um dia, “jogando conversa fora” com o Schmidt e o Londres na Casa Civil, eles me disseram uma coisa e eu fiquei pensando sobre isso. Eles disseram que na Casa Civil ninguém pode passar mais de dois anos, senão fica doido. Eu levei essa conversa a sério. E dias depois, o Alex do PT disse para mim que eu deveria conquistar um mandato. Eu não pensava nessa alternativa, mas algo me dizia que eu tinha que desempenhar outra missão, que podia ser até na iniciativa privada. A Roseli, minha esposa, também vinha me alertando que eu deveria procurar outra coisa para fazer. Aos poucos, fui vendo que podia disputar uma vaga de deputado federal. Um dia, cheguei para o Zeca e falei que iria voltar para a direção do PT porque queria coordenar a campanha do partido para prefeito e vereadores. Também alertei que podia disputar uma vaga de deputado federal.

Você foi eleito presidente do PT estadual? Em que ano?

Foi em 2000. Fui eleito presidente e comecei a viajar pelos municípios. Eu tinha e tenho muitos amigos nos municípios, tanto do PT como de fora do PT. Eu acho

interessante essa ideia de trabalhar em rede, de ter parceiros em lugares estratégicos. Gosto de dar atenção aos amigos e aos candidatos porque, no futuro, você pode precisar, não é? Por isso que vocês me veem viajando todo final de semana para os municípios. A política é uma atividade que exige muita solidariedade. É uma via de mão dupla. Além de cuidar das campanhas do PT, no interior, eu também cuidava da campanha a prefeito de Campo Grande do Ben-Hur, que era o candidato do PT.

Como você avalia o desempenho do PT, nas eleições municipais de 2000?

Foi muito bom. Não só para o PT como para os partidos aliados. Perdemos em Campo Grande. Era muito difícil ganhar do André em 2000, mas, em contrapartida, ganhamos em Dourados e em Ponta Porã e ficamos perto de ganhar em Corumbá. Ao todo, fizemos 14 prefeituras¹⁴². Teve uma coisa interessante nessa campanha. As pesquisas mostravam que o Ben-Hur estava mal em Campo Grande. Aí, o Londres disse para mim que governo que quer ganhar a reeleição não pode perder a eleição em Campo Grande e em Dourados. Nós montamos barraca em Dourados. Pedimos o apoio do Flávio Derzi para nos ajudar na eleição do Tetila¹⁴³. O Paulo Bernardo e o Bonelli¹⁴⁴ também deram uma ótima ajuda. A esquerda do PT, em Dourados, acha até hoje que ganhou sozinha aquela eleição.

Logo que terminou a eleição, você voltou para o governo?

Exato. Só que não voltei para a Casa Civil. O Ben-

142. Na eleição de 2000, o PT conquistou 14 prefeituras no estado: Caracol, com Francisco Costa; Corguinho, com Celso Cerioli; Deodópolis, com Luís Viana; Iguatemi, com Celso Moreira; Dois Irmãos do Buriti, com Osvane Ramos; Dourados, com Laerte Tetila; Tacuru, com Valter Gaudalini; Bonito, com Geraldo Marques; Ponta Porã, com Vagner Piantoni; São Gabriel do Oeste, com Adão Rolim; Mundo Novo, com Humberto Amaducci; Rio Brilhante, com Paulo Cuel; e Pedro Gomes, com Marcilio Fontoura.

143. José Laerte Cecílio Tetila é geógrafo e professor universitário. Foi vereador em Dourados (1992-1998), deputado estadual (1999-2000) e prefeito de Dourados (2001-2004 e 2005-2008). Cumpre mais um mandato como deputado estadual (2011-2014).

144. Luís Carlos Bonelli é engenheiro. Foi superintendente do Inbra em Mato Grosso do Sul.

-Hur queria ficar no Estado para disputar uma vaga de deputado estadual. Aí, ele ficou no meu lugar na Casa Civil e eu fui para a Secretaria de Obras. Eu sabia que nessa secretaria iria ampliar minha rede de contatos. Ela me ligava ainda mais aos prefeitos, vereadores e às lideranças empresarias e populares. Eu estava de olho em uma vaga de deputado federal e esses parceiros poderiam ajudar. Tem gente que fala que eu gastei milhões na minha campanha. Conversa fiada! Eu usei racionalmente as estruturas em que trabalhei. Montei minha rede de amigos e de apoio.

Você ficou pouco tempo na Secretaria de Obras?

Pouco mais de um ano, porque o Delcídio se filiou ao PT para ser candidato ao Senado. Como eu tinha o PT e a minha candidatura para cuidar, continuei fazendo política, mesmo sem cargo público. O Delcídio foi para a Secretaria de Obras, de onde eu saí.

Como surgiu o nome do Delcídio para o Senado?

O Delcídio já tinha sido sondado para ser candidato ao governo de MS, pelo PSDB. Depois foi consultado para ser deputado federal. Tinha sido ministro do Itamar Franco¹⁴⁵. Depois foi para a Diretoria de Gás da Petrobras. Aqui no Mato Grosso do Sul, eu na Casa Civil e ele na Petrobras trabalhamos juntos por ocasião da implantação do gasoduto Brasil-Bolívia, e também ele era amigo do Flávio Derzi, que nos ajudava muito. Como havia aquela história de que o André Puccinelli era candidato ao governo, em 2002, nós resolvemos dar um susto nele com a candidatura do Delcídio ao Senado. Ele se filiou ao PT em junho de 2001, no último dia de filiação, em Corumbá, quando

145. Itamar Franco era engenheiro. Foi prefeito de Juiz de Fora na década de 70, senador (1975-1983, 1983-1990 e 2011), vice-presidente da República (1990 a 1991), presidente da República (1992-1994) e governador de Minas Gerais (1999-2003).

inaugurava uma obra da Petrobrás. O Valber Noleto¹⁴⁶ foi quem levou a ficha de filiação para Corumbá. E ainda teve um problema: o Diretório do PT de Corumbá tentou impedir a filiação. Foi uma luta imensa para sacramentá-la.

O Delcídio tomou a decisão correta. Hoje é senador e pode ser governador do Estado?

Agora é fácil falar isso, mas, naquela época, o quadro era outro. Setores mais sectários do PT não queriam ele no partido. Ele foi um cara muito corajoso. Se filiou ao PT e assumiu a Secretaria de Obras, mesmo sabendo que iria enfrentar resistência de uma parte do partido. O pessoal do PT de Corumbá recorreu duas vezes contra a filiação do Delcídio. O recurso chegou ao Diretório Nacional do PT. Eu e o Ben-Hur fomos defender a filiação dele no Diretório Nacional. Lá também tinha um problema: a Ideli Salvati¹⁴⁷ tinha umas diferenças com ele por questões de disputas em torno da Eletrosul, em Santa Catarina, e queria vetar a filiação. Concluindo: o PT nacional aceitou a filiação. O Aloísio Mercadante¹⁴⁸ e o José Genoíno também fizeram a defesa do Delcídio.

Por que o Zeca do PT teve dificuldade para conseguir a reeleição?

Em que pesem os problemas, o governo estava forte, só que havia dificuldades localizadas. O Zeca começou a achar que estava com a “bola toda” e alguns deputados e lideranças políticas, inclusive prefeitos e vereadores, começaram a debandar para o lado do André. Só que o Zeca não reagia. Estava cercado pelo pessoal da Secretaria de Fazenda, que achava que o

146. Valber Noleto é servidor da Prefeitura de Porto Murtinho. Militou em movimentos sociais e é um dos articuladores do PT de MS. Nos últimos anos, tem colaborado na elaboração de políticas públicas para prefeituras dirigidas pelo PT.

147. Ideli Salvati é professora de Física. Foi uma das fundadoras do PT de Santa Catarina e atuou no movimento sindical dos professores do estado. Foi deputada estadual na década de 90, senadora (2003-2009). Foi ministra da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência e atualmente é ministra dos Direitos Humanos do Governo Dilma.

148. Aloísio Mercadante é professor universitário. Foi fundador do PT, deputado federal (1998-2002), senador (2003-2010), ministro de Ciência e Tecnologia (2011-2012) e ministro da Educação (2012-2013). Atualmente é ministro-chefe da Casa Civil do Governo Dilma Rousseff.

pleito estava fácil. A realidade era outra, como as urnas mostraram. Esses dias, o Zeca estava dizendo que ganhou a reeleição sozinho. Não foi. Não é verdade. O governo assumiu muitos compromissos políticos desnecessários em função de não ter calçado a “sandália da humildade”. Acho que, com o André, a parada tinha sido mais dura. Ele tinha um “caminhão” de prefeitos só esperando o lançamento da sua candidatura para apoiá-lo.

Mas em sua avaliação, quais foram os erros cometidos naquela eleição?

No processo eleitoral, propriamente dito, cometemos muitos erros e aí não podemos jogar apenas nas costas do Zeca. Havia um sentimento no partido de que deveríamos ter chapa pura, inclusive para o Senado. Para honrarmos o convite ao Delcídio, foi preciso tirar a vaga de Senado dos aliados, do Kohl, do PDT. Isso expulsou os parceiros do PPS e do PDT da nossa chapa. Na sequência, teve a disputa do Ben-Hur e do Teruel pela vaga de vice-governador. O Ben-Hur perdeu. Depois, o Teruel, que tinha sido escolhido como vice na chapa do Zeca para atender interesses do partido em Dourados, foi convencido a abrir mão da vaga de vice para o Egon¹⁴⁹. Isso tudo foi traumático para os aliados e para o próprio partido. O partido estava “se achando muito”.

Por que André não foi candidato ao governo do Estado em 2002?

Não sei com precisão, mas suponho que existam diversas razões, eu acho. Li que o André alegou duas questões principais: a verticalização partidária, ado-

149. Egon Krachecke é professor universitário. Foi vice-governador e secretário de Estado de Planejamento e de Ciência e Tecnologia no segundo governo de Zeca do PT (2003-2006).

tada naquela eleição, e o fato de que a população de Campo Grande não queria que ele deixasse a Prefeitura. Eu vejo outras razões. Ele via que estávamos fortes eleitoralmente, mesmo com os problemas que existiam. Isso foi decisivo. Tinha alguns que lembravam a velha especulação de que o Pedro e o Wilson nunca se enfrentaram em uma eleição. Diziam o mesmo do André e do Zeca, até eles se enfrentarem em 2010. Só que eu tinha informação segura de que ele não era candidato. O André é um político previsível. Aliás, agora em 2014, eu dei várias declarações indicando que ele não seria candidato ao Senado. O André só sai candidato se sentir o cheiro da vitória.

Na época, teve especulação de eventual entendimento financeiro, que teria contribuído com a desistência de André ao governo do Estado?

Eu não conheço esse entendimento sobre o qual você está falando. Não acredito. O que posso te assegurar é que houve entendimento político. Eu tive uma conversa com André poucos dias antes de ele anunciar a desistência. Mostrei para ele que era ruim esse confronto, que ele poderia esperar outra oportunidade. Falei das nossas pesquisas, que davam o Zeca na dianteira. Eu fiz ele ver que o Lula era candidato e que isso alavancava a campanha do Zeca. Teve esse convencimento. Também tinham alguns interesses do Município de Campo Grande que estavam parados no governo e eu prometi fazer gestões para atender, como fiz com outros prefeitos também. Foi uma conversa republicana. Não teve nada de acordo para 2006, como se especulou.

Com a desistência do André, criou-se um clima de “já ganhou” no PT?

Esse foi um erro grave. Muita gente do PT achava que a “parada” estava ganha. O PMDB se uniu ao PSDB e lançaram a Marisa Serrano¹⁵⁰. Lançaram também o Marun¹⁵¹ pelo PTB. Aí tivemos que fazer uma correção danada para trazer pra gente os prefeitos que estavam com o André. Ele tinha reunido 50 prefeitos em Campo Grande, poucos dias antes da sua desistência. A Assomasul, liderada pelo Reinaldo Azambuja¹⁵², estava em peso com o André. A Marisa cresceu ao longo da campanha. Na Assembleia, o quadro não era bom. O Zeca pouco dialogava com os deputados. Eles começaram a fazer “corpo mole”. Tanto que o Agame non me falou que iria dar segundo turno. Também havia muita influência do pessoal da Secretaria de Fazenda na linha política da campanha. O problema era que ninguém de lá tinha passado pela escola do PT ou mesmo por outra agremiação popular para saber que política se faz com causa.

Qual foi o seu papel nessa campanha?

Eu era candidato a deputado federal. Estava cuidando da minha campanha, embora participasse de algumas decisões do pleito majoritário. Já não era mais o assessor do Zeca, aquele que segurava muitos pepinos para que não chegassem até ele.

Nessa eleição, você foi eleito o deputado federal mais votado de MS?

Sim. Tive 101 mil votos. O partido elegeu¹⁵³ um senador, três deputados federais e três deputados estadu-

150. Marisa Serrano é professora. Foi deputada federal (1994-1998 e 1999-2002). Em 2004, foi eleita vice-prefeita de Campo Grande na chapa encabeçada pelo peemedebista Nelson Trad Filho. Em 2006, Marisa licenciou-se da Prefeitura para disputar as eleições para o Senado. Obteve 607.584 votos (53,1% dos válidos) e tornou-se a primeira mulher eleita senadora por MS. Renunciou ao cargo de senadora em 27 de junho de 2011 para ocupar o cargo de conselheira do TCE-MS.

151. Carlos Marun é engenheiro civil. Foi diretor-presidente da Empresa Municipal de Habitação (Emha) de Campo Grande, vereador em Campo Grande e secretário de Estado de Habitação e das Cidades no Governo André Puccinelli. Atualmente é deputado estadual (2007-2010 e 2011-2014).

152. Reinaldo Azambuja Silva é pecuarista. Foi prefeito de Maracaju (1996-2004), presidente da Assomassul (2001-2004), deputado estadual (2006-2010) e deputado federal (2011-2014).

153. O PT elegeu, na eleição de 2002, Delcídio do Amaral senador, além de Vander Loubet, Antônio Biffi e João Grandão deputados federais. Para a Assembleia Legislativa, o partido elegeu Pedro Kemp, Pedro Teruel e Semy Ferraz. No primeiro turno dessa eleição, Zeca do PT teve 509.843 votos e Marisa Serrano obteve 447.396. No segundo turno, a votação de Zeca subiu para 581.545 votos e Marisa Serrano obteve 500.542 votos.

ais. Eu tinha tudo para estar feliz, mas, por outro lado, estava preocupado com o segundo turno. Depois de receber alguns amigos em minha casa, fui até a residência do Zeca para avaliar o quadro. Estavam ele e a Dona Gilda, ambos pálidos. O semblante dos dois mostrava muita preocupação. Ele me cumprimentou e disse: “Vamos perder essa eleição. O segundo turno vai ser mais difícil”. Eu perguntei para ele como estava armado o esquema para o segundo turno. Ele me respondeu que não havia nada organizado. E aí me pediu ajuda. Queria que eu coordenasse o segundo turno. Prontamente, atendi o pedido. No outro dia, já estava reunido com o Londres e o Schimdt para tomarmos algumas medidas. Uma delas foi aparar as arestas com os deputados que ficaram conosco e que, em algum momento da campanha, foram ignorados pela coordenação.

Além da conversa com os deputados, o que você fez de diferente para ajudar o Zeca a ganhar o segundo turno?

Botamos o povo para trabalhar. Acabamos com as focas que reinavam nos comitês de campanha. A ordem era o povo ir para as ruas pedir voto. Tanto que as estruturas de cabos eleitorais dos deputados não foram desmobilizadas. O Zeca só tinha uma preocupação, que era pedir voto. Os gargalos cabiam à coordenação resolver. Eu fui a São Paulo junto com o Zeca pedir apoio ao PT nacional. Conseguimos a presença de parlamentares do PT nas nossas manifestações. Somos gratos ao Palocci e ao Zé Dirceu, que fizeram de tudo para nos ajudar.

É verdade que em algum momento do segundo turno a Marisa esteve à frente do Zeca?

Não posso afirmar isso. Pesquisa é algo muito misterioso. Li na imprensa que havia pesquisas indicando a Marisa na frente. Nas nossas, nunca estivemos atrás, embora os números fossem próximos. Eu soube que o Ibope ia soltar uma pesquisa com a Marisa na frente com uma boa diferença, cinco pontos, eu acho. Percebi que era uma armação. Como estava em São Paulo com o Zeca para uma conversa com o *Ciro Gomes*¹⁵⁴, que iria nos apoiar, acertei com Zeca que daria um pulo no Rio de Janeiro para me certificar dessa pesquisa. O *Montenegro*¹⁵⁵, diretor do Ibope, me recebeu. Eu expliquei a controvérsia das pesquisas em Mato Grosso do Sul e ele me garantiu a lisura. Dois dias depois, a pesquisa saiu e nos estávamos na frente com uma diferença de um ponto, embora dentro da margem de erro da pesquisa. Essa era a penúltima pesquisa do Ibope e seria transmitida pela Rede Globo. Esse pontinho deu um ânimo grande à nossa militância.

Comenta-se, até hoje, que a Marisa Serrano só não ganhou aquela eleição porque faltou apoio do André na reta final. Procede?

Não sei te dizer. A minha campanha era outra. Eu defendia as cores do PT. O que eu posso adiantar é que ela andou perto de ganhar aquela eleição. Ela nos deu muito trabalho. Tivemos que ampliar muito as nossas alianças no segundo turno. Agora, vou te falar uma coisa: que vantagem o André Puccinelli teria com a vitória da Marisa? Competente como ela é, poderia pleitear a reeleição. O André queria disputar o governo em 2006. Isso eu falei para ele. Não sei se ele levou meus argumentos em consideração.

154. *Ciro Gomes* é advogado. Foi prefeito de Fortaleza (1988-1990), governador do Ceará (1990-1994) e deputado federal por várias legislaturas, além de ministro nos governos de FHC e Lula.

155. *Carlos Augusto Montenegro* é presidente do Instituto Ibope.

Qual a diferença entre o primeiro mandato do Zeca do PT (1999-2002) e o segundo (2003-2006)?

Eu acho o seguinte: o primeiro governo do Zeca foi técnico e político. Tinha secretários com peso político. Paulo Bernardo, Gleisi Hoffmann, Dagoberto Nogueira¹⁵⁶, Pedro Teruel, Pedro Kemp, Moacir Kohl, Delcídio, eu, entre outros. Esse pessoal estava no primeiro governo. Quando saíram, se projetaram na política. Viraram ministros e parlamentares. O segundo governo foi mais técnico. O pessoal da Secretaria de Fazenda tinha muito peso nos rumos do governo. Tanto que não nos preparamos politicamente para enfrentar a máquina eleitoral do André Puccinelli. Ele teve tempo para se consolidar. Emplacou o Nelsinho Trad¹⁵⁷ na Prefeitura de Campo Grande em 2004 e pavimentou o caminho para assumir o governo em 2006. Quase ganhou o governo em 2002 com a Marisa. O Zeca acabou construindo um segundo governo mais técnico, sem mediações políticas que são importantes e necessárias de serem feitas.

156. Dagoberto Nogueira Filho é procurador do Estado e pecuarista. Foi secretário de Estado de Justiça e Segurança Pública de MS (2002-2004) e deputado federal (2007-2010).

157. Nelson Trad Filho é médico e pecuarista. Foi vereador (1996-2002), deputado estadual (2002-2004) e prefeito de Campo Grande (2004-2012).



Roseli e Vander na campanha de 2002



Vander na campanha de 2002



Diploma de deputado federal entregue pelo TRE a Vander



Vander e Lula na eleição de 2002



Vander na campanha de 2002



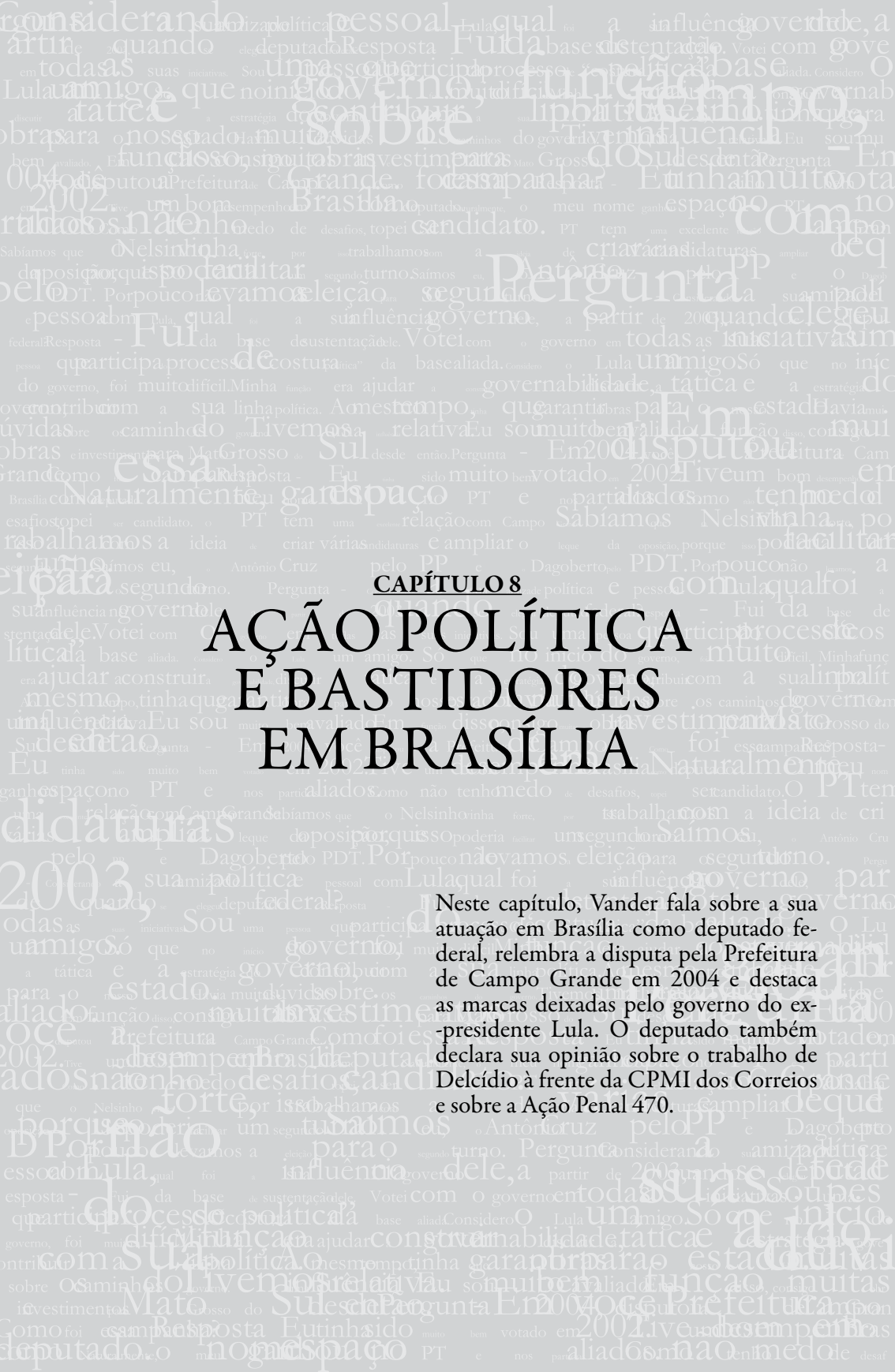
Vander discursando em atividade do PT



Zeca, Vander e Lula



Vander discursando para mulheres na campanha de 2002 (acervo de Giselda Diniz)



AÇÃO POLÍTICA E BASTIDORES EM BRASÍLIA

CAPÍTULO 8

Neste capítulo, Vander fala sobre a sua atuação em Brasília como deputado federal, relembra a disputa pela Prefeitura de Campo Grande em 2004 e destaca as marcas deixadas pelo governo do ex-presidente Lula. O deputado também declara sua opinião sobre o trabalho de Delcídio à frente da CPMI dos Correios e sobre a Ação Penal 470.

Considerando a sua amizade política e pessoal com Lula, qual foi a sua influência no governo dele, a partir de 2003, quando se elegeu deputado federal?

Fui da base de sustentação dele. Votei com o governo em todas as suas iniciativas. Sou uma pessoa que participa do processo de “costura política” da base aliada. Considero o Lula um amigo. Só que no início do governo, foi muito difícil. Minha função era ajudar a construir a governabilidade, discutir a tática e a estratégia do governo, contribuir com a sua linha política. Ao mesmo tempo, tinha que garantir obras para o nosso estado. Havia muitas dúvidas sobre os caminhos do governo. Tivemos uma influência relativa. Eu sou muito bem avaliado. Em função disso, consigo muitas obras e investimentos para Mato Grosso do Sul desde então.

Como foi a relação com o presidente Lula?

O Lula é um velho companheiro, amigo de muitas caminhadas na política. O pessoal que compôs o governo federal com ele também. Conheci a maioria deles na construção do PT. Só que no início do Governo Lula, como eu disse, tivemos dificuldades. O governo federal destravou só no segundo mandato, quando teve mais obras e investimentos. Hoje, temos o Bolsa

Família, que é um programa de uma dimensão que nunca antes tivemos em nosso país. O Minha Casa, Minha Vida é modelo. O programa Luz para Todos atendeu um número enorme de famílias rurais, principalmente assentados, integrantes de quilombolas e índios. O Lula ajudou muito o Governo André, mesmo ele tendo apoiado e votado no Geraldo Alckmin em 2006.

Em 2004, você disputou a Prefeitura de Campo Grande. Como foi essa campanha?

Eu tinha sido muito bem votado em 2002. Tive um bom desempenho em Brasília como deputado. Naturalmente, o meu nome ganhou espaço no PT e nos partidos aliados. Como não tenho medo de desafios, topei ser candidato. O PT tem uma excelente relação com Campo Grande. Sabíamos que o Nelsinho vinha forte, por isso trabalhamos com a ideia de criar várias candidaturas e ampliar o leque da oposição, porque isso poderia facilitar um segundo turno. Saímos eu, o Antônio Cruz¹⁵⁸ pelo PP e o Dagoberto pelo PDT. Por pouco não levamos a eleição para o segundo turno.

Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou na eleição de 2004?

A dificuldade nessa eleição, além de outras, claro, é que nós estávamos já no segundo governo do Zeca e nos dois primeiros anos do governo do Lula. Tinha uma expectativa muito grande sobre o governo do Lula. Os dois primeiros anos foram difíceis porque tivemos que tomar medidas amargas para viabilizar o governo federal. Pegamos também o final do governo

158. Antônio Cruz é médico, pastor evangélico e foi vereador por três mandatos nas décadas de 1990 e 2000. Também foi deputado federal (2007-2010).

do André na Prefeitura, muito bem avaliado. Esse foi o cenário que nós disputamos em 2004. A escolha do André seria o Giroto¹⁵⁹, mas o Nelsinho era disparado como melhor candidato do PMDB, então ele optou pela candidatura que estava melhor colocada nas pesquisas. Se ele tivesse escolhido o Giroto, acho que nós poderíamos complicar as eleições para ele, tanto é que mesmo com o Nelsinho sendo o favorito, eu, o Cruz e o Dagoberto fizemos 45,5% dos votos. Por 4,5 pontos não levamos aquela eleição para o segundo turno. Todos éramos candidatos da base do Zeca. Isso inclusive complicou a minha política de aliança. Não pude ampliar a minha chapa. Fiquei com PP, PMN e PC-doB. Em resumo, não ganhamos em Campo Grande, mas fizemos três vereadores: Ribeiro¹⁶⁰, Cabo Almi¹⁶¹ e Alex. O partido também conquistou 16 prefeituras nessa eleição¹⁶².

O Governo Lula teve uma ação muito forte na área social. Em sua opinião, quais são as marcas do governo dele?

Eu vejo que o PAC [Programa de Aceleração do Crescimento] foi a grande sacada do Governo Lula. Uma ideia democrática e municipalista. Claro que tudo começou com o programa Fome Zero, depois se consolidou no programa Bolsa Família, que retirou dezenas de milhões da família da pobreza. Também temos o Minha Casa, Minha Vida, o maior programa federal de habitação que já se viu. A criação de novas universidades e das escolas técnicas também são pontos fortes. Esses programas são tão fortes que, mesmo com a história do mensalão, o governo chegou com força para a reeleição.

159. Edson Giroto é engenheiro civil. Foi secretário municipal de Obras de Campo Grande nas administrações de André Puccinelli e Nelsinho Trad. Foi eleito deputado federal para a legislatura 2011-2014, mas se licenciou para ser secretário de Estado de Obras no Governo André Puccinelli.

160. Clemêncio Frutuoso Ribeiro é empresário no ramo de bicicleta. Foi vereador em Campo Grande (2005-2012).

161. José Almi Pereira Moura (Cabo Almi) é policial militar reformado. Foi vereador por quatro legislaturas (1996-1999, 2000-2004, 2005-2008 e 2009-2010) até ser eleito deputado estadual em 2010.

162. Nessa eleição, o PT conquistou as prefeituras de Bataguassu, com João Carlos; Cassilândia, com Donizete; Corguinho, com Celso Cerioli; Corumbá, com Ruiter Cunha; Dois Irmãos do Buriti, com Osvane Ramos; Dourados, com Laerte Tetila; Itaquiraí, com Sandra Cassoni; Japorã, com Rubens Freire; Jaruari, com João Baird; Miranda, com Elizabete Almeida; Mundo Novo, com Humberto Amaducci; Nova Alvorada do Sul, com Arlei Barbosa; Novo Horizonte, com Marclio Benedito; Pedro Gomes, com Francisco Mota; Rio Negro, com Joaci Resende; e Santa Rita do Pardo, com Eledir de Sousa.

No plano econômico, o que garantiu o sucesso dos governos do Lula?

O Lula é muito inteligente. Manteve os fundamentos da chamada macroeconomia. Não assustou o mercado como muitos queriam. As escolhas do Henrique Meirelles¹⁶³ para o Banco Central, do Antônio Palocci para ministro da Fazenda e de Zé Dirceu para a Casa Civil foram grandes acertos. Palocci e Dirceu conheciam a máquina do PT e a estrutura política do Brasil. O Meirelles é um homem do mercado. Esse trio deu muita consistência ao governo. Esse movimento político e técnico do Governo Lula lembra um pouco o que fizemos aqui no primeiro mandato do Zeca. O Lula sabe extrair aquilo que cada um tem de melhor. Ele tem habilidade para aproveitar a energia das pessoas. Percebeu, por exemplo, a habilidade da Dilma no Ministério das Minas e Energia e ela agora é presidente do Brasil.

Por ocasião da chamada Ação Penal 470 (mensalão), alguns partidos de oposição ensaiaram cassar o mandato de Lula. Em sua opinião, por que eles recuaram?

O Lula é muito hábil e não tem medo de fazer o enfrentamento político. Algumas forças chegaram a pensar em pedir o seu afastamento do governo, só que não tiveram coragem de fazer isso. Ele tem muita ligação com a população. O tiro poderia sair pela culatra. Os setores oposicionistas tinham preocupações de um apelo popular pela permanência do Lula no governo. Daí recuaram. Só que esse episódio permitiu que o governo aprofundasse as reformas. Ele trocou as peças sem recuar na estratégia. Trouxe a Dilma pra Casa Civil. Conseguiu recompor o governo para continuar

163. Henrique de Campos Meirelles é pecuarista e banqueiro. Foi presidente do Banco Central no Governo Lula (2003-2010).

mudando o Brasil. Aliás, foi nesse clima de mudanças que o Paulo Bernardo foi para o Ministério do Planejamento. Mudou alguns ministros e trouxe gente de peso de outros partidos para dentro do governo, mas a lógica e o rumo do governo continuaram inalterados. Foi uma mudança na tática, como Lula gosta de dizer.

Existe a sensação de que o primeiro governo do Lula foi menor do que o segundo. Pode-se dizer o oposto aqui em Mato Grosso do Sul? Que o segundo governo do Zeca foi bem menor que o primeiro?

Vocês têm alguma razão. O Lula chegou ao final do seu governo e fez a Dilma Rousseff sua sucessora. Isso mostra que a sua política estava certa. Que os aliados estavam contentes com os espaços e com o êxito do mandato. O governo do Zeca foi o contrário. Chegamos à reeleição do Zeca em 2002 com muita dificuldade, como já falei. Foi muito duro o enfrentamento com a Marisa. O fato de o Lula ter sido candidato em 2002 nos ajudou muito, reforçou a nossa campanha. O fato do Delcídio não ter tido um melhor desempenho eleitoral em 2006, embora o André Puccinelli estivesse muito forte, tem alguma relação com a queda de dinamismo do segundo governo do Zeca.

Em muitos momentos ao longo do segundo governo do Zeca do PT, o Paulo Duarte foi apontado como o sucessor ao governo. Isso não levou a muitas disputas internas e a posterior debilidade da candidatura do senador Delcídio?

O Paulinho assumiu a Casa Civil do segundo governo do Zeca com amplo apoio do PT e dos nossos aliados.

E começaram a falar que ele já estava se preparando para ser o sucessor do Zeca. Mas o Antônio João, que era suplente do Delcídio no Senado, reagiu contra essa ideia. Ele comprou uma briga com o governo por causa disso, principalmente com o pessoal da Secretaria de Fazenda, porque ele tinha interesse em eleger o Delcídio para assumir como senador. Ele usou o jornal dele, o Correio do Estado, para bater duro no Paulo, que era o secretário de Governo do Zeca. Não é que as matérias tinham fundamento, mas aquilo foi intenso e causou um estrago. A Casa Civil e a Fazenda ficaram muito expostas. Chegou num determinado momento em que o Zeca e o próprio Paulinho acharam por bem mexer na Casa Civil. Daí surgiu o nome do Raufi.

De que forma a ida do Raufi Marques para a Secretaria de Governo contribuiu para o fim dos conflitos entre os grupos políticos do Delcídio e do Zeca?

O Raufi assumiu em meados de 2004. E por ele ter um bom relacionamento com o Delcídio, a troca sinalizou a intenção do governo de apoiar o Delcídio em 2006. A partir daí os ataques do Antônio João cessaram. O Raufi soube apaziguar os ânimos.

Como você viu o papel que o senador Delcídio cumpriu na época da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) dos Correios, em 2005 e 2006?

Eu advogo que o político tem que ter posição e coragem. Se for necessário, tem que cortar na própria carne. Não dá para ficar jogando o tempo inteiro para a torcida. O Delcídio fez o que deveria fazer. Hoje,

o PT reconhece que os erros e as contradições precisavam ser enfrentados. Se houve erro, que pague com justiça. Só que o Delcídio agiu com independência. A população reconheceu o seu trabalho. Tanto que ele tem credibilidade e relação com todas as forças do PT. Uma pessoa alinhada dentro do partido, ele ganhou notoriedade como relator da CPMI dos Correios, mas também por seu trabalho parlamentar. Isso que estou falando pode ser comprovado pelo carinho com que a população o trata. É um candidato muito forte, agora em 2014, para ser eleito governador de Mato Grosso do Sul.

O fato de o Delcídio ter sido relator da CPMI ajudou ou atrapalhou a candidatura dele ao governo, em 2006?

Eu não costumo analisar as coisas como se só houvesse apenas dois campos. Os fenômenos políticos são complexos, têm muitas variáveis. Ser relator da CPMI deu muita visibilidade a ele. Eu almocei várias vezes com o Delcídio em São Paulo e no Rio de Janeiro, e não parava de vir gente em nossa mesa para cumprimentá-lo por sua postura na CPMI. Só que uma campanha não se sustenta com visibilidade apenas. Ela precisa estar muito bem amarrada nas forças políticas. Poderíamos ter tido o PR e o PDT conosco. Não foi possível. O Delcídio tinha outra visão de aliança. Queria algo diferente. A imagem dele é boa, só que ao lado dela tem que ter gente que saiba organizar campanha. Londres e Schimidt têm muitos anos de experiência política. A arrumação da campanha de 2006 não estava boa. Sem contar que o André estava forte e o PT carregava o peso de ser governo por oito anos. De qualquer forma, aquela campanha resultou em muito acúmulo político para o PT¹⁶⁴ e para o Delcídio.

164. Na eleição de 2006, o candidato do PT ao governo, Delcídio do Amaral, teve 450.747 votos. André Puccinelli obteve 726.806 votos. A votação de Delcídio ajudou o PT a conquistar duas cadeiras de deputado federal: Vander Loubet e Biffi. Para o Parlamento estadual, o PT conseguiu também duas cadeiras: Paulo Duarte e Pedro Kemp.

Em 2008, o PT também não teve êxito para a eleição de Campo Grande?

Apesar do PT ter apresentado um bom candidato, que foi o Pedro Teruel, e que teve como vice o Moacir Abreu, do PCdoB, não foi possível ganhar do Nelsinho. A máquina que o PMDB montou na Prefeitura de Campo Grande ainda estava muito forte em 2008. O Nelsinho veio para a reeleição com o apoio do governo estadual e com a caneta na mão. Assim mesmo, o nosso candidato fez uma boa disputa. Formamos uma bancada de vereadores importante em Campo Grande, com a Thais Helena¹⁶⁵ e o Cabo Almi. Pelo interior, fizemos dez prefeituras¹⁶⁶.

Como você analisa a atuação da bancada federal de Mato Grosso do Sul em Brasília?

Acho que amadurecemos muito. No nosso governo foi muito difícil. Quando ganhamos, em 1998, só tinha o Flávio Derzi que nos ajudava, como já falei. Alguns parlamentares apostavam no “quanto pior, melhor”. Hoje, a bancada tem agido com muita solidariedade em relação aos municípios e ao Estado. O André e o Nelsinho reconheceram e reconhecem que somos parceiros. O volume de recursos públicos federais que já conseguimos para o Estado e para os municípios são consideráveis. Só que quando o Zeca estava no governo não era assim. Havia má vontade de alguns parlamentares. Ainda bem que vivemos outro momento.

Como é a sua ação parlamentar em Brasília?

Eu atuo em rede aqui no estado e em Brasília. Não

165. Thais Helena Vieira Rosa Gomes é vereadora em Campo Grande pelo PT. Foi eleita em 2008 e reeleita em 2012. Ocupou o cargo de secretária de Assistência Social na Prefeitura de Campo Grande durante a gestão de Alcides Bernal.

166. O PT, em 2008, conquistou 10 prefeituras em MS: Bataguassu, com João Carlos; Bela Vista, com Chico Maia; Corumbá, com Ruiter Cunha; Japorã, com Rubão; Ladário, com José Antônio; Nova Alvorada do Sul, com Arlei Barbosa; Dois Irmãos do Buriti, com Japão; Itaquiraí, com Sandra Cassone; e Santa Rita do Pardo, com Eledir de Sousa.

tenho preguiça. Disputo cada centavo do orçamento porque sei que meu estado precisa. Procuro me articular com aquelas pessoas, independentemente do cargo que ocupam, faço política como missão. Entendo que é dessa forma que a coisa pública avança. No meu primeiro mandato, fui relator da Medida Provisória da partilha da Cide¹⁶⁷, que foi algo muito importante, porque na Câmara você tem que buscar um espaço para se projetar e ser reconhecido pelo seu trabalho. Eu faço um esforço danado e conto com a ajuda da minha assessoria e do PT para ser reconhecido como um deputado trabalhador e articulado. Eu sou respeitado na minha bancada e isso me proporciona ser um deputado com uma boa articulação em Brasília junto ao Congresso Nacional e ao governo federal.

Deputado, como funciona o trabalho de articulação política na Câmara Federal?

No Congresso Nacional tem muita essa coisa de bastidor. As conversas com os demais parlamentares têm uma força grande. Eu digo que é até maior do que você ser um parlamentar de tribuna, aquele que faz discursos bonitos. Não estou tirando o mérito da tribuna, mas na verdade o que vale mesmo é seu poder de se relacionar com os seus pares. São 513 deputados. Você tem que tentar se articular. Eu cumpro muito esse papel dentro da bancada, de articulador junto aos ministérios. E cumpro também um papel no sentido de juntar os deputados da nossa bancada. Claro que isso dá muito trabalho, mas é necessário fazer e dá resultado.

Além da agenda em Brasília que, em geral, ocorre de terça a quinta-feira, em MS, você viaja nos fi-

167. Durante o Governo FHC, a Lei 10.336, de 19 de dezembro de 2001, instituiu a Cide-Combustíveis, Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico incidente sobre a importação e a comercialização de gasolina, diesel, querosene de aviação e outros, óleos combustíveis, gás liquefeito de petróleo (GLP) e álcool etílico combustível. Em 2004, o Governo Lula editou a Medida Provisória (MPV) 161, estabelecendo a repartição de receita da CIDE-Combustíveis, destinando 25% aos Estados e ao Distrito Federal, a ser aplicado em programas de infraestrutura de transportes, proporcionalmente à extensão da malha viária federal e estadual pavimentada.

nais de semana para o interior e atende em Campo Grande. Essa agenda é desgastante?

Eu sou um cara apaixonado pelo que faço. Eu gosto de Brasília e dos bastidores. E sinto prazer em vir ao estado e viajar pelo interior. Acho importante não perder essa sintonia e estar muito presente. Representar o meu povo é uma honra. O contato que tenho com um assentando rural ou com um prefeito, nos finais de semana, é o combustível que me faz correr pelos ministérios em Brasília na busca de mais recursos. Sou de fácil acesso. Isso aumenta as minhas demandas e as minhas responsabilidades. Eu não discrimino nenhum município porque é pequeno, grande, por ter poucos votos ou mesmo por não ser do meu partido. Eu quero atender a todos. Isso me faz feliz. O reconhecimento do morador mais humilde ou do prefeito é uma coisa muito importante para mim. Por outro lado, tento encontrar tempo também para a minha família.

Vander, em outra parte da sua entrevista você falou que o Lula sabe explorar todas as potencialidades do pessoal que trabalha com ele. E você, como faz para escolher seus parceiros de trabalho?

Carinho e respeito. Qualquer pessoa gosta de ser reconhecida pelo seu trabalho. Eu lido com projeto e pessoas desde muito jovem. Sei o papel do entusiasmo nesse processo. Fui sindicalista e sou dirigente partidário. Convivo diariamente com o contraditório. Alguns dos meus assessores estão comigo há muitos anos; outros foram incorporados a nossa rede mais recentemente. Todos têm liberdade de opinar sobre o nosso mandato. Deixo fluir o bom conflito entre eles. É bacana porque tenho comigo gente com con-

cepções políticas completamente diferentes. Fico ouvindo o debate e depois tiro as minhas conclusões. O meu papel é de administrador dos conflitos do meu time, como dizia o ex-prefeito Lúdio Coelho. Me espelho muito na experiência do Lula e do Zé Dirceu. Esses homens agem no sentido de ampliar a sua base de apoio. Eu vejo que meu perfil é esse. Eu cumpri essa função no Governo Zeca e no parlamento continuo cumprindo. Gosto de lidar com estratégia, tática e desafios macros.

Mas não lhe gera desgaste e custo de tempo lidar com essas diferenças entre sua assessoria?

A política e a gestão de pessoas requerem tempo e paciência.

Você trabalha mais com as questões macro da política?

Não. Eu trabalho com o geral e com o particular. Só que me interessa muito conhecer aquilo que é fundamental, a estrutura das coisas, o caminho a seguir. Quero ver a floresta, não apenas uma árvore. A minha esposa Roseli, detalhista como toda mulher, gosta de dizer que eu não me preocupo com coisa pequena. Me interessa muito o aspecto estratégico. As coisas menores são importantes, claro, mas podem ser arrumadas ao longo da viagem. Existem pessoas que têm essa capacidade, esse feeling de pegar nas entrelinhas, de identificar o caminho a ser seguido. Eu tenho a sorte de ser assim, mas ouço muito os outros para poder formar o meu juízo sobre algo. Eu sempre achei que ninguém está totalmente errado ou certo. Só que tem gente que não sabe lidar com isso. Quando eu jogava

bola sempre queria atacar, mas, em alguns momentos, eu percebia que manter a defesa organizada era uma estratégia para ganharmos o jogo. O Lula é assim. Gosta muito do ataque, entretanto, quando o jogo exige, ele recua sem alertar o adversário que está em retirada provisória. Esse é o segredo.

Qual o segredo da sua votação? Você sempre está entre os mais bem votados de Mato Grosso do Sul?

Muito trabalho. Eu não tenho nem preguiça e nem medo dos desafios. Quem me conhece sabe muito bem que faço política porque tenho vocação para essa atividade. Além disso, há muitos anos venho criando uma rede de amigos que me apoia ao longo do meu mandato. Não deixo para fazer política no tempo da eleição. Venho de uma escola política que me deu experiência e humildade. Aprendi a liderar projetos e gente. Essa experiência de dirigente do PT me ajuda muito. Conto com o trabalho e a firmeza da militância do meu partido, mas, por outro lado, também conto com o apoio de vereadores, prefeitos, amigos e de gente anônima que gosta do nosso trabalho. Felizmente a minha rede de apoio tem crescido a cada eleição. Quem vota em mim sabe muito bem que está depositando o seu voto em um projeto de mudança do Brasil e do Mato Grosso do Sul. Agora em 2014, por exemplo, quero me reeleger ao lado do Delcídio e da Dilma.



Reunião de líderes de partido na Câmara em 2004 Foto: Sali Parente



Vander com o ministro Paulo Bernardo



Vander com o ministro José Dirceu



Vander e Lula



Vander e Zeca no encontro do PT de 2004



Vander na campanha de 2004



Vander no primeiro mandato de deputado



Vander participando de comissão na Câmara



Vander sendo entrevistado na Câmara

CAPÍTULO 9

PUCCINELLI
VERSUS DELCÍDIO
PARA O GOVERNO
EM 2006 E AS
ELEIÇÕES DE 2010

No capítulo 9, Vander Loubet fala das razões que teriam feito Zeca do PT desistir de disputar o Senado em 2006, além de esclarecer as acusações de que teria faltado apoiado à candidatura de Delcídio ao governo do Estado nessas eleições. Analisa também o apoio do Governo Lula ao Governo André em MS e as eleições de 2010.

Por que Zeca do PT não foi candidato ao Senado, em 2006?

Eu fui um dos defensores da candidatura do Zeca ao Senado. Insisti nessa tese, mas sei das dificuldades que ele enfrentava. Não é uma decisão fácil. Havia muita indecisão. Um grupo de pessoas da Secretaria da Fazenda, principalmente, era contra a saída dele do governo. Achavam que o vice-governador Egon poderia mudar a equipe e criar dificuldades para o final do governo. Eu acho que o pessoal da Fazenda contribuiu muito para que o Zeca ficasse no governo. Isso foi ruim. Ele poderia estar ajudando o PT, em Brasília, sem contar que a sua presença na chapa do Delcídio significava um aporte considerável. Não foi uma decisão correta, embora a respeito.

Que papel cumpriu o Zeca do PT na campanha do Delcídio em 2006?

Logo após a campanha, eu ouvi comentários de que ele teria feito “corpo mole” nesse pleito. Eu discordo desse tipo de discurso. O Zeca teve a coragem de se afastar do governo por 30 dias para trabalhar pela eleição do Delcídio e dos candidatos do PT e aliados. O presidente do Tribunal de Justiça, Claudionor Duarte¹⁶⁸, foi quem assumiu a direção do Executivo estadual. O Zeca fez tudo que era possível. Eu acho que

168. Claudionor Duarte é Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso e foi Governador de Mato Grosso do Sul por um período de 30 dias, no ano de 2006, em substituição ao Governo Zeca do PT.

poderia ter contribuído mais se tivesse sido candidato a senador. O Egon, com todo carinho que eu tenho por ele, não tinha a expressão política do Zeca. Mesmo assim, ele quase foi eleito senador.

O clima pró-André Puccinelli, em 2006, é o mesmo que se registra na campanha do Delcídio do Amaral, rumo ao Governo de Mato Grosso do Sul, em 2014?

São momentos diferentes. Em 2006, o povo queria experimentar o André; agora, querem experimentar o Delcídio. O clima é parecido. Em 2006, as pessoas diziam que o Governo Zeca era bom, mas queriam testar o André. Hoje, eles dizem que Governo André tem qualidades positivas, mas é hora de testar o Delcídio. Eu acho que o André foi habilidoso, fez uma boa aliança, a mais ampla possível, em 2006. O Delcídio não pode dar chance para o azar nessa eleição de 2014. Ampliar o arco de alianças é fundamental.

O Lula ajudou o governo do André Puccinelli?

Muito. O André deu muita sorte. Trabalhou com o Lula no melhor momento do governo federal. O Lula foi muito parceiro de Mato Grosso do Sul. Ele tem muito carinho por nosso estado. Aqui aportaram os grandes projetos, como o Minha Casa, Minha Vida e o PAC. Esses projetos foram consolidados no segundo governo do Lula. As coisas deslancharam no segundo governo dele. Foi um processo intenso de obras. Campo Grande virou um canteiro de obras federais. O Lula prestigiou muito os municípios e o Estado. Claro que ele olhou para todo o Brasil. Nun-

ca um governo investiu tanto no social como o Lula. Como o Zeca ficou no governo até 2006, não teve o volume de recursos federais que o André e o Nelsinho tiveram, pois o PAC começou em 2007. Se bem que quando Dilma entrou, o relacionamento com o André e o Nelsinho continuou em alto nível. Só não sei se eles dois reconhecem o papel de Dilma e Lula na modernização econômica e social de Mato Grosso do Sul. No caso do Nelsinho, é certo que não. Sempre que pode, critica a Dilma e o PT.

O PT perdeu alguns quadros políticos, como Luíza Erundina e Ailton Soares, e aqui em Mato Grosso do Sul tem o caso do Ben-Hur, em 2005. Como você avalia esse processo?

Eu acho que isso é ruim para qualquer partido e para nós muito mais ainda. O partido constrói uma liderança, investe e depois perde. O Ben-Hur foi fruto de décadas de construção. Ele começou no movimento estudantil, depois como advogado trabalhista, como ativista dos direitos humanos, entre outras atividades. Uma liderança como essa, quando sai do partido, é uma perda muito grande. É comum você não repor uma peça assim do dia para a noite. Só que, em qualquer batalha, você perde companheiros e ganha também. Você quer ver algumas boas aquisições do PT? Teruel, Delcídio e Ricardo Ayache¹⁶⁹. Eu acho que o diferencial do PT e dos outros partidos é que o PT sempre deu oportunidade às pessoas. Além disso, tem mecanismos do estatuto que permitem expulsar as pessoas que não se enquadram na dinâmica do partido. Então eu acho que perdas como a do Ben-Hur e outros quadros que tivemos, foram compensadas, em parte, com a chegada de novas lideranças. Acho que o PT precisa se reciclar e dialogar mais com a juven-

169. Ricardo Ayache é médico, empresário e servidor público estadual. Foi presidente da Cassems.

tude, principalmente nas universidades. Temos que ir buscar pessoas para fortalecer o nosso partido, inclusive no campo da teoria política, que se mostra muito importante para entendermos as mudanças no Brasil e no mundo.

Como você avalia a campanha de Zeca do PT, em 2010, para o governo do Estado?

Foi uma campanha difícil. O Zeca mostrou muita coragem. Ela nos deu acúmulo para chegar nessa situação que estamos em 2014. Nós fizemos o governo do André se expor. Estouraram as denúncias da comunicação. Teve o episódio da Assembleia e do caso de Dourados, que explodiram na imprensa nacional. Chegou um determinado momento daquela campanha, que nós tivemos chances de ganhar o governo. A máquina dele operou muito. Além disso, tivemos problemas internos, não conseguimos resolver algumas rugas entre o Delcídio e o Zeca. A campanha não tinha muita unidade. O Dagoberto seguia um caminho próprio na busca da vaga de senador. Cometemos muitos erros. Mesmo assim fizemos 43% dos votos. Isso permitiu eleger uma bancada federal aguerrida¹⁷⁰. Elegemos também deputados estaduais. Eu acho que o mais importante é que enfrentamos o governo arrogante e autoritário do André. Isso foi o mais relevante.

170. Na eleição de 2010, o PT conseguiu uma vaga de senador com Delcídio Amaral, que teve 826.848 votos. Também reelegeu para a bancada federal Biffi e Vander Loubet. Para a Câmara de deputados do Estado, o PT elegeu: Cabo Almi, Pedro Kemp, Laerte Tetila e Paulo Duarte. O Candidato do PT ao Governo, Zeca do PT, teve 534.601 mil votos e o André Puccinelli, do PMDB, obteve 704.407 mil votos.

O PT é hoje um partido profissionalizado e muito voltado para o pragmatismo político. Aquele sonho que embalava os pioneiros de 1979 perdeu força? Você não acha que esse novo perfil prejudica a entrada de novos quadros políticos?

Há uma discussão no partido sobre essa temática. Só

que eu acho que tem um pouco de saudosismo nessa conversa toda. No passado não muito distante, nós éramos um partido pequeno. Não tínhamos governadores de Estado e nem presidente da República. O partido cresceu, virou governo. Tem a missão de governar um país continental. Aí as contradições brotam. Abre espaço, inclusive, para práticas aventureiras e deslocadas dos interesses históricos do PT. Esse é um problema que temos que atacar. Não podemos perder a referência. Temos que trabalhar um pouco do pragmatismo, mas sem perder nossas raízes, nossa origem, nossa ideologia. Eu acho que esse é o desafio, pois sem um plano claro do nosso caminho não é possível atrair novos quadros para o partido. Agora eu acho que uma parte da grande mídia trabalha muito no sentido de desconstruir a nossa história. De qualquer forma, o que me dá segurança de que nós estamos no caminho certo, que nós continuamos não perdendo nossos princípios, a nossa utopia, é que ainda somos um partido com um diferencial muito grande em relação aos demais, sem contar que a população nos identifica como um partido que tem compromisso com a questão social.



Caminhada da campanha de 2010



Delcídio, Vander e Egon na campanha de 2006



Gilda, Paulo Duarte, Silvio Nucci e Vander na apresentação do FIC



Schimidt e Vander na convenção do PDT em 2010



Vander e Delcídio em abril de 2006



Vander, Paulo Bernardo, Gleisi, Zeca e Gilda na campanha de 2010

A DERROCADA DO PMDB EM CAMPO GRANDE EM 2012

Nesta seção, Vander fala sobre o processo que resultou na sua candidatura à Prefeitura em 2012 - contrariando o desejo de Zeca do PT, que almejava ser candidato -, além das candidaturas de Reinaldo Azambuja e Alcides Bernal. Explica a estratégia adotada, que levou à derrota de Edson Giroto, candidato do PMDB.

Em 2004, você foi candidato a prefeito de Campo Grande. Em 2012, de novo. De onde vem a sua disposição para ser candidato?

Eu gosto da política. Não tenho medo de desafios, como já disse antes. Sou um soldado do meu partido, como se costuma dizer. Mas no caso de 2004, teve uma relação mais direta com a conjuntura política. O PT estava no Governo do Estado e eu tinha tido uma votação para deputado federal muito boa em 2002. O meu nome aparecia como um postulante à Prefeitura. Fiz o esforço que o momento exigia. Ajudei o meu partido a fazer vereadores e sinalizei para os demais municípios que o PT tem que disputar eleição. Agora, em 2012, não desconhecia as dificuldades. Só que era importante tirar o PMDB da Prefeitura, onde estava há mais de 20 anos. A ideia era criar várias candidaturas, pois isso poderia provocar o segundo turno e alguém da oposição poderia ter sucesso. Foi o que aconteceu. A nossa tese estava certa. Se não fosse a nossa candidatura, o Giroto ganharia fácil a Prefeitura. Tivemos uma vitória política. Fizemos vereadores, prefeitos¹⁷¹ e mostramos para a população as nossas propostas. Além disso, quebramos a hegemonia do PMDB. Essa vitória pode ter reflexo direto na eleição de Delcídio em 2014. Claro que a candidatura do Azambuja também foi relevante nesse processo.

171. Na eleição para prefeito de Campo Grande, em 2012, o PT conquistou 03 vagas na Câmara Municipal, que foram ocupadas por Zeca do PT, Thaís Helena e Airton Araújo. O partido também conquistou 12 Prefeituras. São elas: Antônio João, prefeito Celso Lozano; Brasilândia, prefeito Jorge Diogo; Caracol, prefeito Manoel; Deodápolis, Prefeita Maria Viana; Eldorado, Prefeita Marta; Japorã, prefeito Wanderley Bispo; Ladário, José Antônio; Miranda, Prefeita Juliana Almeida; Mundo Novo, prefeito Humberto Amaducci; Pedro Gomes, prefeito Wanderley; e Rio Verde, prefeito Mario Kruger.

Porque o Nelsinho Trad não conseguiu eleger seu sucessor, mesmo tendo aprovação da população acima dos 70%?

O Nelsinho pegou um pouco do cansaço desses 20 anos de governo do PMDB. Teve problemas para mostrar suas obras. Na campanha, o seu governo foi avaliado pelo eleitor. Antes tudo era às mil maravilhas por causa do poder da mídia adesista. Quando os candidatos começaram a mostrar a realidade, o castelo de cartas começou a ruir. Nós mostramos que o governo do PMDB era uma Torre de Babel, que faltava consistência em muita coisa. Cadê a qualidade das obras? A questão da mobilidade urbana, a questão da saúde, o IPTU abusivo, o conteúdo da educação. O que se fez na área de esporte e lazer? Qual programa contempla isso? A nossa artilharia contra o castelo de cartas do Nelsinho foi certa. O nosso discurso encontrou ressonância na população. As candidaturas de oposição mostraram das mais diversas formas, que a cidade poderia ser governada de forma diferente: com competência, respeito e humildade.

Como foi a sua relação com o Nelsinho, ex-prefeito de Campo Grande?

Republicana. A política é algo que comporta o conflito e o consenso. O Nelsinho não é meu inimigo. Gosto de dizer que os meus inimigos são a fome e a injustiça social. Perdi a eleição de 2004 para o Nelsinho e, no outro dia, estendi a minha mão para ele. Como deputado federal, fui com ele no Ministério da Saúde para tratar dos interesses da nossa capital. Eu estava de férias, mas larguei tudo e fui lutar por recursos para a Santa Casa. Isso ele reconhece. Não falo uma coisa e pratico outra. Eu dou esse exemplo quando sou ques-

tionado. Perdi as eleições e, no outro dia, estava com o meu adversário lutando pelo município. Minha visão de política é essa. Algumas pessoas, de dentro e de fora do PT, têm dificuldade de entender isso.

Concretamente, que papel você e o Reinaldo cumpriram para garantir a eleição de Alcides Bernal para prefeito de Campo Grande?

Nessa campanha, a nossa ação foi política. Tinha uma estratégia de futuro que ancorava a nossa candidatura. Tínhamos que fazer a disputa de 2012 com o objetivo de tentar fragilizar o PMDB para a disputa de 2014 para o governo do Estado. Por isso a construção de uma frente de oposições foi importante. Eu tinha uma leitura diferenciada de uma parte do PT, inclusive de algumas lideranças. Algumas lideranças achavam que o Giroto era imbatível. Eu achava que tínhamos que mirar no segundo turno. O esforço era para dar segundo turno, porque desde 1996 isso não acontecia em Campo Grande. O nosso desafio era dividir a base que dava sustentação ao Giroto. Até a véspera das inscrições das chapas no TRE havia forças trabalhando para fazer o Alcides desistir de ser candidato a prefeito. Tanto é que o Antônio João estava cotado para ser o vice do Alcides, mas desistiu. Estavam querendo isolar o Alcides para ele pular fora. No final, o Azambuja e eu o convencemos a permanecer na disputa. O Azambuja foi muito corajoso e parceiro. Sem ele, não teríamos acabado com a hegemonia do PMDB em Campo Grande. A nossa ação foi também pedagógica. Mostramos na teoria e na prática que o PMDB podia ser derrotado. Qualquer crítica, minimamente honesta, tem que partir desse ponto.

Havia um debate, no PT, de que o Zeca seria um candidato mais apropriado para disputar a eleição de Campo Grande, em 2012. Qual a sua avaliação sobre o assunto?

O Zeca tinha bons números iniciais, na faixa de 30% de intenção de voto, mas a candidatura dele apontava para uma eleição polarizada - PT (Zeca) versus PMDB (Giroto) -, fato que, com certeza, iria impedir as demais candidaturas de oposição a entrarem no pleito, principalmente a do Alcides Bernal e Gilmar Olarte¹⁷² (PP) e a do Reinaldo (PSDB) e Athayde¹⁷³ (PPS). Essa era uma limitação concreta. Na disputa Zeca contra Giroto, a minha avaliação é que Giroto seria vencedor. A máquina do PMDB tinha mais condições de montar uma aliança mais competitiva.

Então, em suas análises, mesmo com esses números iniciais, o Zeca teria dificuldades de ganhar em Campo Grande?

Sim. Acredito que o PMDB ganharia numa eleição polarizada, pois formaria um amplo leque de alianças, como sempre fez, e tornaria uma eventual eleição do Zeca muito difícil. O Zeca era um candidato que tinha um teto. Nenhum deles achava que poderiam disputar com o Zeca a ida para o segundo turno. Os dois (Bernal e Reinaldo) só entravam na campanha se tivessem alguma chance de vitória. Considerando esse cenário, o meu nome favorecia a criação de uma frente contra o Giroto. Não dá para analisar com os dados de uma pesquisa quantitativa o resultado geral de um pleito. Eu costumo dizer que a engenharia política funcionou muito bem nesse pleito. Só não vê quem não quer.

172. Gilmar Antunes Olarte é contador, empresário, radialista e pastor evangélico. Foi vereador em Campo Grande (2007-2010). Eleito vice-prefeito em 2012, assumiu a Prefeitura em 2014 depois da cassação de Alcides Bernal.

173. Athayde Nery de Freitas Junior é advogado, filiado ao PPS. Foi vereador em Campo Grande (2005-2008 e 2009-2012) e diretor-presidente da Fundação de Cultura da Prefeitura de Campo Grande na administração de Nelson Trad.

O seu desempenho eleitoral no pleito de 2012 foi motivo de duras críticas. Como você lida com as derrotas e com as vitórias?

Eu sou um homem vitorioso. Desde jovem estou envolvido na construção de projetos políticos de grande envergadura. Em cada um deles tirei lições. As vitórias e as derrotas são caminhos que me ajudam a conviver melhor com as contradições da vida. Vi alguns amigos dizendo que eu não deveria ter sido candidato em 2012. São os mesmos que também diziam que o Zeca não deveria ter sido candidato em 1998. A vitória é para os que ousam. Tivemos vitória, sim. Tiramos do poder um grupo que há 20 anos dominava a Prefeitura da Capital. Estou muito tranquilo, porque sei que contribuí com a construção de um cenário mais propício para que o Delcídio ganhe o governo em 2014. Eu vejo o conjunto da obra. Em alguns momentos, temos que dar dois passos para frente e um para trás para continuarmos avançando. Foi o que aconteceu com a nossa campanha em 2012.

Nessa eleição, qual foi o papel do seu candidato a vice, o deputado estadual Cabo Almi?

Eu sempre digo que o Almi foi uma das melhores “aquisições” do PT na Capital. É policial militar, uma pessoa muito disciplinada e organizada, que tem profunda ligação com a população nos bairros. Cumpriu um papel decisivo. Teve a coragem de aceitar o desafio de ser meu vice numa eleição difícil. Fazer política com o Almi é um grande aprendizado, ele é um parceiro para todas as horas.

Tanto a sua candidatura, representando o PT, quanto a do Giroto, representando o PMDB, tiveram votações aquém do esperado. Como você explica isso?

As eleições de 2012 demonstraram - em que pesem as particularidades de cada candidatura - que a população de Campo Grande buscou novas alternativas políticas, pois tinham se cansado da polaridade PMDB versus PT, que começou de forma incisiva em 1996 e se estendeu até 2008, com eleições em que os dois partidos hegemonizavam a disputa. Entendo que, em 2012, com a eleição do Alcides e a boa votação do Reinaldo, essa busca de novas lideranças, além do PT e do PMDB, foi alcançada. Mas tem outra questão: uma parte expressiva dos eleitores e lideranças do PT, na ânsia de combater o PMDB, reforçou o que a gente chama de “voto útil” em favor do Alcides.

A força do PMDB de Campo Grande foi avariada na eleição de 2012?

Não tenho dúvida que a máquina eleitoral do PMDB ficou fragilizada. O mito da invencibilidade foi quebrado. A força que esse partido tinha no movimento comunitário, junto às lideranças de bairro, sofreu forte baixa. O encanto do PMDB acabou. Era imensa a quantidade de cargos da Prefeitura distribuídos com lideranças comunitárias. Os dirigentes de associações de moradores tinham vínculo empregatício com a Prefeitura e isso tudo foi desmontado.

Pergunta - Você já disse que a sua candidatura em 2012 para a Prefeitura de Campo Grande estava dentro de um contexto estratégico, associado à sucessão estadual de 2014. Quais as propostas mais importantes que acredita ter apresentado para o debate?

Resposta - Acredito que contribuímos com propostas e reflexões muito interessantes, que inclusive, posteriormente, foram adotadas pelos que passaram a governar Campo Grande, tanto o Alcides Bernal quanto o Gilmar Olarte. Entre essas propostas estavam o congelamento do IPTU e a redução dos preços das passagens de ônibus. Também defendi na campanha - e agora me parece que o prefeito Gilmar Olarte decidiu adotar, à sua maneira -, a revitalização da região da antiga rodoviária, com a instalação de órgãos de atendimento ao público naquele espaço.



Apresentação do Programa de Governo na eleição de 2012



Apresentação do Programa de Governo na eleição de 2012



Caminhada da campanha de 2012



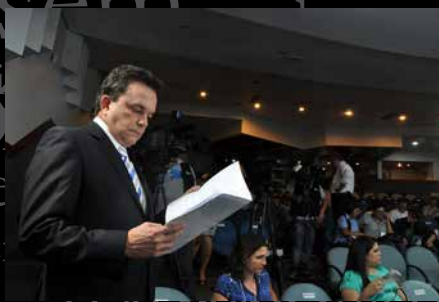
Candidatos da oposição ao PMDB no TRE



Carreata da campanha de 2012



Debate do RBV News nas eleições 2012



Debate do RBV News nas eleições 2012



Reinaldo e Vander no debate da TV Guanandi



Cabo Almi e Vander nas eleições de 2012

ANÁLISES SOBRE A CONJUNTURA ATUAL

Neste último capítulo, conversamos com Vander sobre questões relacionadas à conjuntura atual em MS e no Brasil: as manifestações de junho e julho de 2013, a cassação de Alcides Bernal, a desistência de André Puccinelli na disputa pelo Senado e a candidatura de Zeca do PT a uma vaga como deputado federal.

Deputado, o instrumento da reeleição tem recebido muitas críticas. Qual a sua opinião? Favorece quem está no poder?

Claro. Provoca um desbalanceamento do pleito, especialmente no Executivo. A reeleição é uma coisa que vamos ter que repensar. Ela favorece muito quem está no poder. Estou falando porque já participei de eleição com e sem a máquina pública a favor. Beneficia, principalmente, quando você está na condição de candidato à reeleição com a caneta na mão. Tanto é que em 2008, o Nelsinho quase foi candidato único em Campo Grande. Só teve o Teruel como candidato de oposição. Somente nós do PT tivemos coragem de enfrentá-lo. Em 2012, depois dos oito anos do Nelsinho, a coisa foi diferente. Nós conseguimos pulverizar. Foi isso que garantiu a eleição do Alcides Bernal.

Qual a sua opinião sobre a Ação Penal 470, tratada pela grande mídia nacional como “Mensalão do PT”?

Eu acho que cometemos alguns erros. O problema é que o sistema político brasileiro tem algumas distorções que abrem a porta para ações que podem ser interpretadas como não éticas. A disputa pelo voto ainda ocorre com base no poder econômico. Quem quiser fazer política no Brasil sabe muito bem que

precisa de estrutura. Tem a questão do chamado pragmatismo. Aí, os setores mais conservadores e uma parte da mídia fazem um carnaval em cima do PT. O PT tem vocação para fazer a boa política e chegar ao poder. Só que a nossa cultura política, lamentavelmente, está ancorada no pragmatismo. Esse é o jogo. Por isso mesmo temos que mudar a nossa lei eleitoral. Ao meu juízo, temos um sistema político que necessita ser reformado, tanto é verdade que o meu partido, o PT, vem insistindo já há alguns anos na necessidade de reforma política, pois isso tornaria os processos políticos e as campanhas eleitorais mais transparentes e democráticas. Esse tema envolve, inclusive, a aprovação (ou não) do financiamento público das campanhas.

Houve muita controvérsia sobre o papel cumprido pelo ministro Joaquim Barbosa, do Supremo Tribunal Federal (STF), no referido processo. Qual a sua opinião a respeito?

Em geral, como se diz em Direito, decisões judiciais não se discutem, se cumprem. Mas no caso específico - e agora parece ficar mais claro com a execução das penas -, o Joaquim Barbosa se portou mais como um justiceiro do que propriamente como um juiz, no sentido do equilíbrio e de sensatez das decisões. Em outras palavras, se a Suprema Corte entendeu que ocorreram erros pelos quais os envolvidos devem ser responsabilizados, estou de acordo. O problema foi o processo todo ser incrementado por uma mídia que parece também se portar como justiceira de plantão, quando o seu papel seria o de informar, de esclarecer, ao invés de promover uma verdadeira execração pública como foi feito com muitos dos envolvidos. Por fim, entendo que os processos democráticos e judiciais estejam avançando no Brasil, mas, nesse caso,

tanto a condenação quanto a execução das penas têm se demonstrado como um ponto fora da curva do Judiciário brasileiro, palavras ditas, inclusive, pelo ministro Teori Zavascki, quando começou a participar do julgamento.

Vander, como você vê a chamada “judicialização da política”, onde muitos parlamentares foram condenados ou estão sendo processados?

Para mim, essa questão é natural em sociedades democráticas, onde a autonomia dos poderes deve prevalecer e todos são iguais perante a lei. O papel das instituições fiscalizadoras e judiciárias é investigar, procurar esclarecer. Respeito muito esse trabalho. E todo o agente político, mas do que qualquer cidadão comum, tem que estar sempre à disposição dessas instituições para prestar esclarecimentos quando for necessário. Sempre me portei dessa forma nesse tipo de questão.

E você? Está respondendo a algum processo? A imprensa andou publicando matérias nas quais afirma que você é processado.

Não procede. Tem quem confunda as coisas e tem quem fale isso por má fé. A verdade é que, durante minha vida de agente público, fui citado em alguns inquéritos. Mas inquérito não é processo, é um procedimento de investigação feito justamente para buscar esclarecimentos quando existe uma suspeita. E quase todos os inquéritos foram arquivados por falta de fundamento, porque a acusação não condiz com a verdade. Então não tenho nenhum processo, muito menos condenação judicial. Qualquer fala que afirme o contrário é um equívoco.

Qual a sua análise dos protestos de junho e julho de 2013?

Entendo que todas as manifestações são legítimas e democráticas, com exceção das que fazem uso da violência. As de junho e julho de 2013 vieram nesse contexto de trazer debates e desafios para a sociedade e para os governantes brasileiros. Começou em torno dos preços das passagens de ônibus em São Paulo e se estendeu para todo o país e para vários temas. Entendo que essas manifestações não foram contrárias a um partido A, B ou C, mas a toda a nossa estrutura política e administrativa. Mas não podemos tapar o sol com a peneira. Como o PT está no governo federal há praticamente 12 anos, temos que ter a capacidade de fazer autocrítica e perceber em quais aspectos podemos e devemos melhorar e aperfeiçoar as coisas.

As respostas dadas pelo governo federal, em sua avaliação, foram as mais apropriadas?

Em parte sim, em parte não. O governo focou na questão da reforma política como sendo a questão central e que estava por trás dos anseios das pessoas que foram às ruas. De certa forma, essa é uma das questões que devem e podem ser mudadas, mas acreditar que somente a reforma política vai resolver os nossos problemas me parece um equívoco. A reforma política, que envolve questões como o financiamento público de campanha, voto distrital, fidelidade partidária e outras, deve ser umas das várias questões a serem abordadas e que, naturalmente, passam pelo Congresso Nacional. Nesse sentido, uma das reformas passa sim por mudanças nas ações políticas e legislativas do Parlamento brasileiro. Por outro lado, obviamente, existem questões que transitam nas outras esferas

do poder: Executivo (municipal, estadual e federal) e Judiciário. No âmbito do Executivo, ao qual vou me ater, entendo que todos os governos têm um novo desafio pela frente nas formas de gestão pública. Precisamos de uma revolução, precisamos sair do mundo analógico e, gradativamente, introduzir elementos e ferramentas do mundo digital. No processo de mudanças, vivemos um conflito entre essas duas formas de fazer as coisas: a forma do mundo analógico (que está desaparecendo) e a do mundo digital (cada vez mais amplo e complexo).

Você está dizendo que a gestão pública brasileira, em geral, é ultrapassada?

No geral, sim. Tivemos avanços em muitas áreas, principalmente na área social. Mas não podemos nos acomodar nos louros das vitórias. Quando a sociedade protesta, da forma como o fez, entendo que ela considere as insatisfações com as ações públicas, presentes em algumas áreas de responsabilidade do Poder Executivo nas três esferas: municipal, estadual e federal. Vou dar um exemplo: quando vejo os resultados das pesquisas de avaliação dos governos, por parte da população, nos últimos dois anos, as maiores críticas às ações governamentais são voltadas para a saúde, segurança pública e educação. Esses são os setores que a população brasileira avalia como sendo os mais críticos e que necessitam de reformas urgentes. Nesses casos, acredito que tenhamos que introduzir nesses setores o uso de tecnologias modernas de gestão, que compatibilizem o atendimento aos anseios da população, com resultados mais eficazes em termos do uso racional dos recursos e da transparência da aplicação dos recursos. Por exemplo: a agilidade e facilidade das ferramentas oferecidas para declaração do Imposto de

Renda e para votar nas eleições deveriam estar presentes também em muitos outros serviços para a população, principalmente na saúde, educação e segurança pública.

O que você acha do debate que o PT faz em relação ao papel da grande mídia no Brasil, quanto a uma eventual regulação dos veículos de comunicação?

De imediato, para não deixar dúvidas, quero dizer que sou totalmente contra qualquer forma de censura. Mas defendo sim a necessidade de se criar formas de regulação, não para controlar os temas ou assuntos que são noticiados - porque isso é de competência dos veículos e somente deles - mas para evitar e combater os exageros que muitas vezes acontecem. Os mecanismos de reparos judiciais existentes hoje, ao meu juízo, não dão conta de fazer justiça nos casos de exageros ou de abordagens com erros. Como isso pode ser feito? Acredito que para responder essa pergunta serão necessários muitos debates, mas algo haverá de se fazer sem que haja censura.

Você fala de exageros e erros. De que tipo?

Tem um fato recente que dá para citar como exemplo, é o caso das acusações feitas contra o João Grandão quando ele era deputado federal. Envolveram ele numa eventual máfia da saúde, a imprensa chamou de “Máfia dos Sangue-Suga”. Os anos se passaram, o João Grandão teve perdas praticamente irreparáveis - inclusive perdeu a reeleição a deputado federal - e agora, finalmente, a Justiça concluiu que ele é inocente. Como reparar os danos morais e emocionais que foram causados ao Grandão? Como reverter a execração

pública que ele passou pela repercussão midiática das notícias? Praticamente impossível. Outro caso, a meu ver, envolve a Copa do Mundo no Brasil. A grande mídia brasileira apontava para o fracasso do evento. Os aeroportos não iam funcionar, os estádios estariam inacabados, o transporte público ia ser precário, etc. Mas o que vimos foi um enorme sucesso mundial. A imprensa internacional rasgou muitos elogios à Copa no Brasil. Pergunto pra vocês: quanta gente deixou de ir a jogos ou deixou de pegar aviões baseada nessas informações equivocadas espalhadas pela grande mídia brasileira? Como reparar as possíveis perdas causadas à imagem do país? Enfim, entendo que a nossa sociedade tem o desafio de encontrar um meio de defender a liberdade de opinião ao mesmo tempo em que coíbe os abusos.

Como você avalia o processo de cassação que Alcides Bernal sofreu em 2014? Foi um golpe, como parte do meio político e da mídia assim denominou?

Não sei se podemos chamar de golpe. De qualquer forma, o procedimento foi ruim. Ele foi eleito e deveria administrar a nossa cidade com amplas alianças. Só que ele procurou o caminho do isolamento e a Câmara Municipal o cassou. Fizemos de tudo para que ele seguisse outro rumo, que conversasse com os partidos. Não levou em consideração o nosso esforço, feito em 26 de dezembro de 2013. O Alcides, infelizmente, achava que era o único dono da sua enorme votação. Sei o que eu fiz para ajudá-lo. Só que ele não levou em consideração o que falávamos. O resultado dos que se isolam é esse. Nas barrancas do Rio Paraguai, é muito comum o peão falar que “animal que anda só pode virar comida de onça”. Acompanhei e, durante

todo o ano de 2013, alertei o Alcides sobre o risco do isolamento político dele, dada a forma como ele vinha governando o Município, sem dialogar e buscar apoio dos partidos políticos e dos vereadores. Acrescido disso, administrativamente, o mandato dele começou a apresentar problemas de resultados no retorno dos serviços públicos para a população. A soma disso levou à primeira tentativa de cassação, no final de 2013. Na ocasião, eu e outros atores intervimos politicamente na Câmara para evitar essa cassação.

Mas o que ocorreu neste curto espaço de tempo, pois em março o processo teve andamento e levou ao afastamento do Bernal?

No apagar das luzes de 2013, o Alcides, para se manter como prefeito, assumiu uma série de compromissos, de forma a garantir a governabilidade da sua gestão. O mais importante deles foi a ida do professor Pedro Chaves¹⁷⁴, suplente do Delcídio, para a Secretaria de Governo, o que melhorou um pouco as relações políticas com os partidos e com a Câmara de Vereadores. Mas isso não bastava, apesar de toda a dedicação e empenho do professor Pedro, porque muitos dos compromissos de mudar a sua forma de governar não foram cumpridos e com isso ele [Alcides] foi perdendo a credibilidade e ficando com a fama de não cumprir os acordos. Isso é fatal na política.

174. Pedro Chaves dos Santos Filho é professor e empresário. Junto com a esposa, Reni Domingos dos Santos, fundou o colégio Mace, o Centro de Ensino Superior (Cesup, posteriormente transformado na Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal - Uniderp) e o Centro Universitário de Campo Grande/ União da Associação de Educação Sul-Mato-Grossense (Unaes). Em 2010 foi eleito suplente do senador Delcídio do Amaral.

E como você avalia a gestão de Gilmar Olarte na Prefeitura de Campo Grande?

Uma grande e grata surpresa. Imediatamente após a posse, praticamente criou um governo de coalização, onde todos os partidos e vereadores participam

da administração. Isso fez com que a administração passasse a andar rapidamente e mostrar resultados. O Olarte, se continuar a administrar de forma ágil e coligada, se credencia a fazer uma administração exitosa em Campo Grande e, naturalmente, pode se habilitar a ser candidato à reeleição com grandes chances.

O PT está apoiando o novo prefeito de Campo Grande, Gilmar Olarte?

Não posso responder pelo PT. Como parlamentar, estou trabalhando para ajudar a administração dele, até porque o povo não tem nada a ver com a disputa que aconteceu em 2013 e 2014. Aliás, o Semy Ferraz¹⁷⁵, um quadro político e técnico importante do PT, é o titular de uma das principais pastas da Prefeitura, que é a Secretaria de Obras. A meu ver, temos que ajudar o governo do Olarte a melhorar as condições de vida da população de Campo Grande. Eu torço para que ele cuide da governabilidade da cidade e não se envolva diretamente nas eleições de 2014.

O PMDB está indo para a eleição de 2014 com importantes dissidências. Como você avalia esse quadro?

Eu já esperava que isso acontecesse. O resultado da eleição de 2012 em Campo Grande ampliou essas dissidências no partido. Tanto é que uma parte das lideranças do PMDB percebeu que o partido já cumpriu com sua missão no estado. Veja por exemplo o caso do presidente da Assembleia Legislativa, o deputado Jerson Domingos¹⁷⁶, que há muito tempo está no projeto do Delcídio para o governo. Tenho informações seguras de que parlamentares e prefeitos importantes

175. Semy Ferraz é engenheiro. Participou do movimento estudantil na UFMS, onde ajudou a fundar o Diretório Central dos Estudantes (DCE), do qual foi o primeiro presidente, e ajudou a fundar o PT em MS. Foi diretor-presidente da Sanesul e da Agesul no Governo Zeca. Também exerceu mandato de deputado estadual pelo PT em MS (2002-2006).

176. Jerson Domingos é pecuarista. Começou sua vida pública em 1994, sendo eleito deputado estadual. Cumpriu outros três mandatos (1999-2002, 2003-2006 e 2007-2010). Em 2010 foi reeleito novamente. Ocupou cargos na Mesa Diretora da Assembleia, como 2º secretário e 1º secretário, além de presidente da Casa.

do PMDB vão apoiar o Delcídio. Esse é o caso do prefeito Roberto Hashioka¹⁷⁷, de Nova Andradina. Também tem casos de prefeitos de outros partidos, como o Douglas¹⁷⁸, de Anastácio, presidente da Assomasul.

Como você avalia a escolha do nome do deputado Londres Machado para ser o candidato a vice-governador do Delcídio?

Considero uma ótima escolha. O Londres é um político muito experiente e competente, com quem tenho amizade. Vai ser um dos principais interlocutores do futuro governo do Delcídio. Além disso, ele representa a Região da Grande Dourados. Sempre defendi que o vice fosse dessa região e, de preferência, de um partido da base aliada da Dilma. Tanto é que cogitamos os nomes do prefeito Murilo¹⁷⁹, de Dourados. Mas também foi cogitado o nome do Zé Teixeira¹⁸⁰, que também representa a região.

177. Roberto Hashioka Soler é engenheiro civil. Foi chefe do Dersul (atual Agesul) de Dourados e prefeito de Nova Andradina por dois mandatos (2000-2004 e 2005-2008). Foi diretor-presidente da Agepan entre 2011 e 2012. Em 2012 foi novamente eleito prefeito de Nova Andradina.

178. Douglas Melo Figueiredo é prefeito de Anastácio pelo PSDB. Era vice-prefeito na administração de Cláudio Valério da Silva (PMDB), que faleceu em outubro de 2010. Foi reeleito em 2012. Em 2013 assumiu a Presidência da Assomasul.

179. Murilo Zauith é empresário. Foi deputado estadual (1994-1998 e 1998-2002), deputado federal (2003-2006) e vice-governador de MS na primeira gestão de André Puccinelli (2006-2010). É prefeito de Dourados, eleito na eleição suplementar de 2011 e na eleição de 2012. Foi filiado ao DEM e atualmente está no PSB.

180. José Roberto Teixeira (Zé Teixeira) é pecuarista. É deputado estadual pelo DEM (antigo PFL) há cinco legislaturas: 1994-1998, 1999-2002, 2003-2006, 2007-2010 e 2010-2014.

A decisão do André Puccinelli de não sair candidato ao Senado nas eleições de 2014 se parece com a mesma decisão que o Zeca tomou em 2006?

Não tenho dúvida disso e acho que o André vai se arrepender lá na frente, assim como tenho o entendimento de que o Zeca se arrepende de não ter sido candidato a senador em 2006. Naquela oportunidade, ele tinha condições de se eleger, tanto é que o Egon, por pouco, não ganhou. O Zeca tinha tudo para ganhar aquela eleição e ser senador, até pela relação que ele tinha com os deputados e com os partidos. Com o André, agora, vejo a mesma situação, só que os elementos que definiram a opção dele são diferentes. O Zeca nunca levou em consideração só as pesquisas, as

alianças. Já o André sempre, nas suas decisões, leva em consideração essas questões, principalmente o controle absoluto dos partidos o apoiando. Nessa eleição ele não tinha essa situação, a sua imagem está desgastada.

Mesmo com esse desgaste, você acredita que o André, sendo candidato, poderia ser eleito senador?

Eu acredito que sim. Até porque, apesar da imagem do André estar desgastada, o governo dele é bem avaliado. Eleição você pode perder ou ganhar, mas acho que ele entraria como favorito para a disputa pelo Senado.

Mas então qual foi o motivo da desistência? Seria medo de perder?

Talvez. O André é previsível, não gosta de correr riscos. Depois de uma carreira política de sucesso - oito anos como prefeito de Campo Grande e oito anos como governador do Estado - acredito que ele não quis correr o risco de perder uma eleição e acabar tendo que encerrar a carreira com derrota.

Você tem uma vida dedicada ao PT. Está entre os primeiros militantes. Mesmo assim, alguns filiados dizem que você atua muito mais fora do PT do que dentro do partido. Como você encara essa crítica?

O meu partido é o PT. A minha vida política está ligada ao PT. Não militei em outro partido ou saí do PT em qualquer momento. São mais de 30 anos de fidelidade a essa legenda. Só que o meu perfil é de um homem agregador, que trabalha em rede, que respeita

os demais partidos e que sabe que a construção do presente e do futuro do Brasil não é uma obra apenas de uma agremiação ou pessoa. Eu sou um deputado do Mato Grosso do Sul. Tenho que me articular com todas as forças da política do meu estado. Eu acho que o maior exemplo de um homem agregador é o Lula. Ele transita por todas as forças políticas. É um estadista. Nós temos que aprender a ser republicanos e respeitar as demais forças. O nosso trabalho tem que chegar a todos. O cidadão não pode ser penalizado porque não é do PT ou do PMDB. Eu sou um homem de partido e me orgulho disso. Sigo todas as resoluções do PT, participo de todos os grandes eventos do partido. Só que o sectarismo pode levar ao isolamento. As críticas fazem parte do processo político e eu sei conviver com elas. Já vi muitos dos nossos militantes criticando o PT e seus dirigentes ferozmente, porém, pouco tempo depois, estão nos braços dos nossos adversários. Eu tenho muito cuidado com os radicais de todas as tendências, até porque venho de longe, como dizia o Leonel Brizola.

Qual a sua avaliação do Governo Dilma?

Acho um governo bom, no plano macro. A problemática da crise internacional, principalmente na Europa, tem contribuído para diminuir o crescimento econômico que tivemos na década passada. Mas tem muito investimento no país e a oferta de emprego não despencou como alguns da oposição sonham. Agora, o gargalo está na área política. A parte técnica do governo, na minha avaliação, é hegemônica. Vocês sabem que a política é o centro de tudo. É da política que deve partir a sinalização para as ações do governo. A administração pública é diferente da administração privada. Muitas vezes tem grandes empresários que

vêm para política e não têm sucesso. A coisa pública exige diálogo. Não dá para impor nada. É na política que está a grande diferença entre Lula e Dilma. Eu acho que o ideal é você ser técnico e político. Se você observar, o time do Lula tem pessoas técnicas e políticas. Vejam, por exemplo, os casos do Meirelles e do Palocci. Ele colocou, no Banco Central, um técnico com ampla credibilidade no mercado, como é o Meirelles. Já como ministro da Fazenda, indicou o Palocci, que domina as ferramentas da política muito bem. Claro que a Dilma também tem políticos em seu governo, mas, pelo que vejo, numa dimensão bem menor do que o momento e a realidade exigem. Agora mesmo, foi preciso o Lula fazer um debate com o pessoal dos blogs para o governo enfrentar as supostas denúncias contra a Petrobrás de forma determinada.

As eleições internas pela direção partidária no PT sempre foram muito duras e disputadas. Como você avalia esses processos?

Faz parte do PT e sempre vão fazer. Posso citar como exemplo mais recente a eleição do Diretório Regional. Estavam colocadas as candidaturas do Marquinhos - com o apoio do Delcídio - e do Zeca. Seria uma eleição muito dura e complicada porque iria reavivar a disputa entre o Zeca e o Delcídio. A minha posição sobre esse tipo de questão sempre foi muito clara: quem vai ser candidato a governador tem que ter o controle da engrenagem partidária. Uma eventual eleição do Zeca para o Diretório, ao meu ver, não seria bom para o projeto do Delcídio ao governo, porque eles têm visões bem distintas. Aliás, eu cumpria esse papel nas candidaturas do Zeca. E quem cumpre esse papel para o Delcídio é o Marquinhos, que foi generoso e compreensivo ao abrir mão de disputar a reeleição

para o Diretório para chegar a um entendimento com o Zeca. No final, prevaleceu o consenso em torno do nome do Paulo Duarte.

Como você vê o fato de estar disputando uma vaga de deputado federal com o Zeca do PT em 2014?

Vejo isso como algo normal. Eu e o Zeca trabalhamos muito para chegar onde estamos. A candidatura dele é legítima. É uma candidatura importante. Vamos fazer a disputa e cada um vai ocupar o espaço que for possível. Eu tenho três mandatos de deputado conquistado com o apoio da rede que construímos ao longo de mais 30 anos de política. Tenho um perfil e uma musculatura eleitoral própria. Vamos disputar votos dentro do PT e fora do PT. Tem espaço para todos aqueles que fazem a boa política. Quero ser eleito e ajudar a eleger meus companheiros. Acho que o Zeca tem a responsabilidade de ser o deputado federal mais votado da história de MS, tem que ser o puxador de votos para a chapa, pois tem um bom currículo e já foi governador.

A candidatura sua e do Zeca para o mesmo cargo representa uma ruptura na história de parceria que vocês construíram?

Não. Não vejo assim. Eu cresci e ocupei o meu espaço. Sigo o meu caminho com autonomia. Há muito tempo que só devo satisfação ao eleitor, aos meus amigos e ao meu partido. Criei uma rede de apoio que tem dado uma importante base para as minhas eleições e para os meus mandatos. É verdade que, durante muitos anos, eu e o Zeca tivemos uma enorme sintonia política. Dei o melhor de mim para ajudar o Zeca a

chegar aonde ele chegou. Atuamos de forma conjunta até a minha primeira eleição para deputado federal, em 2002. Depois, durante o segundo governo dele, foi ocorrendo um afastamento natural, muito mais por conta dos caminhos que escolhemos para trilhar: ele no governo do Estado e eu na Câmara dos Deputados. Mas isso não significa uma ruptura política. Tanto é verdade que nas eleições de 2010 estivemos juntos nos embates políticos, enfrentando o PMDB. Mas é como eu disse antes: eu trilhei meu próprio caminho

Mas os acirrados debates sobre a sua candidatura para a Prefeitura de Campo Grande, em 2012, entre você e o Zeca, não deixaram sequelas?

Não sei. Pode até ter ficado. A verdade é que qualquer rusga que ficou pelo meio do caminho foi gerada pelas razões que mencionei anteriormente. Defendi a estratégia da pulverização das candidaturas com base na realidade concreta. Não decidi com o figado. Tanto que acertamos na estratégia e na tática e derrotamos o PMDB em Campo Grande. De qualquer forma, quero dizer que eu e o Zeca temos muito em comum, mas também temos divergências. Durante anos, convivemos e administramos nossas diferenças. Eu mais do que ele. Mas, em 2012, com a pretensão de ele ser candidato a prefeito de Campo Grande e eu também, as diferenças ficaram mais explícitas. Só que não costumamos olhar pelo retrovisor para as disputas políticas. O que me guia é o horizonte. Vou pra luta, como sempre fiz.

Ao analisar a política estadual em nossas entrevistas, você expressou que as lideranças políticas do estado, todos, de uma forma ou de outra, contribuíram com os avanços políticos, econômicos e sociais de Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, em poucas palavras, qual ou quais seriam os atributos que você vê nas personalidades abaixo?

Pedro Pedrossian:

Visionário.

Wilson Barbosa Martins:

Pessoa importante na luta contra a ditadura.

Lúdio Coelho:

Homem de muita sabedoria popular.

Marcelo Miranda:

Sujeito de grande habilidade técnica.

Ramez Tebet:

Hábil e democrático.

Flávio Derzi:

Pessoa desprovida de preconceitos, sem conservadorismo.

Londres Machado:

Político experiente e muito pragmático.

Zeca do PT:

Grande líder de massa.

André Puccinelli:

Determinado.

Schmidt:

Comandante, liderança.

Delcídio:

Moderno e corajoso.

Lula:

Um dos maiores líderes políticos do mundo

Dilma:

Guerreira, determinada, uma pessoa de convicções fortes.



André e Vander em entrega de casas do PAC Minha Casa Minha Vida



Londres discursando em reunião na casa do Vander



Londres, Maika do Amaral (esposa do Delcídio), Vander e Roseli



Semy, Vander, Delcídio, Paulo Antunes (superintendente da CEF) e Olarte em liberação de recursos do PAC e PAC 2



Vander, Semy, Chaves e Bernal no Ministério dos Transportes

ANEXO*

Lista de presença da convenção do Partido dos Trabalhadores em 1981

Respectivas

deputado federal Vander Loubet ponderou sobre a possibilidade de a percepção de vivência política, tendo em vista

Aliás, um de seus grandes atributos é sempre prestar estimulo

para que os seus depoimentos se convertessem em um

de 2013 e maio de 2014 tivemos a oportunidade d

*Vander Loubet não está na lista de presença por ser menor de idade na ocasião da fundação do PT em Mato Grosso do Sul

Nunca houve pergunta o assunto proibido. Portanto, o que apresen

de Vander na política, onde as experiências e person

que feitor tem em mãos não é um

um diálogo sobre tática e estratégia política, um pouc

1
Lista de presença da Convenção do Partido dos Trabalhadores PT,
realizada em 21 de junho de 1981.

- 01- ODIL CAMPOSANO - Odil Camposano
- 02- ANTONIO PINTO LUGES - Antonio Pinto Luges
- 03- HAROLDO SALES DE ARAUJO - Haroldo Sales de Araujo
- 04- PEDRO SERAFIM DUTRA - Pedro Serafim Dutra
- 05- MAURO ERNESTO CANCE - Mauro Ernesto Cance
- 06- MARIA DE FATIMA NEVES DUTRA - Maria de Fatima Neves Dutra
- 07- JOSÉ APARECIDO SILVA - José Aparecido Silva
- 08- ADAIR ALVES DA SILVA - Adair Alves da Silva
- 09- ROSA ALVES DE OLIVEIRA - Rosa Alves de Oliveira
- 10- MARIA DE FATIMA MARTINS - Maria de Fatima Martins
- 11- EDUARDO NOGUEIRA LOPES - Eduardo Nogueira Lopes
- 12- IVANIR CAMARGO DE LIMA - Ivanir Camargo de Lima
- 13- JOSÉ ALVES FILHO - José Alves Filho
- 14- AZAHAZELINA DE CARVALHO AJALA - Azahazzelina de Carvalho Ajala
- 15- IZIDRO AJALA - Izidro Ajala
- 16- ANTONIO BARBOZA FURTADO - Antonio Barboza Furtado
- 17- MOYSES DE SOUZA - Moyses de Souza
- 18- MARIA DE LURDES ALVES - Maria Lurdes Alves
- 19- JOÃO SIMIÃO FERNANDES - João Simião Fernandes
- 20- EULÁLIA ROMERO - Eulália Romero
- 21- CLARICA DE OLIVEIRA FERNANDES - Clarica Oliveira Fernandes
- 22- LIDIA PIRES DOS SANTOS - Lidia Pires dos Santos
- 23- ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS - Antonio Pereira dos Santos
- 24- ALVARO MOURA DE ALMEIDA - Alvaro Moura de Almeida
- 25- JOSÉ MIATO - José Miato
- 26- PEDRO FRANCISCO VILELA - Pedro Francisco Vilela
- 27- ANTONIO ALVES DE SOUZA - Antonio Alves de Souza
- 28- SILVIO RAMIREZ - Silvio Ramirez
- 29- GERBÁCIO PERALTA - Gerbácio Peralta
- 30- INÁCIO MARSALE DE CAMPOS - Inácio Marsale de Campos
- 31- MARIA TOMAZ DA SILVA - Maria Tomaz da Silva
- 32- IRMA CAMARGO NUNES - Irma Camargo Nunes

33. ISAILDA FERREIRA DA SILVA - *Isailda Ferreira da Silva*
34. IZABELINO BRITES - *Izabelino Brites*
35. ORLEI ARCANJO CERQUEIRA - *Orlei Arcanjo Cerqueira*
36. MARIA RAMONA WERNER DE OLIVEIRA - *Maria Ramona Werner de Oliveira*
37. DONATO AURELIO DA SILVA - *Donato Aurelio da Silva*
38. EUGENIO ANTONIO BELARDES - *Eugenio Antonio BelarDES*
39. ANGELA MARIA AURELIA DA SILVA - *Angela Maria Aurelia S*
40. MARILENE LEMOS DIONISIO - *Marilene Lemos Dionisio*
41. JOSÉ ANTONIO RIBEIRO WERNER - *José Antonio Ribeiro Werner*
42. MAURIDES TENÓRIO CAVALCANTE - *Maurides*
43. JANDIR DE OLIVEIRA CAMPOS - *Jandira*
44. MARILENA BITTAR - *Marilena Bittar*
45. EZEQUIEL FERREIRA LIMA - *Ezequiel Ferreira Lima*
46. ANTONIO JOÃO P. DA SILVA - *Antonio Joao P da Silva*
47. GERTRUDES DE RAMOS RAMIREZ - *Gertrudes de Ramos Ramirez*
48. AURELIO CANCE JUNIOR - *Aurelio Cance Junior*
49. EZEQUIEL FERREIRA LIMA FILHO - *Ezequiel Ferreira Lima Filho*
50. ANTONIA CONSTANCIA CORREA - *Antonia constancia Correa*
51. PEDRO CELESTINO GAVILAN - *Pedro Celestino Gavilan*
52. HAROLDO MARTINS BORRALHO - *Haroldo Martins Borralho*
53. MARILUCE BITTAR - *Mariluce Bittar*
54. SERGIO APARECIDO DA SILVA ONÇA - *Sergio*
55. JOANA ALVARES FERNANDES RAMOS - *Joana Alvaes Fernandes Ramo*
56. JOSÉ FRANCISCO DE OLIVEIRA - *José Francisco de Oliveira*
57. EDIVALDO ORÁCIO ALVES - *Edivaldo oracio Alves*
58. MARLI MARIA ALVES - *Marli Maria Alves*
59. JOÃO CARLOS ALVES - *Joao Carlos Alves*
60. LUIZ CARLOS RODRIGUES DE SOUZA - *Luiz CARLOS Rodrigues Souza*
61. LUIZ CARLOS DE BARROS - *Luiz Carlos de Barros*
62. RAIMUNDO CRISPIM NOGUEIRA - *Raimundo Crispim Nogueira*
63. HELENA PEDRO DA SILVA - *Helena Pedro da Silva*
64. JOSÉ FERREIRA DE MORAES - *José Ferreira de Moraes*
65. IVONE SANTOS BEZERRA - *Ivone dos Santos Bezerra*
66. HENRIQUE RIBOLI - *Henrique Riboli*

- 67- JOSÉ RODRIGUES DE SOUZA - José
- 68- TEREZA NUNES DA SILVA - Tereza
- 69- MANOEL CAMARGO FERREIRA BRONZE - Manoel
- 70- JOÃO SILVA DE SOUZA - João Silva de Souza
- 71- MÁRIO DIONEL DA SILVA - Mário
- 72- JOÃO MAURÍCIO CANCE - João
- 73- JOAQUIM FIRMINO DOS SANTOS - Joaquim Firmino dos Santos
- 74- TOLENTINO FÉLIX DE OLIVEIRA - Tolentino Félix de Oliveira
- 75- MARIA REZENDE DE OLIVEIRA - Maria Rezende de Oliveira
- 76- ANTONIO FERREIRA - Antonio Ferreira
- 77- ALCIDES BARTOLOMEU DE FÁRIA - Alcides
- 78- MARIA RITA T. GORDIN - Maria Rita T. Gordin
- 79- ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA - Antonio Carlos de Oliveira
- 80- MARIA AUXILIADORA DOPRADO - Maria Auxiliadora do Prado
- 81- JOÃO RAMÃO PERES - João Ramão Peres
- 82- MARIETE FÉLIX ROSA - Mariete Félix Rosa
- 83- HILDA DA COSTA - Hilda da Costa
- 84- MIGUEL AUGUSTO - Miguel Augusto
- 85- MÁRIO JARA - Mário Jara
- 86- ADELZI ROSA DE OLIVEIRA - Adelzi Rosa de Oliveira
- 87- ELIZA BETH ROSA DE OLIVEIRA - Elizabeth Rosa de Oliveira
- 88- MARIA APARECIDA SILVA DE OLIVEIRA - Maria Aparecida da Silva de Oliveira
- 89- PEDRO BARBOSA LIMA - Pedro Barbosa Lima
- 90- JOEVA CORREA RIBEIRO - Joeva
- 91- OLMAR MOURA - Olmar Moura
- 92- WOLNEY RICARDO PEREIRA MARTINS - Wolney Ricardo Pereira Martins
- 93- ADAUTO MEDEIROS - Adauto
- 94- GILMAR ARRUDA - Gilmar
- 95- CARLOS MENA BARRETO - Carlos Mena Barreto
- 96- MARLENE MARIA DOS SANTOS - Marlene Maria dos Santos
- 97- ANTONIO GENÉSIO DE JESUS - Antonio
- 98- IRINEU WERNER - Irineu Werner
- 99- CELSO PEREIRA RAMOS - Celso Pereira Ramos
- 0- FRANCISCO SILVA DE OLIVEIRA - Francisco Silva de Oliveira

Ao final, praticamente de 40 horas de trabalho, a obra foi finalizada. O trabalho acadêmico nem um texto de memórias, mas sim o pano de fundo das campanhas de

- 101- ENERINA RIBEIRO DA SILVA - Enerina Ribeiro Silva
- 102- JOSÉ ALVES RIBEIRO DE SOUZA - José A. L. Ribeiro de Souza
- 103- MARIA SELMA DE SOUZA MARQUES - Maria Selma S. Marques
- 104- JOSEFA FERREIRA DA SILVA - Josefa Ferreira da Silva
- 105- OSVALDO FELICIO DOS SANTOS - Osvaldo Felício dos Santos
- 106- SILVIA PEREIRA DA SILVA - Silvia Pereira da Silva
- 107- GUARACIABA DA SILVA - Guaraciaba da Silva
- 108- ANTONIO PEREIRA DA SILVA - Antonio Pereira da Silva
- 109- INOCENCIO LOPES DOS SANTOS - Inocencio Lopes dos Santos
- 110- GREGÓRIO CACERES - Gregório Caceres
- 111- UBALDINO FILHO SARAVY - Ubaldo Filho Saravy
- 112- RAMÃO LOPES DE SOUZA - Ramão Lopes dos Santos
- 113- WILSON DE SOUZA BARBOSA - Wilson de Souza Barbosa
- 114- JOAQUIM MOREIRA SILVA - Joaquim Moreira Silva
- 115- IRENE DA SILVA PIRES - Irene da Silva Pires
- 116- VALDIVINA FERREIRA BRANDÃO - Valdivina Ferreira Brandão
- 117- VERAGILINO LOPES BAMBIL - Veragilino Lopes Bambil
- 118- BENJAMIM FERNANDES BAILEIRO - Benjamim Fernandes Baileiro
- 119- VALDEMIR PAULINO DA SILVA - Valdemir Paulino da Silva
- 120- LUZIA CANDIDA BUENO CARVALHO - Luzia Candida B. Carvalho
- 121- FAUSTINO SOUZA - Faustino Souza
- 122- EULÓGIA CARDENA - Eulógia Cardena
- 123- VERONICA CARDENA - Verônica Cardena
- 124- JOSÉ CASMO AURELIO DA SILVA - José Casmo Aurélio da Silva
- 125- JOSÉ JOÃO DE SÁ - José João de Sá
- 126- OSVALDO CIPRIANO DA SILVA - Osvaldo Cipriano da Silva
- 127- RITA AURELIO DA SILVA - Rita Aurélio da Silva
- 128- JEOMEDES CORREA PINHEIRO - Jeomedes Correa Pinheiro
- 129- MARIA DA CRUZ SIQUEIRA NANTES - Maria da C. S. Nantes
- 130- ALCIDES DE PAULA NANTES - Alcides de Paula Nantes
- 131- DULCELINA BERTHOLDO MILAVES - Dulcelina Bertholdo Milaves
- 132- ONILDA OURIVEIS - Onilda Ouriveis
- 133- LILIAN MARIA ORTIZ CONES - Lilian Maria Ortiz Cones
- 134- JOÃO CELESTINO DE OLIVEIRA - João Celestino de Oliveira

- 135- JOSÉ LEITE CAMPOS FILHO - *José Leite Campos Filho*
- 136- NADIR BARGAS DA COSTA - *Nadir Bargas da Costa*
- 137- FLORENTINA SOARES DA SILVA - *Florentina Soares da Silva*
- 138- MARIA RITA DA SILVA - *Maria Rita da Silva*
- 139- MARIA DE LOURDES DA SILVA - *Maria de Lourdes da Silva*
- 140- JOÃO ANDRÉ - *João André*
- 141- VICENTE AGOSTINHO DE OLIVEIRA - *Vicente Agostinho de Oliveira*
- 142- MARIA VICENTE DE OLIVEIRA - *Maria Vicente de Oliveira*
- 143- JESUE DJALMA CARDOSO - *Jesue Djalma Cardoso*
- 144- JOANA RAMONA FERNANDES - *Joana Ramona Fernandes*
- 145- DIOMEDES ARAUJO FRANCA - *Diomedes Araújo Franca*
- 147- JOSÉ AIRTON SARAIVA - *José Ailton Saraiva*
- 148- MARIA OUTO - *Maria Outo*
- 149- ALBERTINO OUTO - *Albertino Outo*
- 150- STENIO RODRIGUES CHAVES - *Stenio Rodrigues Chaves*
- 151- IRACEMA CONCEIÇÃO - *Iracema Conceição*
- 152- MARIA DE JESUS CARDENAS - *Maria de Jesus Cardenas*
- 153- MARIA FERREIRA MARTINS - *Maria Ferreira Martins*
- 154- SEBASTIÃO FERREIRA MARTINS - *Sebastião Ferreira Martins*
- 155- JOANA MOREL - *Joana Morel*
- 156- ALDO LEITE DA SILVA - *Aldo Leite da Silva*
- 157- FRANCISCO GOMES DA SILVA - *Francisco Gomes da Silva*
- 158- IARA PEREIRA DA SILVA - *Iara Pereira da Silva*
- 159- ODIR ALVES FERREIRA - *Odair Alves Ferreira*
- 160- JULIA INERACIA FERREIRA - *Julia Ineracia Ferreira*
- 161- ARQUIMEDES CARLOS MARTINS - *Arquimedes Carlos Martins*
- 162- JUSCELINO ANTUNES BAKARGI - *Juscelino Antunes Bakargi*
- 163- RENATO CASTRO ABUD - *Renato Castro Abud*
- 164- JAIR DE OLIVEIRA CAMPOS - *Jair de Oliveira Campos*
- 165- MARIA JOANA CAMPOS - *Maria Joana Campos*
- 166- DIONE APARECIDA CHAVES DE OLIVEIRA - *Dione Aparecida Chaves de Oliveira*
- 167- LUIZ BARBOSA DE OLIVEIRA - *Luiz Barbosa de Oliveira*
- 168- MARIA GOMES LIMA - *Maria Gomes Lima*
- 169- OLEZAR CONCEIÇÃO DA SILVA - *Oleazar Conceição da Silva*

170 - GUDO DE ANDRADE LOPES - *Gudo de Andrade Lopes*

171 - TEREZINHA MESQUITA GRANJA - *Terezinha Mesquita Granja*

172 - MANOEL GERAÍM DUTRA - *Manoel Geraím Dutra*

173 - JOSÉ MILTON DE MIRANDA - *José Milton de Miranda*

174 - VALDIR NANTES FERREIRA - *Valdir Nantes Ferreira*

174 - BERTO LUIZ CURVO - *Berto Luiz Curvo*

Os vinte e oito dias do mês junho de um mil novecentos e oitenta e um na Câmara Municipal de Campo Grande, com a presença do Senhor Francisco Pedro Vilanova, Procurador da Justiça Eleitoral, reuniram-se os filiados do Partido dos Trabalhadores deste Município em Assembleia Municipal para aprovação do Manifesto, Programa e Estatuto e eleição dos membros efetivos e respectivos suplentes do Diretório Municipal, e de um delegado e respectivo suplente à Convenção Regional do Partido dos Trabalhadores. As nove horas, o presidente da Mesa Senhor Carlos Maria Barreto, membro da Comissão Diretora Municipal Provisória, deste município, deu início à Convenção lendo o Edital de Convocação, que foi afixado no Cartório Eleitoral de Campo Grande, no dia 15 (quinze de junho) anunciando a existência de 586 (quinhentos e oitenta e seis) filiados aptos a votar, após designar, para secretariar os trabalhos a Senhora Maria Auxiliadora do Prado, o Senhor presidente franqueou a palavra a quem dela quizesse fazer uso, para discutir o Manifesto, o Programa e o Estatuto do Partido dos Trabalhadores, sendo que o primeiro a fazer uso da palavra, o Secretário Geral do Partido dos Trabalhadores Senhor Aldeides Bartolomeu de Sá, a seguir, Valdir Arantes Fontana e Aurélio Carneiro Junior, após a falação, o presidente determinou que se passasse à votação, anunciando antes a chapa completa de candidatos e membros efetivos e suplentes do Diretório Municipal e a delegado e respectivo suplente à Convenção Regional do Partido dos Trabalhadores. As nove horas, digo, e que a mesma fora registrada no prazo legal. Iniciada a chamada dos conveniencionais os trabalhos se estenderam até as dezessete horas, quando foi iniciada a votação dos eleitores. Durante a votação não se verificou nenhum protesto, impugnação ou reclamação, após o fim dos trabalhos o Senhor Procurador da Justiça Eleitoral assinou a lista


J. de OLIVEIRA

de presença, lançada no mesmo livro de convenções, encerrando-a
votaram cento e setenta e quatro convencionais, verificando-se que vota-
ram filiados em número superior ao quorum exigido; na votação
obteve os seguintes resultados - votos válidos: cento e sessenta e nove,
votos em branco: dois, votos nulos: três, em consequência da pe-
titoria ter emitido um número na relação de presença. Ficou a mesma
encerrada com o número cento e setenta e quatro A (A). Em consequên-
cia o senhor presidente declarou aprovado o Manifesto, o Programa e o Es-
tututo do Partido dos Trabalhadores, obedecida a ordem de colocação
na chapa, os elitos para o Diretório Municipal são os seguintes.
Membros efetivos - Antônio João P. da Silva, brasileiro, solteiro, estudan-
te, nascido aos vinte e seis de julho do ano de hum mil novecentos e
cinquenta e dois, Carlos Mina Garruto, brasileiro, solteiro, secretário,
nascido aos vinte e seis de setembro do ano de hum mil novecentos e
cinquenta e seis, Jandir de Oliveira Campos, brasileiro, casado,
pedreiro, nascido aos três dias de fevereiro do ano de hum mil no-
vecentos e quarenta e nove, Haroldo Martins Borralho, brasileiro, ca-
pado, tipógrafo, nascido aos dezesseis dias de setembro do ano de
hum mil novecentos e cinquenta e quatro, Antônio Pereira dos Santos,
brasileiro, solteiro, encanador, nascido aos onze dias do mês de novembro
do ano de hum mil novecentos e quarenta, João Silva de Souza, brasilei-
ro solteiro, garçom, nascido aos oito dias do mês de março do ano
de hum mil novecentos e cinquenta e oito, Tereza Nunes da Silva, brasi-
leira, solteira, estudante, nascida aos dezesseis dias do mês de setem-
bro do ano de hum mil novecentos e cinquenta e sete, Francisco Gomes
da Silva, brasileiro, casado, lavrador, nascido aos dez dias do mês
de dezembro de hum mil novecentos e quarenta e três, Maria Somay
da Silva, brasileira, solteira, doméstica, nascida aos nove dias do
mês de abril do ano de hum mil novecentos e trinta e oito, Tatiana
Elena Gotardo, brasileira, solteira, fiscal de peças, nascida aos
seis dias do mês de março do ano de hum mil novecentos e cinquen-
ta e seis; o líder da bancada na Câmara Municipal, Oculina
Balthardo Telares, brasileira, casada, doméstica, nascida aos vinte e
sete dias do mês de setembro do ano de hum mil novecentos e trinta e

final,

40

pensar

sim

trabalho

acadêmico

nem

um texto

de memórias

data-subjeivamente

dos: Mariluce Bittar, brasileira, solteira, estudante, nascida aos
dois dias do mês de fevereiro do ano de hum mil novecentos e ses-
senta; Maria Auxiliadora do Prado, brasileira, solteira, estuda-
te, nascida aos dezessete dias do mês de janeiro do ano de hum mil
novecentos e sessenta e um; Antonio Américo de Jesus, brasileiro, solteiro,
barrameiro, nascido aos trize dias do mês de julho do ano de hum mil
novecentos e cinquenta e oito; Donato Aurélio da Silva, brasileiro,
casado, pintor, nascido aos vinte e dois do mês de março do ano
de hum mil novecentos e quarenta e oito; Terezinha Mesquita Grampa,
brasileira, solteira, professora, nascida aos dezesseis dias do mês de No-
vembro do ano de hum mil novecentos e cinquenta e um; Wilson de Souza
Barbosa, brasileiro, solteiro, estudante, nascido aos vinte e quatro dias de
janeiro do ano de hum mil novecentos e cinquenta e sete; Antonino
Pinto Lages, brasileiro, casado, comerciante, nascido aos doze dias do
mês de maio do ano de hum mil novecentos e trinta e oito; Angela
Maria Aurélio da Silva, brasileira, solteira, lida do lar, nascida aos
doze dias do mês de agosto do ano de hum mil novecentos e sesen-
ta e um; Mario Rissinel da Silva, brasileiro, solteiro, bancário, nasci-
do aos três dias do mês de fevereiro do ano de hum mil novecentos e
cinquenta e sete; Membros suplentes: Mario Rodrigues da Silva,
brasileiro, solteiro, motorista, nascido aos vinte dias do mês de julho
do ano de hum mil novecentos e cinquenta e quatro; Maria Rita T.
Ordin, brasileira, solteira, estudante, nascida aos vinte e cinco dias
do mês de maio do ano de hum mil novecentos e cinquenta e sete;
João Miato, brasileiro, solteiro, farrador, nascido aos dezesseis dias do
mês de abril do ano de hum mil novecentos e trinta e dois; Gilmar
Arruda, brasileiro, solteiro, estudante, nascido aos dois dias do mês de
janeiro do ano de hum mil novecentos e sessenta e um; Alvaro Mou-
ça de Almeida, brasileiro, casado, jardineiro, nascido aos seis dias
do mês de agosto do ano de hum mil novecentos e vinte e seis;
Ivanir Camargo de Lima, brasileiro, solteira, lida do lar, nascida
aos vinte dias do mês de novembro do ano de hum mil novecentos
e cinquenta e três; Maria Gomes de Lima, brasileira, casada,
servente, nascida aos dezessete dias do mês de abril do ano de

5
Um mil novecentos e quarenta e três, para delegado a Convenção Regional, Haroldo Martins Borralho, brasileiro, casado, tipógrafo nascido aos dezesseis dias do mês de setembro do ano de um mil novecentos e cinquenta e quatro, para suplente de delegado a Convenção Regional, Gulabina Bertholdo Xavier, brasileira, casada, doméstica, nascida aos vinte e sete dias do mês de setembro do ano de um mil novecentos e trinta e dois, proclamados os eleitos foram impressos na forma da lei, em seguida, foram os membros do colégio eleitoral convocados para eleger a Comissão Executiva, em reunião marcada para as dez horas desse mesmo dia, nada mais havendo a tratar, o senhor presidente determinou a lavatura desta ata que lida e aprovada, vai assinada por mim secretário, Maria Auxiliadora do Prado, pelo senhor presidente Carlos Mena Barreto e pelo observador da Justiça Eleitoral.

Lista de Presença dos convenionistas da Convenção Municipal do Partido dos Trabalhadores - PT realizada no dia vinte e cinco do mês de julho do ano de um mil novecentos e cinquenta e dois.

Yandair de Oliveira Campos -
Carlos Mena Barreto -
João Silva de Souza -
Nereza Nunes da Silva -
Antonio Pereira dos Santos -
Mailice Bittar -
Maria Auxiliadora do Prado -
Antonio Genésio de Jesus -
Plenário Juvenil da Silva -
Antonino Pinto Lages -
Antonio João Pereira da Silva -
Juvenil Cance Junior -
Juvenil Cance Junior -
Antonio Carlos de Oliveira -

5. Gilmar Junca - C. J. J. L.

6. Juarez Moura de Oliveira - Alvaro Moura de Oliveira

~~Gilmar~~

Alvaro Moura de Oliveira

ta da Convenção Municipal do Partido dos Trabalhadores - PT
foi 25 (vinte e cinco) dias do mês de julho de 1982, às 15:00
horas, na Av. Afonso Pena (Paco Municipal) nesta cidade de Rio
de Janeiro, instalou-se a Convenção Municipal do Partido dos Traba-
lhadores - PT, sob a presidência do Sr. Jandir de Oliveira Campos,
presidente do Diretorio Municipal, que convidou para a mesa,
o Sr. Marcos Bandeira, Provador designado pelo Dr. Juiz Eleitoral
e o convencional Carlos Mena Barreto para secretariar o
trabalho. Foi lido o edital de convocação da Convenção, da
data de 16 (dezesseis) de julho de 1982, e afixado no Cartório de
Tribunal de Justiça Municipal. O Sr. Presidente comunicou que foi lido
o prazo e na fama da lei, a notificação pessoal a todos
municipais, assim como foi enviado o Dr. Juiz Eleitoral, e
afixação da Convenção. Em seguida o Sr. Presidente disse que
nada fora convocada para escolha dos candidatos e veradores
assenta pelo número legal de convenção e acompanhada do
consentimento dos candidatos que são os seguintes: Antônio Pa-
ge, Manoel Camargo Bronze, Amilton Lopes, Pedro Barbosa de
Almeida, Rodrigues de Souza, Artur Ribas, Alvaro Moura de Andrade,
Gilmar Junca, Antônio Barada Montenegro, João Batista, Inácio
de Lucas, Espiridião Antônio da Rocha, Maurício Tenório Ca-
valente, João Silva de Souza, Tereza Nunes da Silva, Renato Li-
ma da Silva, Jandir de Oliveira Campos, Carlos Mena Bar-
reto, Luiz Curvo, Márcia de Lourdes Rezende, Juscelino Antunes
de Sá, Regino Alves dos Santos, Sebastião Gregório, Orla
e Roberto Filho, Valmir Orendo, e Alberto Jara. Os editais
datilografados foram postos na calhama e os convençãois for-

6
Ata 16 (dezessis) votos sendo que o total de convenções de 23 (vinte e três), faltando 4 (quatro) convenções, não existindo votos brancos e nulos. Nesse o Sr. Presidente que iriam ser tomadas as providências para o registro dos candidatos, pedindo que os escolhidos entregassem, no mais breve prazo, na secretaria do partido os documentos exigidos por lei para o registro. Foi suspensa a sessão por vinte minutos para lavatura da ata. Realizada a sessão foi lida a presente ata, que foi aprovada por unanimidade e foi assinada pelo Sr. Presidente, pelo secretário e pelo observador da Justiça Eleitoral, pelos convenções que a desajam.

~~Assinado~~
Assinado: observador da Justiça Eleitoral
Maria Auxiliadora do Prado
Márcia
Manluce Rittor

~~Sessão~~
~~Assinado~~

“Portanto, o que lhes apresentamos nessa obra reflete a forma de pensar e de agir de Vander na política, onde as experiências e os personagens não são o foco, mas sim o pano de fundo. O que o leitor tem em mãos não é um trabalho acadêmico nem um texto de memórias. Trata-se, objetivamente, de um diálogo sobre tática e estratégia política, um pouco daquilo que Vander sistematizou e aplicou nas campanhas do PT e aliados e na construção da sua rede de ação política.”

“... o livro traz parte significativa da história política recente do estado, como o surgimento do PT em 1982; a histórica eleição de 1996 em Campo Grande; a vitória petista na disputa pelo governo estadual em 1998; as gestões de Zeca do PT como governador; a desistência da candidatura de André Puccinelli ao governo em 2002; as eleições de Vander para deputado federal; os bastidores de Brasília e a disputa de 2012 em Campo Grande.”

Os autores

“O Vander é político por vocação. Entregou os melhores momentos de sua vida ao PT e aos seus companheiros. Sempre estive na dianteira de outros pensadores, quando os ribeirinhos do rio Paraguai navegavam o rio na canoa com remo ou com zinga o Vander já navegava com lancha e motor de popa.”

“Político habilidoso, paciente, aprendeu desde cedo que a ciência da vida não é viver, mas sim conviver. Sempre acreditou em alianças, acredita mesmo que até DEUS teve de fazê-las com ABRÁÃO, MOISÉS, JOSUÉ, DAVI E SALOMÃO. E indaga: - Porque não praticar alianças entre partidos que, ocasionalmente são oposição ou situação, e por isso, dentro do sistema, faces da mesma moeda?”

João Leite Schimidt